

FACULDADE CÁSPER LÍBERO  
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

**JOGOS ORQUESTRAIS:  
VÍNCULOS SONOROS NAS JORNADAS ESPORTIVAS DA  
ELDORADO/ESPN**

RODRIGO FONSECA FERNANDES

São Paulo  
2010

RODRIGO FONSECA FERNANDES

**Jogos orquestrais:  
Vínculos sonoros nas jornadas esportivas da Eldorado/ESPN**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação na Contemporaneidade. Linha de pesquisa: Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento.

Orientador: Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes

São Paulo  
2010

FERNANDES, Rodrigo F. *Jogos orquestrais: Vínculos sonoros nas jornadas esportivas da Eldorado/ESPN*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.

**Banca examinadora**

---

**Prof. Dr. Norval Baitello Junior**  
**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

---

**Prof. Dr. Dimas A. Künsch**  
**Faculdade Cásper Líbero**

---

**Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes**  
**Faculdade Cásper Líbero**

## AGRADECIMENTOS

A Rosangela M. da Fonseca e Roberto Fernandes, pais cuidadosos e grandes incentivadores.

À Carla pelos vínculos amorosos, por compartilhar a vida e por me obrigar a ir até o fim.

Ao casal Bárbara Fernandes e Marcelo Simon, pela presença à distância e por trazer ao mundo o pequeno João Marcelo.

Aos amigos André Winkel, Bruno Schmidt, Carlos Cunha, Camila Polo e Sérgio Pinheiro, pelos vínculos profundos e sinceros.

Ao ilustre Prof. José Eugenio Menezes, meu primeiro professor de Comunicação, pelo ouvido cuidadoso, pela presença constante e por me proporcionar a alegria da vida acadêmica.

Aos professores Norval Baitello Jr. e Dimas Künsch, pela presença na banca de qualificação e defesa e pela leitura atenciosa e crítica deste trabalho.

Ao Prof. Newton Duarte Molon, pela grandeza em abrir as portas da sala de aula, pela paciência para me ensinar a docência e pela alegria de fazer de mim seu amigo.

Aos professores do Mestrado da Cásper Líbero: Laan Mendes de Barros, Sérgio Amadeu, Walter Lima, Dulcília Buitoni e Cláudio Novaes.

Aos amigos do GP Comunicação e Cultura do Ouvir: Marcelo Cardoso, Pedro Vaz, Luiz Fernando Vitral, Roseli Trevisan, Magaly Prado, Osório Cândido, Eliane Calixto, Júlia Lucia Albano e Elisa Marconi.

Aos amigos mestrandos e mestres: Eric de Carvalho, Carolina Goos, Daniela Siebel, Mara Rovida, Genilda Alves, Marcos Ryo, Ana Paula Kwitko, Fabíola Tarapanoff, Cândida Nobre, Juliana Gobbi, Lina Garrido e muitos outros que cometo a indelicadeza de não citar.

Aos professores da Cásper Líbero: Vilma Schatzer, Roberto Chiachiri, Walter Freoa, Francisco Nunes, Débora Burini, Maximino Boschi, Cláudio Arantes e Liráucio Girardi.

Aos alunos e amigos de Rádio e TV da Cásper Líbero: Mariana Guterman, Natália Pioli, Gabriel Sakamoto, Felipe Ferrari, Larissa de Lima, Bruna Lima, Carolina Almeida, Germano Martins, Patrícia Borba, Gilles Sonsino e Caio Ramos.

Aos alunos do 1º ano de Publicidade e Propaganda, que me ajudaram a pensar a Metodologia.

Aos amigos da Rádio Gazeta AM: Duca Reis, Carlos Hermínio, Bruno Bonsanti, Laura Neaime, Renata Câmara e Heloísa Rocha, além dos colegas da técnica e sonoplastia.

Aos profissionais da ESPN: Marcelo di Lallo, Fábio Amorim e Paulo Soares.

Aos entrevistados: Bruna, Jéssica, Natália, Eric, Mayra e Gabriel.

FERNANDES, Rodrigo F. *Jogos orquestrais: Vínculos sonoros nas jornadas esportivas da Eldorado/ESPN*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.

## RESUMO

Esta dissertação analisa as jornadas esportivas da *Rádio Eldorado/ESPN*, caracterizadas por vincular os ouvintes através de uma emissora de rádio por ondas eletromagnéticas, de um canal de televisão e da Internet. Partindo do princípio de que a *rádio-web* traz novas formas de manipulação de espaço e tempo, mapeia de que forma uma das grandes emissoras de rádio produz conteúdo esportivo na Internet. Os sujeitos de pesquisa são os ouvintes/interlocutores da *Rádio Eldorado/ESPN*. A abordagem metodológica é de cunho qualitativo e etnográfico, baseada em relatórios de observação, além de entrevistas em profundidade com profissionais da comunicação e ouvintes/interlocutores. A pesquisa fundamenta-se nas perspectivas teóricas da antropologia da comunicação, a partir da Escola de Palo Alto, além de autores da Semiótica da Cultura. Propõe, ainda, o termo “jogos orquestrais” como uma nova forma de abordar fenômenos comunicativos, corporais ou mediatizados, e buscar as relações que envolvem os atores da comunicação. Marcada por um caráter epistemológico compreensivo, levanta elementos vinculadores presentes na cultura do ouvir, mostra a vinculação sonora dos torcedores/ouvintes tecida na experiência direta vivida com os cinco sentidos nos estádios de futebol e na comunicação mediatizada nas jornadas esportivas.

**Palavras-chave:** Rádio. Webradio. *Rádio Eldorado/ESPN*. Jogos Orquestrais. Cultura do Ouvir. Vínculos Sonoros.

FERNANDES, Rodrigo F. *Jogos orquestrais: Vínculos sonoros nas jornadas esportivas da Eldorado/ESPN*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.

### ABSTRACT

This thesis analyses the *Rádio Eldorado/ESPN*'s sporting journeys, which are characterized by bonding listeners through a traditional radio station, a television channel and Internet. Considering radio-web as a means of creating new ways of manipulating space and time, it maps the way in which one of the biggest radio broadcasters in Brazil produces online sporting content. It has elected the listeners/interlocutors of *Rádio Eldorado/ESPN* as research subjects. Its methodological approach is qualitative and ethnographic and is grounded in observation reports and profound interviews with communication professionals and listeners/interlocutors. The research is based on the theoretical perspectives of Anthropology of Communication, especially from the Palo Alto Group, as well as Semiotics of Culture. It also proposes the term "orchestral games" as a means of approaching physical or mediatic communication phenomena and looking for relations involving the actors of communication. As it has a markedly comprehensive epistemological character it also points at bonding elements which can be found in the Culture of Listening and shows the sonorous bonding between supporters/listeners interlaced in the direct experience lived with five senses in football stadiums as well as in the mediatic communication fostered by sporting journeys.

**Key-words:** Radio. Web-radio. *Radio Eldorado/ESPN*. Orchestral games. Culture of listening. Sonorous bonding.

FERNANDES, Rodrigo F. *Jogos orquestrais: Vínculos sonoros nas jornadas esportivas da Eldorado/ESPN*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.

## RESUMÉ

Cette dissertation analyse les journées sportives à la Radio Eldorado/ESPN, laquelle a comme caractéristique lier les auditeurs par une station de radio traditionnelle, une chaîne de télévision et l'Internet. Selon le principe où la radio-web apporte de nouveaux moyens de manipulation de l'espace et du temps, elle analyse et planifie de quelle façon une des plus grandes stations de radio met en scène des contenus sportifs sur Internet. Les sujets de recherche sont les auditeurs/interlocuteurs de la Radio Eldorado/ESPN. L'approche méthodologique est d'empreinte qualitative et ethnographique, se fonde sur des rapports d'observation, en plus des interviews (sondages) avec des professionnels de la communication et des auditeurs/interlocuteurs. La recherche est fondée sur la perspective théorique de l'Anthropologie de la Communication, selon l'école Palo Alto, et encore sur quelques auteurs de la Sémiologie de la Culture. Elle propose aussi le terme "jeux orchestraux" comme une nouvelle manière d'aborder les phénomènes communicatifs corporels ou médiatisés, et découvre les relations qui entourent les acteurs de la communication. Marquée par le caractère épistémologique compréhensif, elle met en valeur les éléments de liaison présents dans la culture de l'écoute, montre la liaison sonore des supporters/auditeurs à partir de l'expérience directe vécue par les cinq sens dans les stades de football et dans la communication médiatisée des journées sportives.

**Mots-clé:** Radio. Radio-web. *Rádio Eldorado/ESPN*. Jeux orchestraux. Culture de l'écoute. Liens sonores.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. As jornadas esportivas: no Rádio, TV e Rádio-web .....</b>	<b>22</b>
1.1 A parceria Eldorado/ESPN.....	23
1.2 O Silêncio do rádio .....	30
1.3 Paisagens sonoras .....	37
1.4 Interação e construção coletiva da rádio-web .....	43
<b>2. Comunicação orquestral .....</b>	<b>48</b>
2.1 A Escola de Palo Alto .....	49
2.2 Gregory Bateson .....	52
2.2.1 Antropologia da comunicação ou pragmática? .....	55
2.2.2 A importância da antropologia da comunicação .....	57
2.3 Técnica, tecnologia e cultura contemporânea .....	59
2.4 Crise da ecologia do espírito .....	64
2.4.1 Ecologia e flexibilidade .....	65
<b>3. Cultura do ouvir .....</b>	<b>71</b>
3.1 O ouvir e a epistemologia compreensiva .....	72
3.2 Surdez .....	75
3.3 Silêncio .....	77
3.4 Ócio do ouvir .....	81
3.5 Vínculos sonoros .....	84
3.6 Jogo e som. O lúdico na construção simbólica da cultura .....	87
3.7 Cantos de paixão na construção da semiosfera .....	90
<b>4. Jogos orquestrais .....</b>	<b>95</b>
4.1 Cantos de torcida e performance .....	96
4.2 Rádio-web na jornada de corpos misturados .....	102



<b>AUDIÇÕES FINAIS .....</b>	<b>111</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>115</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>120</b>

## INTRODUÇÃO

No final da primeira década do século XXI, o rádio passa por um momento de redefinições, de mudanças nos suportes de transmissão e também de debates no campo científico quanto a certos paradigmas. Desde a primeira transmissão radiofônica no Brasil em 1922 e da fundação da primeira emissora brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro por Roquete Pinto, quando era acessível apenas às pessoas de alta renda (MOREIRA, 1991: 15), o rádio passou por diversas provações como um *medium*<sup>1</sup> de grande importância na vida das pessoas. Foi tido como o sucessor do jornal, depois como ultrapassado na explosão dos aparelhos de televisão. Agora, novamente, o rádio encontra-se envolvido em novas formas de produção, compartilhamento e uso das informações. É possível notar que a temática da “morte do rádio” vem chegando ao esgotamento, com praticamente um consenso sobre sua permanência (CUNHA, 2004).

Surgem, nesses novos formatos, alguns aspectos que influenciam a linguagem do rádio tradicional. Além dos elementos sonoros, convergem no rádio disponível na Internet as imagens e o hipertexto. A presente pesquisa pretende colaborar com os estudos que vêm sendo realizados desde a década de 1990 (KISCHINHEVSKY, 2007) sobre o rádio em um período de convergências. Com efeito, uma das principais características desse *medium* é a ampliação da cobertura geográfica das transmissões radiofônicas, como cita Kischinhevsky:

O rádio via Internet é essencialmente desterritorializado e não-massivo. Permite a recepção a partir de pontos remotíssimos do globo, beneficiando diretamente populações que, por motivos diversos, moram fora de seus países de origem e que antes só dispunham das limitadas ondas curtas (2007: 116).

Um ouvinte assíduo de uma emissora de notícias, por exemplo, que se veja obrigado a mudar para um país distante, terá acesso à sua rádio no ambiente do ciberespaço. Os novos ouvintes ou interlocutores multimídia adaptam-se às novas linguagens do rádio e às novas formas de organizar as informações e, principalmente, percebem a sonoridade no ambiente do hipertexto.

As novas tecnologias de produção, transmissão e reprodução radiofônica alteram a forma de interação e de vínculos entre o interlocutor e o suporte mediático. Lembramos da

---

<sup>1</sup> Adotamos a nomenclatura *medium* e *media* com o objetivo de manter a origem do termo. Cf. MARCONDES FILHO, Ciro. *Dicionário da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 251.

época em que os primeiros dispositivos de gravação, como as fitas cassete, permitiram que o ouvinte/interlocutor armazenasse sons efêmeros, antes apenas passíveis de escuta na fonte (OBICI, 2008: 22). O pesquisador Marcelo Kischinhevsky também ressalta as mudanças na relação entre produtores e receptores das transmissões radiofônicas:

Ele estabelece [rádio na Internet] uma descontinuidade nas relações entre emissor-receptor, possibilitando o surgimento de audiências assíncronas e a recuperação de programas, entrevistas e especiais que já foram ao ar (2007: 116).

Os ouvintes/interlocutores aprendem a ouvir na Internet, articulando a linguagem sonora com o ambiente hipertextual. As fronteiras do som se expandem e esses ouvintes voltam a ser nômades (LÉVY, 1999). O som terá uma função importante nesse redimensionamento espacial que podemos atingir através do ciberespaço. Segundo Murray Schafer, “a definição do espaço por significados acústicos é muito mais antiga do que o estabelecimento de cercas e limites de propriedade” (2001: 58). Desta forma, podemos partir do pressuposto que os sons irão se confrontar em um espaço virtual, podendo gerar grandes sinergias ou dissonâncias. Ouvintes poderão assimilar paisagens sonoras que lhes são familiares ou não. Essas barreiras sonoras, agora transpostas em ambientes acessíveis em grande velocidade, farão parte de um novo repertório para aqueles que ousarem explorar tais ambientes.

Essa nova forma de interagir com o ciberespaço é observada também por Lucia Santaella ao classificar o leitor internauta como “leitor imersivo”, que ao contrário de um leitor contemplativo, busca com liberdade as informações que procura num universo de signos disponíveis. De um leitor que percorria bibliotecas, o “leitor imersivo” agora está de prontidão para navegar num labirinto interativo. “Enfim, o que se tem aí é um universo novo que parece realizar o sonho ou alucinação borgiana da biblioteca de Babel, uma biblioteca virtual, mas que funciona como promessa eterna de se tornar real a cada ‘clique’ do *mouse*” (SANTAELLA, 2004: 33).

Vera Lucia S. Raddatz, ao estudar rádios de fronteiras do sul do Brasil, capta a essência do ouvinte da rádio-web ao afirmar que as emissões via *web* são “para um cidadão capaz de ler, compreender e assimilar diferentes códigos, sem necessariamente perder suas convicções ou raízes”. Enfatiza que o ouvinte/interlocutor da rádio-web consegue “distinguir

as diferenças e conviver com elas, mesmo sem aceitá-las, respeitando-as dentro do princípio da alteridade” (RADDATZ, 2007: 98).

Observamos, portanto, que é possível encontrar novos vínculos sonoros nessa forma diferente de ouvir (e ver) rádio. A quebra da linearidade temporal e as expansões espaciais para além dos limites das ondas sonoras possibilitam, na nossa leitura, uma nova rede de vínculos que desejamos observar e compreender.

Partimos, com efeito, na tentativa de situar a rádio-web no contexto da fluidez das informações, uma análise crítica da supervalorização da velocidade das conexões e da saturação de imagens em todos os ambientes de comunicação. Buscamos contextualizar o som em geral, e as rádios de forma específica, nas novas dinâmicas impostas pelo ciberespaço, exigindo um olhar antropológico, direcionado a quem produz e distribui as informações no ambiente virtual. Mesmo vivendo em tempos de tecnologia, é o momento de não abordar o espaço virtual como ferramenta técnica, mas como um ambiente por onde fluem os conhecimentos, símbolos, sons, imaginações, inquietações, corpos e espíritos dos cidadãos que habitam um ambiente físico, que se relacionam também a partir de um espaço público tradicional das cidades, e que buscam novas formas de estar em comunhão com os outros, usando para isso seus códigos culturais e suas percepções sensoriais.

### **A rádio-web e questões terminológicas**

No Brasil, existem divergências quanto à primeira emissora a transmitir conteúdos radiofônicos via Internet<sup>2</sup>. Na década de 1990 observamos as primeiras tentativas de compartilhamento de conteúdo de rádio no ciberespaço: “A Rádio Klif, no Texas, Estados Unidos, foi a primeira emissora comercial a transmitir de forma contínua e ao vivo através da internet, a partir de setembro de 1995” (PRATA, 2009: 61).

Já em 1996, nos Estados Unidos, mais de mil estações desenvolveram páginas na Internet, numa época em que o Brasil não contava com mais de 20 emissoras na mesma situação (MOREIRA, 1999: 213).

---

<sup>2</sup> Alguns pesquisadores consideram o *Manguetronic Net Radio* o primeiro programa de rádio na Internet da América Latina (BUFARAH, Jr., 2003: 06). Já a Radio Totem, fundada em 1998, é tida como a pioneira no Brasil.

O Brasil mostra defasagens no desenvolvimento do rádio no ciberespaço, pois a primeira rádio na Internet brasileira surgiu três anos após a americana:

Aqui no Brasil, a webradio só chegou três anos depois dos Estados Unidos. No dia cinco de outubro de 1998 entrou em funcionamento a Rádio Totem, a primeira emissora brasileira com existência apenas na Internet (PRATA, 2009: 62).

O pesquisador Álvaro Bufarah Jr. buscou as origens do rádio na Internet no Brasil (2003), ressaltando alguns movimentos culturais como o *Mangue*, que em 1995 lançou o site *Mangue Bit*, um dos pioneiros no compartilhamento de áudio através da ferramenta de reprodução *Real Áudio* (2003: 06).

Outro desafio dos estudos recentes sobre rádio e suas novas interfaces tem sido a tentativa de sua classificação como gênero e a definição de uma terminologia apropriada. Nair Prata (2009) utiliza o termo *webradio*, argumentando que esta deve ser entendida como “uma grande constelação de elementos significantes sonoros, textuais e imagéticos abrigados no suporte Internet” (2009: 60). Fica evidente a ênfase nos elementos sonoros, visuais e hipertextuais. Mais do que falar em convergência entre *media*, o rádio passa por um momento de releitura de suas atribuições.

A pesquisadora Lígia Maria Trigo-de-Souza nos lembra que

ao falarmos sobre as emissoras que se multiplicam na *web* devemos ter em mente três grandes grupos: as emissoras *offline*, as emissoras *online* e as Net ou WebRádios, conceitos vinculados à disponibilização de programações radiofônicas pela rede (TRIGO-DE-SOUZA, 2004: 03).

Notadamente, Trigo-de-Souza adota o nome *webradio* para definir, diferentemente de Prata, apenas as rádios com conteúdos específicos para a Internet. Em nossa pesquisa, abordaremos apenas as rádios que Trigo-de-Souza define como *online*, ou seja, as emissoras de rádio tradicionais com suporte *dial* e com conteúdo e programação simultânea via Internet. Contudo, a parceria *Eldorado/ESPN* só pode ser considerada, nos termos de Trigo-de-Souza, uma rádio *online* se levada em conta a programação da *Rádio Eldorado*, estabelecida no *dial*. Bem entendido, estamos tratando de uma parceria entre meios e não de uma nova emissora de rádio com conteúdo em ondas magnéticas e na Internet.

Na presente dissertação, trataremos as emissoras de rádio como “rádio-web”, bem entendido, empresas consolidadas de transmissão de conteúdo radiofônico via ondas magnéticas, que disponibilizem simultaneamente sua programação na Internet, sem que isso

tenha a intenção de classificá-las como um novo *medium*. Não é objetivo deste estudo a criação de um novo termo, que complete ou confronte os termos antes apresentados. Deixamos a palavra rádio na frente, apenas fechada com a terminologia *web*. Assim, damos maior ênfase às principais características do rádio tradicional, que são aproveitadas na Internet pelas grandes emissoras, além de deixar claro que não se trata de um estudo das rádios criadas especificamente para a Internet. Com efeito, essa nomenclatura pretende deixar clara a necessidade da definição de uma identidade própria desse novo formato, respeitando sua relação com o rádio tradicional.

Para conseguirmos envolver uma emissora de rádio conceitualmente no ciberespaço, devemos definir algumas características que acreditamos serem as mais pertinentes para o atual momento do desenvolvimento tecnológico da transmissão radiofônica.

A técnica ainda em aperfeiçoamento no fluxo de dados pelo ciberespaço limita o desenvolvimento das rádios-web. As grandes emissoras de rádio no Brasil ainda contam com uma maioria de ouvintes conectados pelas ondas magnéticas sintonizadas pelo dial. Segundo Nair Prata

é importante destacar, também, que a webradio não pode ser acessada, ao mesmo tempo, por uma massa incontável de usuários como no rádio hertziano, pois o número de acessos simultâneos é limitado e depende da configuração técnica do servidor (2009: 60).

Veremos adiante como se dão os fluxos de dados em uma transmissão radiofônica pelo ciberespaço, levantando inclusive questionamentos quanto à necessidade de se repensar o termo “transmissão”.

Outras atribuições marcam a discussão acerca dos novos termos empregados no rádio via ciberespaço. Uma delas é a inserção de imagens nas programações radiofônicas, principalmente entre as grandes emissoras, que instalaram câmeras de vídeo dentro dos estúdios, possibilitando ao ouvinte/interlocutor acompanhar a performance de seu locutor não apenas através do som, mas também com o auxílio de imagens. Meditsch (2001: 228-229) recorre a Rudolf Arnheim para dizer que o rádio necessita de três elementos básicos para ser caracterizado como tal: ser sonoro, invisível e transmitido em tempo real. Para Meditsch, essa definição é importante para a identificação do rádio como um *medium* mesmo no ambiente do ciberespaço, pois a mudança no suporte não restringe as principais características do rádio citadas por Arnheim. Os ouvintes/interlocutores continuarão a procurar informação e

vinculações em tempo real e através da sonoridade. É importante ressaltar também que a introdução de imagens na rádio-web ainda não a define como audiovisual, assim como a TV, pois as imagens ali geradas não passam de registros das ações dos locutores. A performance comunicativa do locutor está ainda baseada nos sons e nas narrativas, aliada às vinhetas, músicas, publicidade e outros elementos que, combinados, estabelecem uma sintaxe radiofônica (SILVA, 1999).

### **As primeiras jornadas esportivas**

Em São Paulo, a primeira irradiação esportiva aconteceu em 1931, nove anos depois da chegada do rádio no Brasil, na voz de Nicolau Tuma, então locutor da *Rádio Educadora* (SOARES, 1994: 13), que criou um estilo ainda muito comum entre locutores esportivos de fazer uma narração descritiva, dando valor à fidelidade dos acontecimentos. Em seu livro *A bola no ar* (1994), Edileuza Soares ressaltava que

naquela tarde [da primeira transmissão], Nicolau Tuma pede ao ouvinte para tentar pensar num retângulo na sua frente ou então para pegar uma caixa de fósforos e visualizar o campo, onde vai começar a partida entre as duas seleções (1994: 30).

Assim, o rádio acolhe as jornadas esportivas em sua programação, ainda sem recursos tecnológicos de transmissão e com uma característica de descrição dos acontecimentos. Nicolau Tuma ficou conhecido como o “*speaker*<sup>3</sup> metralhadora”, pois como se preocupava em descrever todos os fatos da partida, sua locução acabava ficando demasiadamente acelerada. Numa época em que os estádios de futebol eram acanhados, ou distantes, não havia entre os torcedores o hábito de assistir *in loco* as partidas. A partir da difusão das narrações de Tuma, passou a ser comum a aglomeração de torcedores perto de auto-falantes de rádio em lojas ou em locais públicos.

A leitura de jornais da época comprova que, quando o rádio começou a fazer suas transmissões diretas de esporte, muitos torcedores preferiam acompanhar a narração radiofônica a ir ao campo (SOARES, 1994: 39).

---

<sup>3</sup> Na época os locutores eram conhecidos pelo termo em língua inglesa *speaker*.

Desde então as jornadas esportivas foram ganhando diferentes formatações, principalmente com a introdução de comentaristas e repórteres, estendendo também o tempo do programa para antes e depois dos jogos. Assim o esporte, e o futebol especificamente, passaram a ocupar espaços importantes nas grades de programação das principais rádios brasileiras. Notadamente, futebol e rádio é uma combinação que se mantém apesar de todas as mudanças pelas quais o rádio já passou ao longo dos seus anos. Fato ressaltado também por Edileuza Soares:

Chama a atenção o fato de a irradiação esportiva manter-se ativa desde o início da década de 30, enquanto estão extintos o rádio-teatro, a radionovela, os grandes musicais, os programas humorísticos e os de auditório, seus contemporâneos (SOARES, 1994: 13).

Acreditamos que um dos motivos do sucesso da parceria entre rádio e futebol se deve ao fato de o futebol ser um evento de grande importância na vida cultural brasileira, diferentemente dos gêneros radiofônicos citados por Soares, que foram criados pelo rádio e dependiam de uma aceitação popular para se manterem. Os profissionais souberam se apropriar do futebol e transformá-lo em algo apreciável e rentável quando transmitidos pelas ondas do rádio. Com efeito, muitas características das transmissões radiofônicas se modificaram de Tuma até os dias de hoje, contudo rádio e futebol ainda estão ligados por um laço essencial, chamado “emoção”. Baseado nos elementos sonoros, simbólicos e lúdicos presentes no ambiente do futebol, discutiremos no decorrer de nossa pesquisa os sons das jornadas esportivas, buscando responder à pergunta “de que forma o ouvinte/interlocutor orchestra seus vínculos sonoros na escuta da *Rádio Eldorado/ESPN* e nas suas experiências vividas no estádio de futebol?” Para nos ajudar a responder a essas perguntas, iremos ao encontro de pesquisadores de diversos campos das Ciências Humanas, passando pelos estudos dos sons, pela Antropologia e pelas Teorias da Comunicação.

## **Metodologia**

Para buscar entender quais são os vínculos que unem os ouvintes/interlocutores ao jogo e aos seus narradores e comentaristas favoritos, decidimos utilizar como *corpus* de pesquisa os ouvintes da *Rádio Eldorado/ESPN*, por se tratar de uma parceria recente e



importante entre duas emissoras de comunicação. Assim, temos não apenas um objeto que está em fase de aprimoramento e de experimentação, como também temos a chance de olhar para uma parceria que preza pela convergência de *media*, o que acreditamos ser peça fundamental para compreender os novos rumos da produção radiofônica.

Em artigo, o pesquisador Alex Primo reflete sobre uma metodologia dos laços de relacionamento nas comunidades virtuais, afirmando que não é possível estudar performances comunicativas apenas partindo de dados quantitativos da informação e da transmissão. Para Primo,

a descrição dos fluxos de informação e da interconexão dos nós de uma rede não são suficientes (ainda que necessários) para o estudo de processos sociais em rede. A descrição de links certamente pode oferecer indícios da relação entre os participantes de uma rede. Contudo, os links podem indicar tão-somente um contato em um dado instante. Como se pode investigar que relacionamentos existem (e se existem) entre tais interagentes? E que qualidade têm essas relações? (PRIMO, 2007: 139-140).

Na sua proposição para estudar as comunidades virtuais, Primo se baseia nos conceitos de Granovetter de que as pessoas se relacionam a partir de laços fortes (familiares e amigos próximos) e fracos (pessoas conhecidas).

Assim, Primo construiu seu corpus de pesquisa a partir dos possíveis laços fortes e fracos, com o objetivo de ter elementos para observar a “forma” das relações, ou seja, os códigos que estão por trás delas. O conceito da forma das relações, Primo extrai dos estudos de Gregory Bateson, autor que será amplamente abordado nesta pesquisa.

Em nossa pesquisa, contudo, lidamos com um tipo de relação que existe, em diversos casos, apenas no ciberespaço. Com efeito, aqueles que fazem uso das ferramentas de interação como os fóruns, não possuem a princípio aparentes “laços fortes”, tanto com o canal de interação, quanto com os outros participantes do debate. Buscamos, então, qualificar esses laços fracos e observar em que medida eles convivem no ciberespaço, praticando a democracia e partilhando experiências.

Parece clara a necessidade de qualificar os dados, para que não se tenha uma visão numérica das relações, já que o que interessa são os códigos de interação humana observados nas ações. Assim, praticamos uma observação distanciada, não participativa, dos encadeamentos das conversações nos fóruns *A voz da torcida*, presentes nos sites [www.espn.com.br](http://www.espn.com.br) e [www.territorioeldorado.com.br](http://www.territorioeldorado.com.br), além do perfil do *twitter* da *Eladorado/ESPN* e o mural de recados do site da *ESPN*, totalizando 15 jornadas esportivas.

Vale ressaltar que os textos postados pelos ouvintes/interlocutores nos espaços de interação da *Eldorado/ESPN* foram compilados neste trabalho de forma fiel, mantendo a grafia própria da linguagem da Internet e os eventuais erros de português.

Além dessa observação não-participante, entrevistamos seis ouvintes da rádio em profundidade, buscando responder a questões como frequência de interação com a *Eldorado/ESPN*, além da relação com o estádio de futebol e o conhecimento dos hinos e cantos da torcida de seu time. As entrevistas foram feitas a partir de questionário<sup>4</sup> preenchido pela Internet e devolvido ao pesquisador. Os ouvintes foram escolhidos e contatados a partir do site de relacionamentos *twitter* e moram em diferentes cidades brasileiras. A grande abrangência territorial demandou um trabalho de deslocamento também virtual. As entrevistas foram feitas através do ciberespaço, respeitando o distanciamento necessário para um pesquisador e a adaptação ao novo universo estudado (DUARTE, 2006: 100).

Duas visitas foram feitas à *ESPN* no mês de dezembro de 2009. A primeira na companhia de Marcelo di Lallo, coordenador da *Rádio Eldorado/ESPN*, em que pudemos conhecer as instalações da rádio e parte de sua equipe. Na segunda visita entrevistamos o locutor e apresentador Paulo Soares, crítico e entusiasta do rádio. Nosso objetivo era colher a opinião de um profissional da *Eldorado/ESPN*, fazendo uma reflexão sobre os rumos do rádio em tempos de convergência, além de uma análise crítica do que a parceria já alcançou e o que ainda deve buscar.

Desta forma, com o trabalho de entrevistas e observações de campo com ouvintes, temos um estudo com elementos suficientes para responder às questões levantadas por esta pesquisa. O desafio dessa pesquisa é contribuir com os estudos da comunicação, descendo a campo, em perspectiva etnográfica, para compreender as dinâmicas que propiciam os vínculos sonoros. Observar um espaço como uma sala de estar ou escritório de trabalho onde os sujeitos interagem com a *Rádio Eldorado/ESPN* pode nos trazer elementos para a compreensão do fenômeno. Yves Winkin<sup>5</sup> ressalta “que é totalmente possível trabalhar etnograficamente em nossa casa [...]” (1998: 17).

A pesquisadora Isabel Travancas (2006), ao analisar o trabalho de mestrado de Patrícia Corales (2004), que estudou um fã-clubes virtual da cantora Madonna, corrobora a

---

<sup>4</sup> Todos os questionários encontram-se na íntegra em Anexos.

<sup>5</sup> O belga Yves Winkin é Ph.D em Informação e Artes de Difusão pela Universidade de Liège, na Bélgica. Atualmente é professor da Escola Normal Superior de Letras e Ciências Humanas na Universidade de Lyon.

possibilidade, ou, além disso, a necessidade do pesquisador entrar num “campo” a partir da comunicação virtual.

O que ficou evidente com seu trabalho é como a condição de fã se constrói e se afirma na interação com os outros e o quanto essa interação pode se dar através de muitos canais, inclusive o virtual. Ao mesmo tempo, a antropóloga percebeu que o contato real se faz necessário [...] (TRAVANCAS *in* DUARTE, 2006: 107).

A abordagem antropológica, buscando entender a comunicação orquestral experimentada numa jornada esportiva via rádio para todo o mundo, dá um caráter interdisciplinar a este estudo, que pretende compreender um fenômeno comunicacional contemporâneo. Trata-se de uma pesquisa que respeita o caráter da Ciência da Comunicação como Ciência Social Aplicada.

### **Composição da pesquisa**

A presente dissertação divide-se em quatro capítulos, a saber:

No capítulo 1 traçamos um perfil das jornadas esportivas no rádio, na televisão e na Internet, a partir das produções das principais emissoras de rádio paulistas e cariocas, além dos canais de TV a cabo *Sportv* e *ESPN* e, principalmente, a partir da parceria com a *Rádio Eldorado*, com suas particularidades e suas ferramentas de interação pelo ciberespaço. Em seguida, nos voltamos a uma análise crítica da produção esportiva radiofônica, buscando aspectos do som que não são abordados pelo rádio, apoiados pelo conceito de paisagem sonora, proposto por Murray Schafer. Finalmente, mostraremos de que forma se dá a interação entre ouvintes e jornalistas da *Eldorado/ESPN* no ciberespaço.

No capítulo 2 apresentamos os referenciais teóricos da dissertação, principalmente os conceitos difundidos pela Escola de Palo Alto, reforçando o caráter antropológico do presente estudo. A idéia é lançar um olhar sobre as interações humanas que podem acontecer nos espaços virtuais a partir da sonoridade. Apresentamos um breve histórico do “Colégio Invisível” e do seu principal pensador, o antropólogo Gregory Bateson. Em seguida, refletimos sobre a importância do olhar antropológico no estudo da Comunicação, tentando também dar voz a teóricos que questionam a abordagem aqui apresentada.

No capítulo 3 vamos à busca da experiência sonora como forma de atingir uma epistemologia da compreensão. Fundamentamo-nos nos estudos de Gregory Bateson, Máximo di Felice, Edgar Morin, Michel Serres, Norval Baitello Júnior, Dimas Künsch, José Eugenio Menezes entre outros. Nesse capítulo o som é tratado como um elemento vinculador do homem consigo mesmo, com seus semelhantes e com a natureza. Após sustentar uma possível crise no ecossistema comunicativo dentro do ciberespaço, propomos uma maior valorização do som e das experiências da voz como forma de atingir um “equilíbrio” sistêmico nas relações virtuais. Também abordamos algumas formas de percepção do lúdico, principalmente através de Johan Huizinga, Ivan Bystrina e Edgar Morin. Por último, analisamos o fenômeno da partida de futebol a partir dos conceitos da Semiótica da Cultura, com o apoio de Iuri Lotman, buscando compreender os símbolos que rodeiam um estádio de futebol. Quanto aos hinos e à ritualização das torcidas, buscamos qual é a “cola” que une esses torcedores, através dos estudos de Michel Maffesoli.

No capítulo 4 propomos o termo “jogos orquestrais” como forma de pensar a produção de textos culturais através das performances sonoras, apropriando-nos do conceito de comunicação orquestral, que será abordado no capítulo 2. Utilizaremos os exemplos de cantos de torcida como forma de produção de cultura, dando diferentes exemplos observados entre torcidas de São Paulo e do Rio de Janeiro. Demonstramos que a rádio-web tem papel fundamental na reverberação dos textos culturais dos estádios de futebol, principalmente através das ferramentas de interação disponibilizadas para os ouvintes.

**CAPÍTULO 1**  
**AS JORNADAS ESPORTIVAS: NO RÁDIO, TV E RÁDIO-WEB**

## **1. As jornadas esportivas: no Rádio, TV e Rádio-web**

No primeiro capítulo apresentamos o objeto de estudo desta dissertação, a parceria da rádio paulistana *Eldorado* com os canais de TV paga *ESPN* e *ESPN Brasil*, sob a perspectiva de uma convergência mediática que aponta para mudanças na forma de se produzir conteúdos para o jornalismo esportivo. Buscamos situar a rádio-web como potencial ambiente de comunicação, com características que a diferem do rádio tradicional, principalmente na possibilidade de quebra da formatação baseada em interesses comerciais. Em seguida, apresentamos exemplos de programas que trabalham a experimentação sonora em rádios no exterior.

Abrindo o estudo da parceria *Eldorado/ESPN*, reproduzimos e analisamos uma entrevista cedida pelo locutor e apresentador Paulo Soares sobre o panorama das jornadas esportivas nas rádios paulistas e cariocas. Assim, podemos contextualizar a participação da *Eldorado/ESPN* e o seu papel na mudança na forma de se fazer rádio esportivo.

Ao debater sobre o que o rádio silencia, discutimos o conceito de “paisagens sonoras” de Murray Schafer e apontamos a necessidade de se pensar o ambiente de um estádio de futebol a partir do maior número de elementos sonoros possíveis. Faremos uso dos conceitos do músico americano John Cage sobre ruídos, além de Werner Klippert, em relação ao caldeirão sonoro que se cria durante uma partida de futebol.

Finalizamos o capítulo refletindo sobre as interações virtuais nas jornadas esportivas, com o uso de ferramentas de relacionamento próprias da Internet. O objetivo é demonstrar uma mudança comportamental entre os ouvintes e na relação destes com os jornalistas. Assim, sugerimos que o termo “transmissão” não seja suficiente para descrever um ambiente virtual convergente, havendo a necessidade de se buscar nas teorias das Ciências Sociais, e da Comunicação mais especificamente, elementos para a tentativa de apontar novos termos mais de acordo com o cenário em construção.

## 1.1 A parceria Eldorado/ESPN

A *Rádio Eldorado*, fundada em 4 de janeiro de 1958, pertencente ao Grupo Estado, é reconhecida pela sua característica de prestação de serviços e cidadania. A participação do ouvinte sempre foi uma marca da emissora, conhecida pela expressão “ouvinte repórter”. A *Eldorado* possui quinze afiliadas espalhadas pelo Brasil, mais especificamente em Goiânia, Naviraí, Três Lagoas, Maringá, São Sebastião do Paraíso, São José dos Campos, Ribeirão Preto, Cajuru, Botucatu, Pindamonhangaba, Limeira, Guariba, Itapeva, Brotas e Florianópolis.

A *ESPN* foi fundada em 1979 como uma Rede de Programação de Esportes e Entretenimento. A sigla *ESPN* significa em língua inglesa *Entertainment and Sports Programming Network*, e trata-se de uma empresa da *ABC Network*, pertencente a *The Walt Disney Company*, que possui 80% das ações, e da *Hearst Corporation*, esta com 20% de participação.

Criado em junho de 1995, o canal *ESPN Brasil* é a primeira filial da *ESPN* fora dos Estados Unidos (UNZELTE, 2009). Destaca-se pelo humor e pelas críticas veementes a clubes, dirigentes, técnicos, jogadores, sempre ressaltando um caráter de desprendimento e imparcialidade do canal com o mundo do futebol. A linha editorial da *ESPN Brasil* segue ainda o respeito ao assinante da TV paga, colocando os espectadores, dentro do possível, como co-autores dos conteúdos e chamando-os de “fãs do esporte”.

A maior concorrente da *ESPN* é o canal *Sportv*, pertencente ao grupo *Globosat*, que foi criado em 1991 com o nome *Top Sport*. “Líder de audiência nas medições da categoria, tem os direitos de transmissão de mais de dois mil eventos ao vivo por ano que muitas vezes precisam ser alocados no Sportv2, criado em 2004 justamente para isso” (UNZELTE, 2009: 63).

Por ser uma emissora de porte menor que sua concorrente, a *ESPN Brasil* aposta na qualidade de seus profissionais, que se preocupam com levantamentos históricos e estatísticos, além de contar com especialistas em produção de vídeo-reportagens. Assim, o canal ganhou notoriedade e respeito pelos seus jornalistas, dentre os quais destacamos Paulo Vinícius Coelho, Paulo Calçade, Mauro César Pereira, Celso Unzelte, Antero Greco, Juca Kfourri, Flávio Gomes, Arnaldo Ribeiro, entre outros. Já entre os narradores, se busca a imparcialidade, inclusive durante os jogos da seleção brasileira de futebol, deixando clara a

posição de crítica às narrações consideradas ufanistas. Entre eles destacamos Paulo Soares, Paulo Andrade, Rogério Vaughan, Cledi Oliveira, João Palomino, Everaldo Marques e Eduardo Monsanto.

A *ESPN* apresenta a cobertura dos maiores campeonatos internacionais de futebol do mundo, como o inglês, o alemão, o russo, o espanhol e o italiano, além das copas européias como a *Liga Europa* e a *Champions League*. Privada dos direitos de transmissão dos campeonatos nacionais e, em algumas circunstâncias, da seleção brasileira<sup>6</sup>, a *ESPN* foca seus esforços de cobertura em campeonatos pelo mundo. Uma das formas de tentar inserir o torcedor brasileiro no ambiente das transmissões européias é destacar a presença de jogadores do Brasil nos diversos times, além de enfatizar que são nesses campeonatos que jogam os melhores jogadores do mundo.

A *Rádio Eldorado/ESPN* é fruto da parceria do *Grupo Estado* com a *Walt Disney Company*, possuidora dos direitos dos canais *ESPN*. Em 14 de abril de 2007 foi transmitida a primeira jornada esportiva da parceria, sob o slogan “informação é o nosso esporte”. A partida entre Santos e Bragantino, pelas semi-finais do Campeonato Paulista de 2007, marcava o início de uma parceria que começaria voltada ao público paulista, e que hoje transmite não apenas jogos de diversos times do Brasil nos Campeonatos Brasileiros das séries A e B, mas também torneios internacionais, como a *UEFA Champions League*, a *Libertadores da América* e os jogos da Seleção Brasileira.

É um velho sonho da *ESPN* que estamos realizando. Encontramos um parceiro de credibilidade e que faz um jornalismo sério, o que tem tudo a ver com a nossa maneira de enxergar o mundo. Acredito no sucesso dessa empreitada por causa da tradição da *Eldorado* e da experiência da *ESPN Brasil*, adquirida não só nos nossos 12 anos de TV, mas também acumulada na bagagem de nossa equipe, que tem grande vivência em rádio<sup>7</sup>.

Desde 21 de janeiro de 2009, o “fã do esporte” acompanha a *Rádio Eldorado/ESPN* também através da frequência 107,3 FM. A partida inaugural em FM foi entre Santo André e Palmeiras, em Ribeirão Preto, pelo Campeonato Paulista. Assim, é possível conferir as jornadas esportivas pelas ondas do rádio tradicional, na frequência 700AM, ou pelas ondas da 107,3FM, além das emissoras afiliadas à *Rádio Eldorado*. Já na rede virtual, é possível

---

<sup>6</sup> Durante as Eliminatórias Sul-americanas para a Copa de 2010, a *ESPN* era proibida de transmitir os jogos da seleção brasileira disputados em território nacional. Os direitos pertencem à sua concorrente, o canal *Sportv*.

<sup>7</sup> Entrevista concedida ao sítio *SPNet* pelo Diretor dos canais *ESPN* José Trajano. Disponível em: <<http://www.saopaulofc.com.br/news.php?cod=14336>> Acesso em: 25 nov. 2008.



acessar a rádio de qualquer parte do mundo, tanto através do sítio da *ESPN* ([www.espn.com.br/radio](http://www.espn.com.br/radio)) quanto pelo da *Eldorado* ([www.territorioeldorado.com.br](http://www.territorioeldorado.com.br)). Além da equipe de narradores, comentaristas e repórteres dos canais *ESPN*, a *Eldorado/ESPN* conta com profissionais destacados para as transmissões radiofônicas, como o narrador Reinaldo Costa, os repórteres Marcelo di Lallo, Flávio Ortega e Eduardo Afonso.

A *ESPN* já apresenta algumas experiências bem sucedidas em parcerias com outros meios de comunicação em países como os Estados Unidos, México, Argentina e Índia. Na parceria brasileira *Eldorado/ESPN*, no ano de 2008, foi comemorado o centésimo jogo transmitido pelas emissoras em conjunto.

Os cinco meses [abril 2007 – setembro 2007] de parceria passaram rápido. É uma união vitoriosa com o objetivo de oferecer ao ouvinte uma transmissão com emoção e informação, sem vícios ou sensacionalismo, que apenas espera o jogo acabar. E o retorno do torcedor é muito grande com elogios e participação tanto na rádio, quanto nos sites<sup>8</sup>.

Em 2007, ano de estréia da parceria, a *Eldorado/ESPN* recebeu o prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) na categoria “Grande Prêmio de Crítica”. A premiação foi muito difundida durante as jornadas esportivas, buscando ressaltar a credibilidade tanto dos canais quanto da parceria.

As jornadas esportivas da *Eldorado/ESPN* se iniciam com o programa *Abre o Jogo*, que conta geralmente com a ancoragem de Flávio Gomes, João Palomino ou João Carlos Albuquerque. No ar a partir de duas horas antes do início da partida, o programa traz curiosidades e dados do cotejo, além do quadro *Desafio do PVC*, que convoca o ouvinte a participar pelo mural do site da *ESPN* respondendo perguntas sobre fatos históricos, resultados, escalações, curiosidades relacionados à partida do dia. No quadro *Loucos por Futebol* apresentado no decorrer do *Abre o jogo*, Celso Unzelte conta brevemente alguma curiosidade relacionada à partida que será transmitida.

O âncora do *Abre o Jogo* faz periodicamente chamadas para a participação do “fã do esporte” através das ferramentas *A voz da torcida*, do mural do site da *ESPN* e do *twitter*. A

---

<sup>8</sup> Depoimento de Ari Pereira Jr., editor-chefe da equipe Eldorado/ESPN. Disponível em: <<http://www.adnews.com.br/eventos.php?id=55752>>. Acesso em: 25 nov. 2008.

maioria dos integrantes da equipe de transmissão possui perfil no *twitter*<sup>9</sup>, abrindo espaço no sítio de relacionamentos para a discussão sobre as partidas que estão para começar. Esporadicamente são lidas as mensagens deixadas pelos ouvintes em algumas das ferramentas de interatividade.

Durante o intervalo de jogo entre o primeiro e segundo tempo, entra no ar o programa *Jornal do Intervalo*. O destaque vai para a análise mais pormenorizada do comentarista designado para o jogo, além de inserções publicitárias e dos trabalhos dos repórteres de campo.

Após o término da partida, entra no ar o programa *Bate-Bola*, simultaneamente ao programa homônimo do canal *ESPN Brasil*, porém cada um contando com uma equipe diferente. Nele são apresentados os vestiários das equipes, além da análise final e detalhada do comentarista da partida. É notável o caráter de bate-papo adotado pelos comentaristas e repórteres do “Bate-Bola”, chamando também a participação do ouvinte pela internet.

Apresentamos alguns exemplos da programação dos canais de TV *ESPN* e *ESPN Brasil* que servirão de referência na análise dos quadros que fazem parte da programação da *Eldorado/ESPN*. Também, com efeito, os programas listados abaixo carregam fortes características de seus apresentadores, devido à liberdade editorial da empresa.

### *Bate-Bola*

Programa diário de segunda a sexta, vai ao ar em dois horários do dia, animado por um apresentador e dois comentaristas. A primeira edição começa por volta das 13hs, após o *Sportscenter*, enquanto a segunda edição costuma abrir o horário noturno da grade da *ESPN Brasil*. Os conteúdos se baseiam na análise mais pormenorizada dos acontecimentos ligados ao futebol, que foram anteriormente apenas citados em forma de notícias no *Sportscenter* matutino.

Aos domingos, o programa entra no ar após o término das partidas do Campeonato Brasileiro da Série A. Em seu conteúdo, um resumo dos jogos, apresentação dos gols e *links* com repórteres ao vivo direto dos vestiários dos estádios de futebol. Frequentemente são disponibilizados os áudios ao vivo da *Rádio Eldorado/ESPN*, visto que apenas esta é

---

<sup>9</sup> Rede de relacionamento em formato de microblog, onde um participante tem até 140 caracteres para postar textos e *links* de interesse, que serão vistos e repercutidos pelas pessoas que o seguem.

autorizada a cobrir os jogos diretamente do estádio, pois como vimos anteriormente, o canal *ESPN Brasil* não detém os direitos de transmissão dos campeonatos nacionais

No *Bate-Bola*, a interação dos espectadores com os jornalistas se dá através da participação no fórum disponibilizado em [www.espn.com.br](http://www.espn.com.br). Os apresentadores ressaltam o número de participantes e tentam ler o maior número de mensagens possível. O “fã do esporte” também é chamado à participação através de quadros como o *Desafio do PVC*, onde o jornalista lança uma pergunta no início do programa, normalmente em formato de resposta verdadeira ou falsa, respondida no último bloco. Assim, o assinante tem todo o tempo de duração do programa para pesquisar a resposta. Esse desafio é respondido tanto pelo fórum como por uma enquete, ambos alocados no site da *ESPN Brasil*.

### *Sportscenter*

Programa diário, apresentado duas vezes por dia, trazendo boletins e reportagens detalhadas dos principais times de futebol do Brasil e do exterior, além de notícias sobre diversos esportes em todo o mundo.

O *Sportscenter* também é transmitido simultaneamente todas as segundas, terças e sextas pela *Rádio Eldorado/ESPN*. A ancoragem da edição da manhã é de André Kfourri, enquanto o comentarista é Arnaldo Ribeiro. Já na edição da noite, Paulo Soares comanda o programa, com os comentários de Antero Greco. Esses dois últimos apresentadores são o maior exemplo do estilo descontraído das transmissões dos canais *ESPN*. O âncora Paulo Soares, de riso fácil, sucumbe com frequência às tentativas de Antero Greco de desconcentrá-lo com comentários jocosos. Desta forma, os atores da *ESPN* vão tecendo formas de vínculos com seus espectadores, através de códigos próprios, construídos a partir de um estilo de jornalismo voltado à informação, às críticas contundentes, ao bom humor e à relação de respeito com os espectadores/interlocutores.

### *Linha de Passe*

Programa semanal, exibido às segundas-feiras, em formato de mesa redonda. Sete dos principais comentaristas da emissora discutem o resumo dos jogos realizados no fim de semana, tanto no Campeonato Brasileiro, como nos principais torneios de futebol da Europa. Neste programa, a participação dos espectadores é feita através da leitura de *e-mails*, sem abertura de discussões no fórum do site. Normalmente é o programa cuja participação do “fã

do esporte” é mais restrita e disputada. A única enquete disponibilizada durante o jogo se refere à escolha pelos espectadores do gol mais bonito da rodada. As parciais da votação são apresentadas nas saídas para os intervalos.

O jornalista Juca Kfourri habitualmente lê diversos tipos de “e-maíu”<sup>10</sup> voltados à ligação dos espectadores/interlocutores com o programa e com o canal como um todo. São comuns nessas mensagens as reclamações de esposas com a fixação de seus maridos pelo programa, ou ainda relatos de famílias que assistem juntas e adoram a forma irônica e inteligente com a qual os jornalistas conduzem o programa. Ocorrem até pedidos de casamento comentados pelos apresentadores.

Já o jornalista Paulo Vinícius Coelho, também conhecido simplesmente como PVC, é respeitado pelo seu conhecimento histórico e pela sua facilidade em lidar com dados estatísticos sobre o futebol. Dessa forma, PVC é constantemente provocado pelos “fãs do esporte”, através de perguntas que exigem grande esforço de memória e de interpretação de dados estatísticos. Muitas mensagens também chegam toda segunda-feira com esforços de alguns espectadores em tentar descobrir alguma informação errada do PVC, o que geralmente é lido e esclarecido pelo próprio jornalista.

Por outro lado, a relação entre os apresentadores e os espectadores nem sempre é harmoniosa. Por vezes, os comentaristas da *ESPN* se vêem diante de situações de falha na interpretação de seus comentários, como Juca Kfourri e José Trajano que chegam a provocar os fãs do esporte, explicando a alguns espectadores que certos comentários são propositalmente irônicos. Eles sugerem um GC (gerador de caracteres) explicativo para a ironia dos apresentadores.

### *Loucos por Futebol*

Programa quinzenal, exibido aos sábados, com a apresentação de Marcelo Duarte, conhecido pela elaboração de pesquisas sobre curiosidades que se transformam em livros em formato de guia<sup>11</sup>. O conteúdo do programa dirige-se a entrevistas e curiosidades sobre anônimos e celebridades que demonstram sua paixão pelo futebol.

O jornalista Celso Unzelte é conhecido no programa pelo quadro onde canta hinos de diversos clubes de futebol brasileiro, inclusive de times pouco conhecidos. Já Paulo Vinícius

---

<sup>10</sup> O jornalista refere-se ao correio eletrônico (e-mail) com a sonoridade da leitura em língua portuguesa, sempre ressaltando sua visão contrária ao anglicismo.

<sup>11</sup> Cf. DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos*. São Paulo: Panda Books, 2005.

Coelho apresenta de forma aprofundada curiosidades sobre o futebol, lembrando fatos históricos relevantes.

É importante ressaltar o caráter narrativo do *Loucos por Futebol*, que utiliza uma linguagem literária ao contar a história de um jogador ou lembrar uma partida histórica, sempre buscando a heroização dos personagens do futebol em toda a história.

### *Portal*

A principal característica do portal da *ESPN Brasil* é a sua arquitetura em formato de *tags*, ou seja, de palavras-chave que relacionam os conteúdos de forma simplificada. Digitando o nome do time, ou do comentarista, ou mesmo do assunto que deseja acessar, o internauta é direcionado a uma página específica.

O portal possui ainda algumas ferramentas de interação com os “fãs do esporte”, como por exemplo o *blog* mural. Aberto durante todo programa veiculado ao vivo, o mural fica à disposição do espectador para recados, perguntas e também para respostas aos questionamentos levantados. Habitualmente, diversos recados são lidos no ar durante a transmissão, excetuando casos de uso indevido do espaço, o que inclui também a repetição da mesma mensagem para que o âncora a leia. Nesses casos, quem está responsável pela leitura dos recados é enfático ao dizer que as mensagens repetidas não serão lidas. Outra ferramenta de interação é a elaboração de enquetes também durante os programas transmitidos ao vivo.

Com efeito, muitas promoções são divulgadas no sítio, distribuindo premiações aos “fãs do esporte”, que vão desde camisas de times até viagens à Europa para assistir a uma partida. Podemos considerar, portanto, essas ferramentas esporádicas como outras maneiras de interação com os espectadores/interlocutores.

Ainda é possível não apenas ouvir a *Rádio Eldorado/ESPN* pelo *streaming* ao vivo, como acompanhar diversas partidas simultaneamente através da ferramenta *Tempo Real*, que descreve as ações de cada jogo, além de fornecer escalações e estatísticas atualizadas constantemente.

Após apresentarmos as principais características da *Eldorado*, da *ESPN Brasil* e da *Eldorado/ESPN*, refletimos sobre elementos que a emissora que é nosso objeto de estudo ainda não explora devidamente. Assim, buscamos perceber até que ponto tanto a parceria *Eldorado/ESPN* quanto as outras emissoras de rádio se silenciam e se rendem às obrigações comerciais.

## 1.2 O Silêncio do rádio

Tentando posicionar as novas perspectivas da rádio-web, buscamos refletir sobre quais aspectos o rádio silencia, deixa de se expressar com suas possibilidades artísticas, sonoras e informativas. Quais são as novas possibilidades de expressão do rádio a partir de um espaço independente de espectro magnético e flexível quanto aos formatos publicitários?

Observamos as características da rádio-web sob dois aspectos: o primeiro é o da possibilidade de experimentação sonora em um ambiente virtual e independente dos formatos dos meios tradicionais; o segundo é o da nova forma de relação do ouvinte com o rádio, através das ferramentas de interação, que possibilitam ao ouvinte não apenas a participação mais próxima como também a construção coletiva dos conteúdos radiofônicos.

As mais importantes rádios paulistas disponibilizam na Internet o mesmo conteúdo transmitido via ondas magnéticas, deixando como novidade apenas os repositórios de programas, entrevistas, jogos, depoimentos. Portanto, não é espaço para exploração sonora, o que faz com que a ferramenta virtual seja apenas uma forma de ampliar a cobertura territorial de sua programação.

A Rádio-web tem características que a fazem um instrumento de criação radiofônica mais aberto às experimentações do que o rádio tradicional. Isso porque no ciberespaço a programação radiofônica não precisa seguir os formatos de blocos de programas e de publicidade, impostos durante anos às rádios convencionais. Seria possível, pois, criar programas voltados à exploração sonora da natureza, das criações humanas, dos rituais religiosos, lúdicos, pagãos, do movimento das cidades.

Murray Schafer (2008) ressalta que o rádio moderno se afastou do que ele chama de rádio “radical”, ou seja, o rádio que existia desde muito antes de ser inventado. Schafer se refere às narrativas da oralidade, além da reverência dos homens aos sons da natureza, como trovões, ventos, vozes que ele classifica como invisíveis. Sofrendo com a tirania do relógio, o rádio ocidental foi formatado de maneira a substituir os sinos de igrejas e apitos de fábricas, atuando como organizador temporal das cidades. E essa formatação está sustentada nos interesses comerciais dos anunciantes publicitários. Assim o rádio foi perdendo o espaço da narrativa e da sonoridade para a informação superficial e para a redundância.

O rádio escravizado pelo tempo cronometrado acaba por uniformizar toda sua programação, sem levar em conta nem as variações de temas e sonoridades, nem os tipos de ouvintes que estão ao lado do rádio em momentos diversos. Schafer cita o exemplo dos

idosos, que buscam um conforto no rádio através de programas mais lentos e suaves, e que essa necessidade não é contemplada pelas grandes emissoras.

No caso das transmissões esportivas percebemos que o jogo também exige uma concepção temporal que conflita com as formatações comerciais. Durante anos as emissoras de rádio buscaram adaptar-se ao relógio durante as jornadas esportivas. Foram criados blocos de conteúdo informativo e opinativo antes e depois dos jogos, estendendo ao máximo a duração de uma transmissão. A partir desse formato, foi possível estabelecer com o torcedor um vínculo sincronizador, que chamamos de “jornada esportiva”.

As obrigações comerciais ainda parecem ser um dos maiores empecilhos na tentativa de exploração de formas diferentes de fazer rádio. Na Europa, onde as rádios públicas têm grande prestígio, é possível encontrar produções mais preocupadas com as narrativas e com as sonoridades. Tomamos como exemplo a *Radio-Télévision Belge Francophone* (RTBF), órgão estatal belga de radiodifusão, que dispõe de diversos canais de TV e rádio, tanto em ondas magnéticas quanto no ciberespaço. A rádio de notícias e entretenimento *La Première* possui o quadro *A Quarta Dimensão*<sup>12</sup>, com aproximadamente uma hora e trinta minutos de duração, que traz conteúdos ricos em narrativas e sonoridades, sempre abordando um tema central, que dialoga com entrevistas, músicas e depoimentos.

Para comemorar a Páscoa de 2008, o quadro narrou a construção de um carrilhão de sinos em uma igreja localizada no interior da França. Foram apresentados elementos sonoros de todo o processo de fabricação, desde o metal sendo forjado e moldado, até o teste e afinação dos sinos, tudo isso mesclado a canções ligadas às festividades de Páscoa. O apresentador, que sempre conduz o programa do estúdio, convida o ouvinte a ir a campo, colocando no ar sonoras feitas *in loco* por ele mesmo. Desta forma, temos a voz do locutor em estúdio e também no ambiente o qual ele descreve, fazendo entrevistas e cedendo espaços à simples escuta das paisagens sonoras.

O grupo *RTBF* conta ainda com uma *webradio* (apenas na Internet) dirigida ao público infantil, chamada *Ctop*<sup>13</sup>. Não apenas o conteúdo, também as locuções são realizadas pelas crianças. O sítio disponibiliza ainda jogos e artigos, montando um canal de entretenimento virtual completo sob a marca de uma rádio na Internet e pautada nos elementos sonoros, em convergência com elementos virtuais e hipertextuais.

---

<sup>12</sup> No original *La Quatrième Dimension*, apresentado aos domingos por Stéphane Dupont. Disponível em: <<http://podcasting.rtb.be/montre/index.htm?key=LP-4D&chaine=lapremiere>>. Acesso em: 20 jan. 2010.

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www.rtb.be/ctop/>>. Acesso em: 20 jan. 2010.

A transmissão de quadros como *A Quarta Dimensão*, além da criação de *webrádios* como a *Ctop* são exemplos de que é possível pensar a produção radiofônica como experimentação de conteúdo e de som, e não simplesmente como reproduzidor de mensagens saturadas, efeito da velocidade e da necessidade de síntese. Com efeito, os exemplos são poucos, e eles mesmos ainda são passíveis de críticas, contudo alguns passos já são dados em direção a novos formatos.

O rádio tradicional era objeto de críticas de Murray Schafer (2008), sob o argumento de que perdia a característica de ser um meio de comunicação capaz de reproduzir os sons no ritmo da natureza. Para Schafer, a tirania do relógio é desnecessária, já que o sinal é transmitido via ondas magnéticas e, portanto, não tem nenhum limitador técnico ao se pensar uma programação dedicada aos sons nos seus ritmos primevos. Contudo, acreditamos que não cabe nesta pesquisa o debate sobre as necessidades comerciais e legais do rádio tradicional, que fazem com que o tipo de programação de Schafer seja praticamente inviável. Cabe-nos refletir sobre as possibilidades do rádio no ciberespaço, com ferramentas simplificadas e sem impedimentos legais, que podem ser criadas e manipuladas por qualquer pessoa, e que ainda carece de experimentação pelas emissoras de rádio tradicional.

Quando se trata de jornada esportiva, ainda há muita dificuldade em encontrar exemplos de inovações e de aproveitamento de tecnologia como forma de quebra da formatação comercial. A *Eldorado/ESPN* surgiu com a expectativa de ser uma nova etapa da transmissão esportiva, porém corre o risco de se ver com as mesmas características de suas concorrentes. Essa parceria foi escolhida como objeto da presente pesquisa devido ao senso crítico dos seus gestores e jornalistas, o que acreditamos ser o primeiro passo na tentativa de um posicionamento diferenciado. Contudo, o que percebemos é a tendência em seguir o “silêncio” praticado por inúmeras rádios, esportivas ou não. A *Eldorado/ESPN* encontra barreiras como a audiência e a necessidade de captação de recursos publicitários, que dificultam o trabalho no sentido de repensar a forma de se fazer uma jornada esportiva. De qualquer forma, para que a parceria não seja absorvida pela escuta uniformizada e desinteressada, é preciso que se pense em saídas tecnológicas, narrativas e sonoras que façam da rádio algo relevante, aproveitando a sua característica de convergência entre rádio, TV e Internet.



Com o objetivo de saber um pouco mais sobre a visão da equipe de jornalismo da *Eldorado/ESPN* sobre o fazer rádio, conversamos com o locutor Paulo Soares<sup>14</sup>, conhecido nas transmissões esportivas como o “Amigão da Galera”. Depois de trabalhar em diversas rádios paulistas, Paulo Soares foi convidado a apresentar o programa *Sportscenter* no canal de TV a cabo *ESPN Brasil*. Com a ida para a televisão, no ano 2000 Soares decidiu deixar o rádio:

*Eu estava sendo massacrado, a gente trabalha com rádio e televisão, então eu fiquei 8 anos assim. E aí surgiu o rádio aqui há quase 3 anos, então eu voltei a me envolver com rádio, mas eu fiquei aí uns 5, 6, 7 anos quase sem ouvir rádio, tentei me divorciar porque achei que não voltaria a fazer rádio e era uma coisa que eu gostava muito. Então foi uma forma que eu encontrei para tentar tirar um pouco aquela minha paixão pelo rádio, tentar focar um pouco mais o trabalho na televisão. E foi um período que eu perdi um pouco de contato com as jornadas esportivas.*

Para Soares, o rádio estagnou-se no tempo e precisa ser reinventado. Os ouvintes são cada vez mais raros e, aparentemente, o que os mantém na escuta das jornadas esportivas é a fidelidade aos grandes narradores. Buscando compreender um pouco mais essa relação questionamos em nossa pesquisa qualitativa com ouvintes/interlocutores quais eram os aspectos mais relevantes, para os ouvintes, no momento de escolher a rádio de preferência. Acreditamos que decisão de ouvir uma ou outra emissora se dá na relação do ouvinte com o narrador.

Partimos, portanto, de um princípio que está de acordo com Paulo Soares, de que o locutor ainda é o grande responsável pela fidelidade do ouvinte. Também procuramos saber em que proporção esses torcedores escutam o rádio em substituição ou de forma compartilhada com a televisão. Notadamente, não é difícil achar torcedores que preferem a transmissão radiofônica à televisiva. Esses torcedores têm o hábito de assistir às partidas com a TV sem som e o rádio ligado de forma simultânea. No Rio de Janeiro, era comum o uso do radinho de pilha dentro do estádio. Percebemos que, mesmo estando *in loco*, o torcedor sentia a falta da palavra do narrador, de conhecer os jogadores e saber seus nomes, de saber o motivo da substituição de um jogador, ou mesmo de um cartão vermelho. O rádio servia como um suporte informativo àqueles que estavam no local onde a emoção se construía. Atualmente esse tipo de suporte cada vez menos é encontrado nos estádios. Com efeito, mesmo que a mudança no suporte modifique os hábitos dos ouvintes, ainda haverá a

---

<sup>14</sup> Entrevista realizada em 11 dez. 2009 na redação da ESPN. A transcrição completa da entrevista está disponível em Anexos.

necessidade de vinculação e de informação durante uma partida, e o ouvinte ainda recorrerá ao som, como percebemos nas entrevistas em profundidade, principalmente a partir do depoimento de uma das entrevistadas, a estudante Natália Pioli, que afirmou:

*Quando estou no estádio só posso ouvir o barulho da torcida e, às vezes, o locutor do estádio. Por isso que fica mais fácil acompanharmos o jogo pelo rádio. Principalmente quando perdemos algum lance - não dá para entender o que aconteceu com tanto barulho e sem replay.*

Alguns torcedores aderiram às novas tecnologias, ouvindo a partida em telefones celulares ou aparelhos de MP3, mas exemplos como o de Pioli podem ser cada vez mais raros se o rádio não acompanhar as mudanças na forma de escuta. Paulo Soares demonstrou preocupação com a forma com a qual os jovens irão escutar o rádio.

*Um garoto de 12, 13 anos, se você falar rádio, ele não sabe o que é rádio, o aparelho de rádio. Radinho de pilha nem se fabrica mais, é uma raridade pra se encontrar. E para quem gostava era gostoso, super fácil. Era de sintonia de giro, ou digital. Mas tinha tudo ali, você ouvia com o egoísta<sup>15</sup>. Hoje não, é no celular, e o cara não sabe o que é rádio. É como falar de walkman, não existe mais.*

Para o locutor, os novos suportes podem descaracterizar a plástica radiofônica, fazendo nascer um *medium* novo, sendo semelhante ao rádio apenas no sentido de ser um ambiente majoritariamente sonoro. Apesar da opinião de Soares ser controversa, o fenômeno que citamos dos hábitos perdidos no uso do rádio em um jogo de futebol pode servir como exemplo de que, se o rádio não vai perder de vez suas características, ele vai ao menos sofrer importantes modificações no uso, que implicarão mudanças também na construção dos conteúdos radiofônicos. Em outros termos, o ouvinte participa cada vez mais da formatação do rádio, principalmente da rádio-web, e isso deve implicar em mudanças significativas na forma de fazer rádio, incluindo jornadas esportivas. E enquanto isso, a televisão vai ficando cada vez mais atrativa para o torcedor, oferecendo conteúdo de qualidade, além de diversas opções de jogos.

Os canais de televisão investem na melhoria da qualidade de imagem, aumentando o número de câmeras, oferecendo imagens em HD (alta definição), experimentando ângulos de câmeras dos mais ousados e, principalmente, dando muito valor às imagens das torcidas. Desde as panorâmicas nas arquibancadas até os detalhes de torcedores ilustres, enfeitados, com cartazes, aos prantos, segurando notas de 1 real em sinal de protesto, rezando, com a

---

<sup>15</sup> Com o termo “egoísta”, Paulo Soares se refere aos fones de ouvido utilizados nos rádios portáteis.

criança nos ombros, casais de torcidas rivais assistindo juntos ao jogo. Enquanto isso as rádios ainda não oferecem mais do que microfones de ampla captação atrás das balizas e nos bancos de reservas. Mesmo os canais de TV que primam pela qualidade de imagem relegam o som ao segundo plano. Assim, perde-se muito das possibilidades de narrativas sonoras em um estádio de futebol, ficando o som dedicado apenas ao microfone do narrador e dos comentaristas e repórteres. Os microfones de captação da TV acabam registrando, na maior parte das vezes, diálogos deseducados entre jogadores, treinadores e árbitros. Esse pode ser, inclusive, o motivo para ainda haver torcedores que preferem o som do rádio e acabam consumindo os dois meios ao mesmo tempo.

Desta forma, acreditamos que a transmissão esportiva tenha ficado demasiadamente ligada à figura do narrador. E, segundo Paulo Soares, a dificuldade em sustentar uma narração durante toda a partida é muito grande, pois na maior parte do tempo, não há elementos de plástica sonora suficientes para auxiliar o locutor.

*O narrador, ele, a equipe, se sente cansado. Você sabe que você está indo, mas não tem uma vinheta para te ajudar. Você que está transmitindo, você está ali. Se o jogo é bom pra caramba ajuda, mas tem jogo que não é bom. Tem jogo que não tem muito apelo e você está ali, parece que está contra uma montanha, sai exausto. Eu falo que cara que narra no rádio, ele sai morto, é muito cansativo. Se a rádio não te ajuda com gente no ar, entrando, criando coisas novas...*

Nas jornadas esportivas das rádios cariocas, a dinâmica parece mais ligada ao espetáculo da partida, tanto dentro de campo como nas arquibancadas. A *Rádio Globo* do Rio de Janeiro conta há muitos anos com a mesma equipe de transmissão, liderada por José Carlos Araújo, o “Garotinho”. Além da equipe esportiva, a *Globo Rio* possui um time de repórteres dedicados à ambientação do torcedor, com o uso de humor e notícias. Nas arquibancadas, a personagem Maria Chuteira, representada pela repórter Andréia Maciel, entra na programação durante a partida fazendo brincadeiras com torcedores; já o repórter Van Damme (Marco Aurélio) entra no ar a partir dos camarotes do Maracanã, trazendo a palavra de celebridades que estão no estádio torcendo pelo seu time. O repórter de plantão faz as inserções do *Amarelinho da Globo*, atualizando notícias geralmente voltadas ao trânsito e ao plantão policial. Com efeito, a jornada esportiva da *Globo Rio* também está carregada de limitações quanto às possibilidades de experimentações sonoras e interação com os ouvintes. No entanto, notamos uma diferença importante entre as jornadas esportivas das rádios paulistas e cariocas, ressaltadas também pelo “Amigão” Paulo Soares:

*O rádio do Rio é muito mais envolvido com o espetáculo, ele [o carioca] trata aquilo como um grande show. São Paulo tem uma visão mais profissional, é tudo muito de número, estatística, é tudo muito certinho, a cobrança é maior, é todo mundo mais azedo.*

Em São Paulo, a rádio pioneira na produção de vinhetas e no estabelecimento de uma plástica sonora foi a *Jovem Pan* e, por isso, ela consegue manter até hoje um público que é fiel à sua programação, inclusive esportiva. As mais importantes jornadas esportivas paulistas estão nas rádios *Jovem Pan*, *Bandeirantes*, *Transamérica*, *Eldorado/ESPN*, *Globo* e *CBN*. Esse grande número de rádios faz com que as transmissões esportivas paulistas tenham um número maior de locutores de renome. Citamos José Silvério, da *Rádio Bandeirantes*, Oscar Ulisses, da *Rádio Globo*, Nilson César da *Jovem Pan*, Éder Luís da *Transamérica* e Paulo Soares da *Eldorado/ESPN* como uns dos principais locutores paulistas. Com efeito, o rádio paulista também já contou com locutores consagrados como Fiori Gigliotti e Osmar Santos. Durante a entrevista, Paulo Soares comentou a ligação do torcedor com seu locutor favorito:

*Eu acho que se a gente pensar em termos de locutor, o José Silvério, que narra na *Bandeirantes*, vai durante um tempo ter um público seguidor, e um público que não vai deixar de ouvir o Silvério. Ele pode deixar de ouvir rádio. E provavelmente muita gente que ouve o Silvério assiste a *ESPN*, gosta da *ESPN*, gosta do Trajano, gosta do Sportscenter, gosta de não sei o que, mas na hora do jogo ele vai ouvir o Silvério na *Bandeirantes*. Outros muitos vão ouvir o Oscar Ulisses na *rádio Globo*. Eu acho que o locutor ainda atrai muito o público, especialmente na *Bandeirantes* o Silvério e na *Globo* o Ulisses.*

Percebemos que a pobreza plástica e sonora das jornadas esportivas acaba por colocar nos ombros do locutor uma responsabilidade de cativar o ouvinte através da emoção narrativa, deixando passar elementos sonoros que são indispensáveis na vinculação dos torcedores. Assim, o rádio não consegue ser de fato um *medium* completo, que consiga envolver o ouvinte na linguagem narrativa e na força vinculadora dos sons.

Cabe, então, a questão: quais elementos sonoros faltam às transmissões esportivas? De que forma os torcedores se vinculam com seus clubes e com o jogo? Até que ponto o rádio é um agente vinculador entre torcida e futebol?

Para seguirmos com esses questionamentos, propomos a reflexão sobre o conceito de “paisagens sonoras”.

### 1.3 Paisagens sonoras

Raymond Murray Schafer é canadense, músico, compositor e professor. Foi um dos fundadores do *World Soundscape Project* (WSP) que, no fim da década de 60, na *Simon Fraser University*, de Vancouver, estudou a poluição sonora e seus efeitos na cidade. Nessa época, Schafer cunhou o termo “paisagem sonora<sup>16</sup>”, que segundo o próprio músico “é qualquer campo do estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como *paisagens sonoras*” (2001: 23). Em 1973, o mesmo grupo publica o estudo de paisagens sonoras *The Vancouver Soundscape*, e escolhe em 1975 cinco cidades européias para captação de sons, rendendo mais de 300 fitas e os livros *European Sound Diary* e *Five village soundscape*. Após a difusão do WSP, foi criado em 1993 o *World Forum or Acoustic Ecology* (WFAE), que conta com pesquisadores de diversas áreas interessados em estudar o ambiente sonoro.

A obra de Schafer *O ouvido pensante* foi publicada no Brasil, em 1991, pela Editora Unesp. Originalmente numa série de cinco livretos, o livro traz na sua versão em português os temas divididos em seis capítulos: O compositor e a sala de aula; Limpeza de ouvidos; A nova paisagem sonora; Quando as palavras cantam; O rinoceronte na sala de aula; Além da sala de música.

O trabalho de Schafer oferece subsídios para pensarmos os ambientes como manifestações sonoras. Em nossa pesquisa, nos atentamos ao caso específico dos sons do futebol, onde descobrimos que há diversas expressões do som em um ambiente como o estádio e até mesmo em seus arredores, sem esquecer o som que praticamente acompanha quem se desloca até o local do jogo, através das caixas do rádio de casa, ou mesmo do aparelho de som do carro, passando pelos fones de ouvidos dos rádios portáteis. Esses deslocamentos sonoros são possíveis graças a aparelhos capazes de separar o som da fonte que a produziu. Schafer diz que

a essa dissociação é que chamo esquizofonia, e se uso, para o som, uma palavra próxima de esquizofrenia é porque quero sugerir a vocês o mesmo sentido de aberração e drama que esta palavra evoca, pois os desenvolvimentos de que estamos falando têm provocado profundos efeitos em nossas vidas (SCHAFER, 1991: 172).

---

<sup>16</sup> Do inglês *soundscape*, fazendo analogia ao termo *landscape*, que significa paisagem.

Os sons que estão deslocados do estádio de futebol preenchem um ambiente distante, que pode ser um cômodo de uma casa ligada ao rádio ou à internet, um carro, um escritório, uma guarita de prédio, um ambiente aberto, um ouvido conectado ao fone. Todos esses ambientes que possuem suas paisagens sonoras próprias são invadidos por uma paisagem diferente, o que pode gerar uma tensão onde a sonoridade presente em uma das paisagens torna-se ruído. Com efeito, é necessária uma reflexão sobre o conceito de ruído, a partir de elementos pontuados por Schafer.

Estar no campo de futebol exige um exercício cuidadoso de escuta, para que se perceba que até mesmo ruídos fazem parte da paisagem sonora do local, como as buzinas dos carros, os gritos dos cambistas e dos ambulantes, as sirenes das viaturas de polícia, os batiques das torcidas organizadas que começam nas calçadas das imediações. Esses ruídos são elementos fundamentais na criação do ambiente de tensão de um jogo.

Em *O ouvido pensante* (1991), Schafer questiona o que são os ruídos. “Era uma questão de dissonância, de intensidade, ou simplesmente de (des)gosto pessoal?” (1991: 135). Para o autor, não podemos tratar os ruídos apenas como vibrações aperiódicas, o que causaria a sensação de desconforto. Um tambor pode ser aperiódico e ainda assim caracteriza-se como elemento de música. Portanto, uma definição mais aceitável seria a de que o “ruído é qualquer som indesejado” (1991: 138). Notadamente, os sons que enchem os espaços em volta do estádio de tensão, como as sirenes das viaturas de polícia são, provavelmente, sons indesejados quando estamos na cozinha de casa, ou na sala de aula, porém são perfeitamente aceitáveis quando inseridos em um contexto de chegada de torcidas. Tensão essa que coloca o torcedor dentro do ambiente simbólico da partida de futebol. Todos os bairros onde se localizam os estádios têm suas paisagens sonoras transformadas durante horas, antes e depois dos jogos. Schafer escreveu que “num concerto, se o trânsito do lado de fora da sala atrapalha a música, isto é ruído. Porém se, como fez John Cage, as portas são escancaradas e o público é informado de que o trânsito faz parte da textura da peça, seus sons deixam de ser ruídos” (1991: 138).

E se pensarmos no ruído como estudado na comunicação, a partir de uma visão linear e funcionalista da transmissão de mensagens? O ruído não apenas como um som desagradável, mas como uma perturbação na comunicação. Observaremos, com efeito, que as transmissões radiofônicas buscam amenizar boa parte desses “ruídos”, deixando ao ouvinte apenas uma parte da paisagem sonora concreta, isto é, uma paisagem reformulada, que soa, a

princípio, de forma mais cômoda para quem está em frente às caixas de som. Fica, portanto, o questionamento sobre até que ponto é prejudicial para a transmissão das paisagens sonoras esse “mascaramento” de diversos sons dos estádios.

Os ruídos fazem parte do nosso estudo, sem discriminação frente aos cantos de torcidas e das já clássicas narrações esportivas. Em um ambiente onde as cores muitas vezes são exaltadas pelo grande efeito estético, é preciso reconhecer a beleza por vezes desarmônica dos sons do futebol.

Werner Klippert (1980) traz elementos importantes no estudo do ruído nas peças radiofônicas. Ao falar dos sons criados sinteticamente e da tentativa de reprodução dos sons naturais, o autor mostra algumas funções dos ruídos no rádio:

O ruído como prova da existência, o ruído caracterizador, a representação do ambiente pelo ruído, a representação de uma ação pelo ruído, efeito simbólico, caricatural, e comentador do ruído, o ruído como parceiro num diálogo, fusão mediante ruído, metamorfoses dimensionais pelo ruído. Qualquer um de nós pode imaginar outros usos e combinações. E ainda não foi aventada a aplicação do ruído com intenções de composição, o que pressupõe um processo de conceber o ruído como absoluto, até o ponto de abstração no qual o ruído perde a tendência a se referir a processos ou imagens concretas, chegando ao limiar do puro jogo sonoro (KLIPPERT *in* SPERBER, 1980: 55).

No caso de Klippert, o ruído é colocado em sistemas de referências, com o intuito de facilitar a composição sonora de uma peça radiofônica. Em nossa pesquisa, comparamos tais ruídos aos sons do estádio no que diz respeito à sua importância na plástica do rádio esportivo. Nesse ponto a crítica é sobre a má utilização dos sons dos estádios, transformados assim em ruídos, sem que seja possível a construção de um cenário a partir dos elementos sonoros da jornada esportiva. Ao que parece, os sons de fundo marcam um valor de “presença” no estádio, sem que precisem fazer sentido, mas apenas que deixem claro que a transmissão não está sendo feita a partir do estúdio ou de outro lugar estranho ao campo de futebol. Já em algumas transmissões *offtube*<sup>17</sup>, o som de fundo, ou BG, veiculado é produzido em estúdio e encontra-se arquivado no banco de sons das rádios. O que demonstra mais claramente a função de “burburinhos” que dão à plástica da transmissão um caráter de captação externa de áudio. Sobre a captação de áudio nos estádios, Paulo Soares afirmou que

---

<sup>17</sup> As transmissões *offtube* acontecem quando a equipe de locutor e comentarista não está presente no local do jogo. Nesse caso, a narração é feita a partir do que o locutor vê e ouve na televisão.

*na torcida, o ambiente do estádio normalmente vem captado por um microfone, ou que está lá dentro do campo, ou perto da cabine de transmissão. Então imagina se você está no Morumbi eles têm um microfone ambiente para a torcida que fica aquele “uhhuua”. Você ouve, agora não identifica. Você pode até ouvir lá no fundo “Palmeiras”, “Corinthians”, “São Paulo”, “O campeão voltou”. Se o estádio todo canta junto, se todo mundo ficar quieto, o cara em casa vai entender.*

Esses ruídos cumprem, portanto, uma função de “pano de fundo” (SILVA, 1999), ficando em primeiro plano o texto do locutor, responsável por descrever através da linguagem não apenas os lances do jogo, mas também toda a ambientação, o que poderia ser feito com a ajuda dos sons ambientes do estádio.

Geralmente este conjunto de ruídos articulados são trabalhados para ficarem em segundo plano, como “fundo sonoro”, paralelamente à música e à performance do locutor, pois devido ao seu aspecto referencial, na maioria das vezes, os ruídos estão subordinados a intenções do texto oralizado e da música (SILVA, 1999: 77).

A articulação dos sons, dos ruídos, das plásticas e da oralidade mediatizada devem ser levadas em conta, para Júlia Lucia Silva, como uma sintaxe da produção radiofônica.

A linguagem radiofônica não é exclusivamente verbal-oral. Assim como a palavra escrita, músicas, efeitos sonoros, silêncio e ruídos são incorporados em uma sintaxe singular ao próprio rádio, adquirindo nova especificidade (SILVA, 1999: 71).

É justamente nessa articulação que a transmissão esportiva não é ainda capaz, como em outros gêneros radiofônicos, de criar uma ambientação completa do evento, dando mais subsídios para o ouvinte se vincular ao jogo.

Quanto à escuta virtual, ou seja, mediada por computadores conectados à Internet, observamos a baixa qualidade da transmissão e amplificação dos sons das jornadas esportivas. De fato, o áudio disponibilizado no ciberespaço em formato *streaming* não é de grande qualidade, devido a limitações técnicas. Chamamos de formato *streaming* os

sons e imagens transmitidos pela internet em forma de fluxo (*streaming*) ou contínua, usando pacotes de dados. A recepção mais efetiva de *streaming media* requer algumas formas de tecnologia de banda larga (*broadband*), como o modem a cabo [...] (FERREIRA & PAIVA, 2008: 36).

Essa perda de qualidade se deve, principalmente, ao fato de o áudio *streaming* retirar boa parte do espectro de frequências e por comprimir o arquivo, para que este consiga navegar rapidamente entre o sítio de origem, o servidor e o computador que processa os dados



(FERREIRA & PAIVA, 2008: 37). Um arquivo com fidelidade de qualidade na digitalização demandaria uma conexão com capacidade de fluxo de dados maior do que possuímos tecnologicamente na atualidade.

Em sua dissertação de mestrado, Johan Van Haandel explica que

o áudio digital pode ser com ou sem compressão. Os dados sem compressão apresentam armazenamento de dados sem perdas, um de seus exemplos é o formato WAVE. Contudo, a disponibilização de arquivos não compactados tornava muito lenta a operação de baixar o conteúdo e, por isso, passou-se a usar formatos de áudio comprimidos (VAN HAANDEL, 2009: 26).

Destacamos também o atraso (*delay*) na chegada do áudio aos computadores na comparação às transmissões de televisão e rádio, ou seja, o hábito que citamos anteriormente entre muitos torcedores de ver o jogo pela TV e escutar pelo rádio não pode, no momento, ser mantido na Internet, visto que o áudio não é capaz de acompanhar as imagens sincronicamente. Todas essas limitações colocam o ouvinte da rádio-web com poucas possibilidades de acompanhar a partida de futebol de maneira convergente. Mas, por outro lado, o hipertexto do ciberespaço proporciona outras formas de acompanhamento e mesmo de trocas de experiências e relações durante a jornada esportiva.

Com efeito, é importante ressaltarmos que muitos dos elementos sonoros presentes nos estádios de futebol e de que tratamos neste estudo não são perceptíveis nas transmissões via Internet. Porém, como desejamos mostrar através da observação do nosso *corpus* de pesquisa, esses elementos estão de tal forma presentes no repertório cultural dos torcedores que eles, mesmo sem contato com os hinos e com os sons, são capazes de reproduzi-los em forma de textos nos fóruns de debates disponibilizados pelo sítio da rádio *Eldorado/ESPN*.

Perguntamos aos ouvintes entrevistados se eles conseguiriam se lembrar de alguns sons típicos de um estádio de futebol e seus arredores. Algumas respostas foram de grande relevância, como o som do “vendedor de picolé gritando chocolate, coco e limão”, o apito do juiz, os cantos das torcidas, a voz de serviço do estádio que anuncia cartões e substituições, os gritos de cambistas, xingamentos. Trata-se, na sua maioria, de sons fundamentais, que estão no primeiro plano da paisagem sonora de um estádio. Falta aos nossos ouvidos a abertura para toda a sonoridade e toda a vibração que faz do campo de futebol um verdadeiro caldeirão. Sentimos a vibração, mas ainda não conseguimos nos relacionar com elas de forma completa.

Com facilidade chamamos uma paisagem sonora de ruído e a ignoramos. Fechamos nossos próprios ouvidos, assim como o rádio nos priva desses mesmos “ruídos” na escuta

distante, esquizofônica, e o caldeirão sonoro vai se limitando, como se fosse um processo de pasteurização dos elementos sonoros, aqueles que servem ou não para uma transmissão esportiva. Assim todo o evento lúdico se resume à narrativa quase solitária do locutor, que assume para si a reconstrução do ambiente sonoro e lúdico, baseado no seu repertório narrativo. Como consequência, o ouvinte se vincula muito ao narrador e às plásticas do rádio, mas pouco aos sons presentes de fato no estádio.

#### 1.4 Interação e construção coletiva da rádio-web

Além da experimentação sonora, a rádio-web apresenta novas formas de relacionamento com seus ouvintes. Com efeito, hoje criamos conteúdos, montamos programação sonora e disponibilizamos nossa rádio pessoal na internet. Contudo, seria demasiado para esta pesquisa analisar o fenômeno de crescimento de rádios pessoais, ou mesmo corporativas. O objetivo é buscar as mudanças de comportamentos e relações entre ouvintes e a produção jornalística na convergência do rádio com a Internet e a televisão, tendo como pano de fundo as potencialidades vinculadoras do som.

Abre-se, com a possibilidade da interação no ambiente do ciberespaço, a oportunidade de real participação do ouvinte na construção do rádio, como argumentava Schafer: “Se os ouvintes passarem a desempenhar um papel importante na reestruturação do rádio, a eles deve ser permitido participar da escolha dos assuntos a serem discutidos” (2008: 243). Contudo, ainda não é o que se observa nos tipos de interação das principais rádios brasileiras. Apesar do crescimento do uso de enquetes nos sites das emissoras de rádio, a programação ainda é pautada pelos interesses comerciais.

Veremos, em seguida, algumas ferramentas de interatividade disponibilizadas pela rádio *Eldorado/ESPN*, que segue os padrões de relacionamento com ouvintes das outras rádios, embora faça uso freqüente dessas ferramentas durante a programação esportiva. Isto significa que, mesmo com alguns esforços da equipe de transmissão, o conteúdo da *Eldorado/ESPN* ainda carece de real participação do ouvinte, que vá além das respostas aos desafios e das promoções com distribuição de prêmios. O conteúdo informativo e os elementos lúdicos de vinculação e construção de cultura ainda precisam ser mais explorados em conjunto com o ouvinte.

Quando se trata de transmissão esportiva, as formas de interação se potencializam, muito por causa da vida cultural do brasileiro, que trata o futebol e outros esportes como um assunto de domínio público. Mesmo respeitando a opinião de especialistas, o brasileiro está à vontade para debater o futebol em qualquer ambiente. No ciberespaço, o ouvinte tem a chance de expressar verdadeiramente suas opiniões e debater, mesmo que de forma indireta, com seus especialistas favoritos.

Em ambientes de relacionamentos na Internet, como o *twitter*, jornalistas esportivos se mostram e se abrem ao debate público. Notadamente, esses especialistas ainda possuem a

credibilidade que os deixa numa posição vantajosa, mesmo debatendo em uma esfera pública interconectada (SILVEIRA, 2008).

Perguntamos ao narrador da *Eldorado/ESPN* Paulo Soares a opinião sobre o uso do *twitter* e de outras ferramentas virtuais de relacionamento, e a resposta apontava para a curiosidade e o receio de uma nova forma de relacionamento entre pessoas, ficando o locutor na posição de tentar descobrir seu espaço, de entender até que ponto é possível a interação. Contudo, o entrevistado não considerou a ferramenta uma garantia de audiência para a rádio:

*Acho que é legal [o twitter], os caras sabem que eu estou lá, que eu estou no Sportscenter, “ah, vai transmitir na rádio Eldorado”, mas eu não sei se ele vai ouvir. Ele sabe onde a gente está, agora a resposta se essa menina, mesmo os mais velhos, se eles estão ouvindo a gente, eu não sei.*

No quadro de convergência mediática da *Eldorado/ESPN*, encontramos algumas formas de interação com telespectadores e ouvintes, tanto por parte dos canais como por iniciativa própria dos jornalistas esportivos. No *twitter* encontramos perfis<sup>18</sup> da *Rádio Eldorado*, dos canais *ESPN* e também da parceria *Eldorado/ESPN*, além dos perfis individuais de locutores, comentaristas e repórteres.

Com o intuito de disseminar o conteúdo pela rede e aumentar a participação dos ouvintes, a *Rádio Eldorado* elaborou um portal de conteúdo jornalístico e repositório de áudios chamado *Território Eldorado*<sup>19</sup>. Na sua página inicial são encontrados *links* para a programação da rádio, promoções, notícias, interatividade, músicas, *blogs*, *podcasts* e *streaming* ao vivo das frequências AM e FM. O *link* para a *Eldorado/ESPN* ganha grande espaço na página inicial do portal. “O portal Território Eldorado ampliou em cerca de 200% a audiência na web, em relação ao ano passado, atingindo a marca de 3 milhões de *page views* por mês<sup>20</sup>”.

É através do mural *Futebol ao vivo* do *Território Eldorado* que o ouvinte participa de forma interativa com as jornadas esportivas da *Eldorado/ESPN*. Na página da *web*, é possível encontrar o *link* para escuta em formato *streaming* da transmissão das partidas de futebol. Logo abaixo, encontramos a descrição textual da partida, com o detalhamento das principais jogadas minuto-a-minuto. No centro, encontramos a principal ferramenta do mural, o fórum *A voz da torcida*, com espaço para preenchimento do nome e da mensagem, seguido do painel

<sup>18</sup> O perfil do *twitter* apresenta algumas informações principais do usuário, como nome, foto e uma curta biografia (opcional). Ter um perfil no *twitter* é como ter um avatar em um sítio de relacionamento.

<sup>19</sup> A URL do portal é <[www.territorioeldorado.com.br](http://www.territorioeldorado.com.br)>.

<sup>20</sup> Jornal Meio & Mensagem de 14 de setembro de 2009, p. 08.

com todas as mensagens compartilhadas. A página ainda disponibiliza as escalações das equipes, além de diversos atalhos para páginas específicas, a saber:

#### *Bolão do campeonato*

Página chamada *Bolão VIP* destinada à “criação de bolão pessoal, com diversas informações sobre campeonatos nacionais e internacionais.

#### *Comunidades*

Repositório de *wikisites*, que são pequenos sítios de relacionamentos, de diversos times de futebol. Nesses *wikisites* é possível acessar conteúdos como enquetes, notícias, fotos, vídeos e áudios dos principais times do Brasil. O conteúdo é moderado e criado por torcedores.

#### *Notícias*

Direcionamento para a página de noticiário esportivo do portal do *Grupo Estado*.

Destacamos para nosso estudo os *wikisites* abastecidos e moderados pelos próprios torcedores. Em alguns deles encontram-se arquivos de áudio com gravações de hinos e cantos de torcidas organizadas, ou mesmo áudio de canções relacionadas aos clubes. Citamos o *wikisite* do *Sport Clube Corinthians Paulista*, que contém a *Rádio Timão*, com algumas canções de exaltação ao clube. Já no *wikisite* do *Clube de Regatas Flamengo* encontramos o *Fla Hinos*, com gravações feitas dentro das torcidas organizadas dos mais atuais cantos e hinos do clube. Já no *wikisite* da *Sociedade Esportiva Palmeiras*, encontram-se áudios de gols do time narrados pelos locutores da *Rádio Eldorado/ESPN*.

Essa ferramenta é de grande relevância para o presente estudo, já que fornece aos torcedores, a qualquer momento e em qualquer lugar, paisagens sonoras vinculadoras em um *click*.

#### *Golcast*

A página intitulada *Golcast* traz um arquivo das narrações de gols dos jogos transmitidos pela *Rádio Eldorado/ESPN*. O formato da página é muito parecido com aqueles de *audiocast*<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Utilizamos o termo *audiocast*, como faz Magaly Prado (2009), no intuito de substituir o termo ordinário *podcast*, que remete à fabricante do *player Ipod*, a *Apple*.

presentes em diversos sítios de rádios e de compartilhamento de música. Os arquivos estão organizados por ordem das transmissões das jornadas esportivas.

### *Comentaristas*

Ainda na página da *Eldorado/ESPN* do *Território Eldorado* encontramos nos arquivos de áudio depoimentos dos comentaristas sobre os jogos recentes. Desta forma, através do portal o “fã do esporte” tem acesso *on demand* tanto às narrações de seus locutores preferidos, quanto às análises dos comentaristas que são acompanhados também pelos canais *ESPN*.

Todas essas ferramentas, repositórios, fóruns, *wikisites* fazem parte de uma perspectiva de mudança na raiz cultural do debate esportivo e na forma de ouvir rádio e futebol. E tal mudança parece exigir novos ouvidos críticos e científicos.

Com efeito, o termo “transmissão” parece não mais ser suficiente para descrever a forma convergente e interativa de uma produção radiofônica na *web*, seja ela esportiva ou não. Se levarmos em conta o sentido de transmitir uma informação de um ponto ao outro, como na época do telégrafo, percebemos que o termo fica reducionista se aplicado ao ambiente virtual. Não consideramos apenas as ferramentas de interação as responsáveis pela mudança no formato de transmissão. Durante uma jornada esportiva estão em ação diversos elementos vinculadores, principalmente nas paisagens sonoras. Anteriormente vimos que o locutor ainda é o grande responsável pelo andamento da jornada esportiva, contudo é necessário buscarmos nos autores das Ciências Sociais de que forma podemos observar esse fenômeno de mudança de comportamento, que vai além da locução, passa pela performance dos torcedores, dos jogadores e de todos os participantes de uma partida de futebol, que se relacione com as formas de interação virtual e a efetiva participação dos torcedores/ouvintes.

Para abordar a jornada esportiva como um jogo de performances, é necessário recorrer aos pensadores da Antropologia da Comunicação, reconhecidos pelos estudos das mudanças de códigos sociais de comportamento e do papel da comunicação como agente na permanência ou mudança desses códigos. Nos capítulos seguintes buscaremos propostas para novos termos que completem e atualizem no contexto da cibercultura o sentido de transmissão radiofônica.

**CAPÍTULO 2**  
**COMUNICAÇÃO ORQUESTRAL**

## 2. Comunicação orquestral

Quando falamos em “transmissão” radiofônica, ainda tratamos a comunicação como um telégrafo, onde a informação deixa seu emissor através de um meio e chega a um receptor. Com efeito, nesse estudo pretendemos trazer à tona a discussão da comunicação como performance da cultura em uma sociedade, e não apenas como transmissão de dados. Como referencial teórico para observarmos as jornadas esportivas mais como “jogos orquestrais” do que como simples transmissões, nos apoiaremos nos estudiosos da assim chamada Escola de Palo Alto<sup>22</sup>. Tomando como base a síntese histórica e teórica de Yves Winkin (1998) nos dedicaremos a pensar a Comunicação como atos sociais. As questões levantadas a partir daí referem-se às possibilidades de estudo etnográfico como forma de observar as interações comunicativas que tecem comportamentos sociais.

Notadamente, é possível observar que apenas um pequeno número de pesquisas no Brasil se relacionam com os conceitos de Palo Alto. Assim, também esperamos contribuir para a disseminação dos autores dessa escola que ainda carece de penetração no meio acadêmico brasileiro.

Ao estudar o som como agente vinculador entre pessoas, partimos da importância dos corpos que estão antes e depois do aparato rádio-web e que necessitam de vinculação. Segundo Paul Watzlawick, “não se pode não comunicar” (2007: 47). Não tratamos apenas, com efeito, da comunicação verbal da transmissão radiofônica, mas de todos os elementos sonoros que compõem a paisagem sonora e que são agentes vinculadores. Desta forma, nota-se a importância de uma abordagem antropológica desse processo de comunicação/vinculação para que seja possível a observação de um meio eletrônico, no caso da rádio-web, como agente de relações intersubjetivas.

---

<sup>22</sup> Embora nunca tenha havido oficialmente uma escola teórica a partir da Universidade de Stanford, em Palo Alto, na Califórnia, aceita-se a denominação “Escola de Palo Alto” ou de “Colégio Invisível” para referência a seus pesquisadores.



## 2.1 A Escola de Palo Alto

Em *A nova comunicação*, Yves Winkin utiliza o termo “Colégio Invisível”, cunhado por Derek de Solla Price em 1963, para designar os pesquisadores que estiveram em constante câmbio de informações entre a Filadélfia e Palo Alto, na Califórnia. Pesquisadores e orientandos dessas duas cidades faziam circular as idéias, embora não houvesse encontros formais, como relata Winkin:

Os membros desse colégio sem dúvida nunca se reuniram, a não ser de maneira acidental, durante um ou outro colóquio. Mas cada um sabe o que o outro está fazendo, muito antes de que seus respectivos trabalhos sejam publicados. Cartas, telefonemas, visitas diretas ou indiretas (por intermédio dos estudantes) fazem circular a informação (WINKIN, 1998: 29).

Alguns dos principais nomes desse colégio eram os antropólogos Gregory Bateson, Erving Goffman, Edward T. Hall<sup>23</sup>, Ray Birdwhistell. Também os psiquiatras Don Jackson, Paul Watzlawick e Albert Scheflen. Winkin segue em sua obra a descrição dos passos desses principais autores e os eventos que culminavam em encontros e trocas de informações.

Partindo do termo cunhado por John Weakland em 1967 da “Velha Comunicação”, Winkin nos propõe olharmos para os elementos de uma “Nova Comunicação”, fundamentada em relações entre atores sociais. Essas relações intersubjetivas são pautadas por regras sociais de comportamento. E cada sociedade é possuidora do seu próprio conjunto de regras, que pode ser constituído discursivamente, legalmente, socialmente. Estudar esses códigos funciona como decifrar uma “gramática” comportamental de uma sociedade. Tais códigos são expressos não somente pela comunicação verbal, mas principalmente, pela não-verbal. Desta forma fica impossível olharmos para os processos comunicativos separando os dois tipos de comunicação. A comunicação fica, assim, relacionada com códigos culturais e lingüísticos.

É para tentar sair das contradições da intencionalidade que eu proponho partir de uma definição alternativa da comunicação, que perde a qualidade de objeto para tornar-se uma perspectiva. Considerada como '*performance da cultura*', a comunicação é menos a soma das palavras, dos gestos, das '*mensagens*' em todos os gêneros que os homens podem produzir, do que a visão que permite as distinguir em sua contribuição na realização permanente da sociedade<sup>24</sup> (WINKIN, 2003: 72). (grifos nossos)

<sup>23</sup> Vale acrescentar que Goffman e Hall não tinham nenhum tipo de ligação com a Universidade de Stanford, o que ressalta o cuidado que devemos ter no emprego dos termos “escola” ou “colégio”.

<sup>24</sup> Tradução livre: “C'est pour tenter de sortir des apories de l'intentionnalité que je propose de partir d'une définition alternative de la communication, qui perd sa qualité d'objet pour devenir une perspective. Envisagée comme '*performance de la culture*', la communication est moins la somme des paroles, des gestes, des

Para os estudiosos da “Nova Comunicação”, os fenômenos comunicativos são performances culturais ligadas aos códigos anteriormente citados. Portanto, não podemos mais pensar em emissores e receptores, mas em atores sociais, participantes dessas performances de forma consciente ou não. Para tanto, Winkin faz analogia a uma orquestra, onde cada instrumento executa uma parte da obra, orientada por uma partitura, ou seja, por um código que rege as ações de cada participante de forma conjunta. Assim, o termo “comunicação orquestral” tomará corpo, principalmente na Europa, a partir da obra de Winkin, sempre opondo a orquestra ao telégrafo, ou seja, à comunicação linear, onde “*ego* transmite uma mensagem a *alter*” (WINKIN, 1998: 14). Assim, segundo os estudiosos de Palo Alto, a comunicação é performance da cultura, tendo um papel fundamental no equilíbrio das relações sociais. A analogia com a orquestra é pertinente, pois em um concerto não há comunicação linear, nem do regente com a orquestra, tampouco da orquestra com o regente ou com o público. Todos têm um papel a cumprir na execução da peça musical, e cada gesto do regente, ou cada variação de andamento anotada na partitura, são códigos que pautam a performance musical.

Por isso resolvemos adotar o termo “orquestral” ao nosso estudo, fazendo referência às partidas de futebol. Quando falamos em estádio e jogo, pensamos na performance daqueles que estão fazendo parte do evento. Cada um terá um papel fundamental tanto no andamento da partida quanto na construção simbólica que se faz dentro desse espaço e tempo. Do “camisa 10” ao pipoqueiro, passando pelo torcedor e pelo cão-policia, todos têm um papel e agem de acordo com códigos no campo de futebol. Estamos diante de um fenômeno cultural que engloba diversos elementos significativos que se relacionam comunicativamente.

A respeito da relação entre linguística, cultura, economia, alguns autores publicaram esforços no sentido de englobar tais elementos através da comunicação, como explica Winkin (1981). A partir de citações de Claude Lévi-Strauss, Winkin percebe a preocupação em estudar a comunicação como forma de compreensão de fenômenos sociais. O segundo autor citado por Winkin é Roman Jakobson (do Círculo Lingüístico de Praga), que propõe um estudo das linguagens dividido em três grandes círculos concêntricos: o primeiro e mais restrito é o círculo da linguística e da comunicação verbal; o segundo e central é o da semiótica, que estuda qualquer tipo de mensagem (verbal e não-verbal); o terceiro e mais

---

'messages' en tous genres que les hommes peuvent produire, que la vision que permet de les percevoir dans leur contribution à l'accomplissement permanent de la société”.

abrangente seria o das ciências da Comunicação, que englobaria a antropologia social, a sociologia, a ecologia. Algumas dezenas de anos mais tarde, Umberto Eco propõe, ainda que com certo exagero terminológico, uma teoria geral da semiótica capaz de estudar a cultura. “A semiótica se tornaria assim um substituto da antropologia cultural” (WINKIN, 1981: 105).

Na obra traduzida para o português e apresentada por Etienne Samain *A Nova Comunicação. Da teoria ao trabalho de campo* (1998), Yves Winkin traz alguns exemplos de como um trabalho de campo pode se orientar por conceitos ligados à Palo Alto. Esses trabalhos são partes de estudos feitos pelo autor em épocas diferentes, por vezes em parceria, e reunidos na obra com os seguintes títulos: falar ao comer; da ingratidão dos jovens; o turista e seu duplo; o e-mail não é um telégrafo. Destacaremos o trabalho “o e-mail não é um telégrafo” produzido em parceria com Rossella Magli, que foi responsável pela pesquisa de campo numa escola de uma pequena cidade italiana. Essa pesquisa traz a essência do pensamento palo-altino, pois estuda a interação entre crianças através do uso de computadores, além da interação também das crianças com as máquinas propriamente ditas.

[...] procurávamos observar comportamentos, não 'resultados'. Para nós, os silêncios e os lances de loucura, as hesitações e as exaltações tinham o mesmo valor. Este posicionamento etnográfico e teórico levou-nos a conceber as NTIC<sup>25</sup> em ambiente escolar menos como vetores de transmissão de saber [...] do que como modos de reformulações das relações interpessoais [...]. Como um sistema que deve voltar a um equilíbrio depois da introdução de um novo elemento, a classe que 'adota' um ou vários computadores deve construir novas relações: entre alunos, com os professores, com os parceiros exteriores (WINKIN, 1998: 193).

A pesquisa de campo observou uma atividade proposta pela professora de língua inglesa que consistia em enviar mensagens eletrônicas a alunos de uma escola na cidade de Manchester, na Inglaterra. Esse intercâmbio de informações revelou interessantes códigos comportamentais entre os alunos italianos, além de relações entre alunos, professores e parceiros citadas pelo autor.

Portanto, quando observarmos nosso objeto, as jornadas esportivas da *Eldorado/ESPN*, devemos levar em conta como esse sistema é modificado com a inserção das ferramentas de interação e como pode ser restabelecido o equilíbrio de que fala Winkin. Assim como a pequena escola na Itália, este estudo pretende observar os comportamentos, as reformulações nas relações interpessoais a partir da escuta das jornadas esportivas.

---

<sup>25</sup> “Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação”.

## 2.2 Gregory Bateson

Alguns pesquisadores brasileiros ou radicados no Brasil, como o belga Etienne Samain, procuram articular com os estudos da comunicação os pensamentos do antropólogo e biólogo britânico Gregory Bateson. Apesar de haver muito pouco de sua obra publicada em língua portuguesa, o estudo de Yves Winkin é um importante provocador das idéias batesonianas no Brasil, na Europa e, sobretudo, entre os países francófonos. Este livro é resultado de uma pesquisa realizada em 1980 nos Estados Unidos e seu maior mérito “é o de ter conseguido situar Bateson no contexto de uma época de grande efervescência intelectual – o da pós-segunda guerra mundial” (SAMAIN, 2004:13).

Filho do biólogo Willian Bateson, Gregory começa a despertar para a pesquisa a partir das ciências naturais. Forma-se zoólogo no *St. John's College*, em Cambridge, e parte para Galápagos. Pouco tempo depois, retorna com a idéia de abandonar as ciências naturais e se volta para o estudo da antropologia. Yves Winkin (1998) refaz os caminhos acadêmicos e pessoais de Bateson desde sua partida em 1927 para a Nova Guiné, de onde surge seu primeiro livro, *Naven* (1936), até sua morte em 4 de julho de 1980. Alguns dos fatos importantes de sua trajetória são o casamento com Margareth Mead, a participação no MRI (*Mental Research Institut*), criado em 1959 por Don Jackson, além do acontecimento que mudaria a vida de Bateson<sup>26</sup>: o contato com Norbert Wiener e a teoria cibernética, em 1946. Em um congresso patrocinado pela *Macy Foundation*, Bateson foi confrontado com o conceito de *feedback* proposto pela teoria cibernética de Wiener. Até então, Bateson elaborava a idéia de “cismogênese” para descrever comportamentos entre pessoas de uma tribo. A partir do contato com o *feedback*, o antropólogo pôde finalmente avançar em suas pesquisas sobre a aprendizagem dos comportamentos humanos, se aproveitando de teorias da matemática e da engenharia. Bateson era um pesquisador de difícil convívio, que não respeitava horários e que gostava de improvisar os discursos em congressos. Apesar do comportamento instável, o antropólogo era respeitado pela sua capacidade de formulação de conceitos e pelo brilhantismo de seus exemplos. Contudo, Bateson acabou criando diversas inimizades no meio científico, principalmente por viver em uma época onde a ciência era demasiadamente voltada para estudos relacionados às guerras.

---

<sup>26</sup> No capítulo “De Versailles à la cybernetique” do livro *Vers une écologie de l'esprit 2* (1980), Bateson coloca como os dois fatos mais importantes de sua época: o tratado de Versailles, no pós-Primeira Guerra e o surgimento da teoria cibernética.

Em 1948, retornando a São Francisco e vivendo da desilusão com a pesquisa científica, Bateson conhece o psiquiatra suíço Jurgen Ruesch, na clínica *Langley Porter* de São Francisco. Ruesch convida Bateson a participar de estudo sobre a comunicação humana no terreno da psiquiatria (LIPSET, 1991: 207). Dessa parceria surge o livro que coloca Bateson definitivamente nos estudos das Ciências Sociais e, principalmente, das Ciências da Comunicação. *Communication: The social matrix of psychiatry* traz artigos de Bateson e Ruesch separadamente e um capítulo final em conjunto, chamado *Indivíduo, grupo e cultura. A teoria da comunicação humana*<sup>27</sup>. Nesse capítulo, os autores buscam traçar uma teoria da comunicação a partir da antropologia, buscando um olhar mais aproximado da realidade.

São as divergências de suas visões [dos observadores] que nos permitem fazer certas inferências sobre os processos psicológicos dos interessados e, combinando as diversas observações, de obter uma imagem do que nós podemos chamar de realidade suposta (BATESON & RUESCH, 1988: 309)<sup>28</sup>.

Portanto, fica evidente a importância da observação dos contextos sociais nos quais os processos comunicativos estão inseridos. Durante sua trajetória científica, Bateson descobre a teoria de Bertrand Russel sobre os tipos lógicos que passa a aplicar em diversas situações. Na continuação de seus estudos, Gregory Bateson perpassa diversas áreas do conhecimento, como a antropologia, a psicologia, a biologia e a matemática. Em 1956, através do artigo “Para uma teoria da esquizofrenia”, Bateson apresenta a teoria do duplo vínculo, partindo do conceito cunhado por Russel e da teoria da comunicação. Este artigo encontra-se na obra *Vers une écologie de l'esprit 2*, onde o autor procura refletir sobre a esquizofrenia partindo do estudo dos contextos, com um olhar globalizante. Para Bateson, conhecer a Teoria da Comunicação é ponto inicial da análise da esquizofrenia e de outras patologias psíquicas. No artigo citado, vemos claramente a referência à teoria dos tipos lógicos na passagem:

A tese central dessa teoria consiste em dizer que existe uma descontinuidade entre a classe e seus membros: a classe não pode ser membro dela mesma, tampouco um de seus membros pode ser a classe, pois o termo utilizado para a classe não se situa no mesmo nível de abstração daquele que utilizamos

<sup>27</sup> Tradução livre para título do capítulo 11 da versão francesa. “Individu, groupe et culture. La théorie de la communication humaine” (1988: 309).

<sup>28</sup> Tradução livre: “Ce sont les divergences de leurs visions qui nous permettent de faire certaines inférences sur les processus psychologiques des intéressés et, en combinant les diverses observations, d’obtenir une image de ce que l’on pourrait appeler la réalité supposée.”

para seus membros. Portanto, ele pertence a um *outro* tipo lógico (BATESON, 1980: 10)<sup>29</sup>.

Essas idéias influenciam o estudo de Paul Watzlawick e Don Jackson, que lançaram em 1967 o livro *Pragmática da comunicação humana*. Don Jackson foi também o incentivador de Gregory Bateson para o estudo da esquizofrenia.

Bateson, se aproveitando da formação de zoólogo, procurava estabelecer no estudo da etologia animal alguns padrões de comunicação que poderiam ser observáveis também entre os humanos. Sua primeira pesquisa da etologia se deu em 1952 no *Fleishaker Zoo*, em São Francisco, como nos conta Jean-Claude Benoit:

Durante aproximadamente dois anos, na companhia de um poeta (W. Kees), ele [Bateson] observa e filma de forma episódica um casal de lontras. Sua adaptação a esse ambiente artificial é medíocre. Em geral, elas se contentam em comer os alimentos fornecidos sem manifestar seus aspectos lúdicos próprios à sua espécie, aquelas que interessam ao pesquisador.

Mas, num dia de primavera, Bateson teve a feliz idéia de amarrar um pedaço de papel a um fio e os presentear. Os animais se puseram, digamos, a “se divertir com o brinquedo”, em uma forma de competição. A experiência é seguida nos dias e semanas seguintes. Enfim provocados, os animais mantiveram entre eles a troca lúdica<sup>30</sup> (2004: 61).

Os estudos etológicos de Bateson permitiram o desenvolvimento do conceito de “metacomunicação”. Com efeito, a partir do momento em que se coloca um pedaço de papel para as lontras, elas trocam signos comunicativos que estabelecem a brincadeira. A esse fluxo de informações que faz as lontras interagirem denominamos metacomunicação. Para nosso estudo é importante a noção do jogo da troca de informações. Assim como entre os outros mamíferos, nós estamos em permanente interação, nos metacomunicando, também de forma lúdica. Quando pensamos em um estádio de futebol, devemos nos atentar aos padrões de

---

<sup>29</sup> Tradução livre: “La thèse centrale de cette théorie consiste à dire qu’il existe une discontinuité entre la classe et ses membres: la classe ne peut pas être membre d’elle-même, pas plus qu’un de ses membres ne peut être la classe, et ce parce que le terme utilisé pour la classe ne se situe pas au même niveau d’abstraction que celui qu’on utilise pour ses membres. Autrement dit, il appartient à un *autre* type logique.”

<sup>30</sup> Tradução livre: “Pendant environ deux ans, en compagnie d’un poète (W. Kees), il observe et filme de façon épisodique un couple de loutres. Leur adaptation à cet environnement artificiel est médiocre. En general, elles se contentent de manger la nourriture fournie sans manifester les aspects ludiques propres à leur espèce, ceux-là mêmes qui intéressent le chercheur.

Mais, un jour de printemps, Bateson a l’heureuse idée d’attacher un morceau de papier à une ficelle et de le leur presenter. Les animaux se mettent, disons, à ‘s’amuser avec ce jouet’, dans une forme de compétition. L’expérience est poursuivie les jours et les semaines suivantes. Enfim éveillés, les animaux maintiennent entre eux ces échanges ludiques”.

interação que regulam o evento através de símbolos de que nos apropriamos, nem sempre de forma consciente.

Ainda neste capítulo aprofundaremos alguns conceitos de Bateson, como a crise na ecologia do espírito, na tentativa de apontar de que forma se dá o equilíbrio sistêmico citado por Winkin anteriormente, pensando a comunicação como um ecossistema.

### 2.2.1 Antropologia da comunicação ou “pragmática”?

Ao tratar da Escola de Palo Alto em seu livro *O pensamento comunicacional*, Bernard Miège a classifica como “pragmática”, por se relacionar ao estudo das relações pessoais e das regras de comportamento.

Impõe-se, antes de tudo, uma precisão terminológica que diz respeito ao uso do termo ‘pragmática’: no plano etimológico, ele deve ser relacionado com o termo grego ‘praxis’ e com o que este considera como prioridade, ou seja, as relações de sujeito a sujeito (2000: 66).

Contudo, Miège ressalta a importância de diferenciarmos o termo “pragmática” empregado pelos estudos de Palo Alto do mesmo termo empregado na lingüística.

Bernard Miège coloca a pragmática como um estudo sobretudo voltado às patologias psiquiátricas, muito embora haja pesquisadores tanto ligados aos estudos da esquizofrenia quanto aos estudos antropológicos. De fato o principal nome de Palo Alto, Gregory Bateson, contemporâneo à fundação do *Mental Research Institut*, dedicou grande parte de sua vida acadêmica aos estudos da esquizofrenia e do “duplo vínculo”. Miège coloca então o sucesso da aplicação das teorias pragmáticas nos tratamentos patológicos, porém aponta um certo fracasso na tentativa de aplicação aos campos não-patológicos.

Um ensinamento deve ser retirado de tais fracassos: modelo interpretativo das relações interpessoais, a pragmática não poderia pretender ser uma teoria explicativa de toda comunicação humana, até porque muitas críticas têm sido dirigidas a ela (MIÈGE, 2000: 69).

A grande crítica de Miège diz respeito ao posicionamento do observador antropológico que seria tida como “pura”, ou seja, o observador seria dotado de uma capacidade de percepção livre de qualquer distorção.

Outra crítica contundente apresentada por Miège e pertencente a Paul Attallah, desta vez de ordem teórica, é a aproximação da pragmática com o funcionalismo clássico. Miège acrescenta que

de fato, a psicoterapia palo-altista procura, ao final das contas, fazer coincidir o comportamento individual com as normas sociais; uma forma de evitar o paradoxo e o sofrimento resultantes de comportamentos ‘disfuncionais’ é, assim, uma maneira de se conformar com as normas sociais. Apesar das aparências, essa forma de encarar a comunicação humana se aproxima da visão funcionalista, onde a ‘necessidade de se comunicar’ do indivíduo autônomo e racional é garantida pela participação no sistema midiático (2000: 71).

Entraremos também, mas de forma resumida, na comparação que Miège faz entre a pragmática e a etnografia. Para o autor há diferenças teóricas que as individualizam, embora haja com frequência confusões entre ambas. Miège cita como etnógrafos Gumperz e Hymes, autores de *The ethnography of communication* no ano de 1964. Na etnografia da comunicação são levados mais em conta os estudos lingüísticos e, principalmente, dos atos da fala. Assim, a etnografia da comunicação aponta mais fortemente ao estudo da comunicação verbal e de ambientes sociolingüísticos.

Os argumentos apresentados por Bernard Miège na descrição das teorias da “Nova Comunicação” são passíveis de atenta reflexão, principalmente ao aplicarmos essas teorias ao nosso objeto de pesquisa. Contudo, também é possível a contra-argumentação, buscando relacionar de forma consistente os conceitos de Palo Alto com qualquer fenômeno comunicacional atual. No âmbito da pesquisa sobre a *Rádio Eldorado/ESPN*, como dito anteriormente, ressaltamos a ênfase aos corpos que se vinculam através do aparelho de comunicação, sejam eles suportes secundários, como o papel, sejam suportes terciários, como a TV, o rádio e a Internet. A partir desse ponto-de-vista epistemológico, acreditamos que a “Nova Comunicação” pode ser uma fundamentação teórica consistente que não se confunde com o funcionalismo. Evidentemente, críticas e restrições podem ser feitas em relação, principalmente, ao “olhar puro” pretendido pelos palo-altinos, porém sem perder os elementos ricos nas tentativas de compreensão das interações sociais.



## 2.2.2 A importância da Antropologia da Comunicação

Winkin ressalta que a antropologia da comunicação “diz menos respeito de fato a uma plataforma teórica que uma atitude face ao mundo: admiração, curiosidade, apetite; romper com a evidência, criar a diferença, renovar seu olhar<sup>31</sup>” (2003: 73). Essa postura levou o antropólogo belga a analisar a construção de duas teorias que são comumente utilizadas em aplicações práticas por profissionais de comunicação em todo o mundo.

O primeiro exemplo vem do sistema FACS (*Facial Action Coding System*) criado por Paul Ekman, que ganhou notoriedade através da venda de seus métodos de decodificação de expressões faciais de forma que seus conhecedores pudessem entender as verdadeiras intenções dos seus interlocutores durante uma conversa ou um contato visual, sendo possível até perceber mentiras que estariam impressas em suas expressões. O outro exemplo vem da PNL (Programação Neuro-lingüística), muito difundida no mundo corporativo brasileiro. Winkin (2003) destaca que os primeiros estudos sobre a PNL surgiram nos Estados Unidos com John Grinder e Richard Bandler lançando o primeiro tomo do livro *The Structure of Magic* em 1976, prefaciado por Gregory Bateson, que então acreditava ser um importante trabalho no campo linguístico e comunicacional. Contudo, o segundo tomo já fora produzido sem o prefácio de Bateson. “A PNL era apresentada como um conjunto de técnicas que permitiam a obtenção de mudanças de comportamento e de percepção do mundo, por si mesmo, ou pelo outros<sup>32</sup>” (WINKIN, 2003: 25). Em pouco tempo, a PNL transformou-se em instrumento de dominação em grandes corporações, com a idéia de que se poderia ter o controle de comportamento de todo o corpo de funcionários de uma empresa. Percebemos, portanto, a importância da elaboração de pesquisas baseadas nos preceitos de Palo Alto, buscando nas relações algumas das fontes de observação e compreensão das ações humanas. E a abordagem científica e metodológica da antropologia da comunicação é vital para seu desenvolvimento, sem que suas teorias caiam nas teias de algumas ações mercantis que possam tirar a credibilidade de uma abordagem importante nos estudos das Ciências da Comunicação.

---

<sup>31</sup> Tradução livre: “Il s'agit moins en fait d'une plate-forme théorique que d'une attitude face au monde: étonnement, curiosité, appétit; rompre avec l'évidence, créer la différence, renouveler son regard”.

<sup>32</sup> Tradução livre: “La PNL était présentée comme un ensemble de techniques permettant d'obtenir des changements de comportement et de perception du monde, par soi-même et pour les autres”.

Com efeito, a antropologia da comunicação é uma teoria em aperfeiçoamento e, assim como nos mostrou Bernard Miège, é preciso também olhar criticamente para a pragmática, buscando aproveitá-la em suas virtudes e modificá-la através de discussões acerca das pesquisas de campo. Com o intercâmbio de informações e pessoas facilitado por equipamentos modernos, é possível contribuímos com a manutenção de um “colégio invisível” em escala mundial.

Os pesquisadores de Palo Alto se dedicaram ao estudo das performances não-verbais em diversos aspectos, buscando padrões de comportamento. O desafio da presente pesquisa é buscar alguns desses padrões não somente em ações e gestos, mas principalmente nas relações mediadas pela internet a partir dos elementos dados de um ambiente sonoro no estádio de futebol. O olhar antropológico para as relações pautadas concretamente pelo jogo de futebol deve dialogar com alguns conceitos relacionados às técnicas e usos do ciberespaço.

### 2.3 Técnica, tecnologia e cultura contemporânea

Para o filósofo italiano Gianni Vattimo, a crise da modernidade está diretamente ligada ao desenvolvimento da comunicação através dos *media* de massa. Para Vattimo, os *media* como a TV e o rádio possibilitaram o fim da leitura linear da História, tal como ela fora contada durante séculos, privilegiando grupos econômicos e esquecendo acontecimentos relevantes para os empobrecidos. Esse fim da linearidade, culminando também no fim do futuro, ou seja, do modelo a ser alcançado, do ideal europeu de civilização, pode possibilitar a (re)inserção da sociedade como um todo na construção da História. Porém, esse efeito de liberdade não é necessariamente algo pacífico e coordenado, o que exige profunda reflexão acerca da posição das novas tecnologias nos processos comunicativos que ajudarão a remodelar alguns códigos sociais. Este tema é tratado por Máximo di Felice no artigo *O esquecimento da técnica*, publicado em julho de 2008 na *Revista Cult*. Refletindo sobre a técnica e a pós-modernidade a partir do pensamento de Vattimo, di Felice afirma que

do ponto de vista filosófico, portanto, Vattimo, como Heidegger, propõe a superação da concepção instrumental da técnica, recusando, ao mesmo tempo, a concepção mecanicista dos meios de comunicação, que reduzia a análise aos seus conteúdos e às suas funções persuasivas (2008: 18).

Fica clara, assim, a necessidade de olharmos para os meios de comunicação, principalmente os meios em rede, não simplesmente como instrumentos, mas como potencializadores da pluralidade social, reverberadores de vozes, vinculadores de corpos, possíveis agentes emancipadores de grupos sociais e, também, como ambientes que ajudam a constituir essa que chamamos comunicação na contemporaneidade.

Seguindo a história da evolução tecnológica, Máximo di Felice, baseado em Baldini<sup>33</sup>, afirma que o homem viveu três grandes revoluções comunicativas: a primeira com o surgimento da escrita, que causou em certa medida o declínio das culturais orais; a segunda advém da invenção da prensa de Gutenberg, que permitirá a disseminação de livros e jornais; a terceira causada pelos *media* de massa, através dos meios de comunicação eletrônicos, primeiramente o rádio, seguido pela TV. Estaria em curso, portanto, a quarta revolução comunicativa, a partir das tecnologias de comunicação digital, que irá mudar qualitativamente

---

<sup>33</sup> O italiano Máximo Baldini é autor de *Storia della comunicazione* (1989).

as formas de mediações tanto entre os atores sociais entre si, quanto a interação dos atores com os equipamentos.

Mássimo di Felice propõe, assim, 30 teses para entender a sociedade digital<sup>34</sup>. Deste texto nos caberá selecionar algumas das teses que julgamos possíveis observar a partir dos conceitos batesonianos de ecossistema e da comunicação orquestral. A primeira tese que apontamos diz que:

Tal revolução comunicativa, qualitativamente distinta das formas midiáticas anteriores, parece irreversível, enquanto resultado de uma alteração tecnologia portadora de um novo paradigma comunicativo e de um novo tipo de interações sociais.

Recorrendo ao discurso de Gregory Bateson proferido em 21 de abril de 1966 *De Versalhes à cibernética*, anteriormente citado, encontramos a preocupação do antropólogo com fatos sociais realmente responsáveis por mudanças nos códigos, ou modelos (*patterns*). De acordo com Bateson (como citado na nota 25), os dois principais acontecimentos de sua vida foram o tratado de Versalhes, que culminou na rendição da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, e do surgimento da cibernética entre os anos de 1946/47. Para Bateson, interessava menos a Segunda Guerra do que os motivos que levaram à assinatura do tratado de Versalhes. A rendição humilhante da Alemanha teria sido para o antropólogo o fato mais determinante para o seguimento das tensões que culminariam no surgimento do nazismo e seu desenvolvimento até a Segunda Guerra. Bateson ressalta que aqueles que vieram de gerações posteriores ao tratado teriam dificuldades em compreender um acontecimento como a Segunda Guerra, pois não teriam passado pelo momento onde a população alemã fora massacrada e humilhada. Para ilustrar esse pensamento, Bateson utiliza a frase “os pais comeram as uvas verdes e os dentes dos filhos que ficam irritados”<sup>35</sup>. Já a cibernética é para Bateson

a esperança [...] que nós possamos utilizar esse novo conhecimento com mais honestidade que de costume. Se nós compreendermos um pouco mais o que estamos prestes a fazer, talvez acharemos assim mais facilmente uma

---

<sup>34</sup> O texto “30 teses para entender a sociedade digital” foi apresentado pelo Professor Máximo di Felice para reflexão junto aos alunos nas aulas da disciplina Formas Comunicativas de Habitar – PPGCOM da ECA – USP, 2008.

<sup>35</sup> Tradução livre: “les pères ont mangé des raisins verts et les dents des enfants en sont agacées.”

saída a esses emaranhados de alucinações que nos teceram em torno de nós mesmos<sup>36</sup> (1980: 276).

Relacionando os pensamentos de di Felice e Bateson, percebemos a preocupação com as mudanças de paradigmas e de modelos. Fica ressaltada também a necessidade de se buscar as raízes dessas mudanças, como no caso de Versalhes. Bateson, embora se importe com a evolução das formas de comunicação, a coloca em plano menos importante. Não podemos, contudo, mesmo levando em conta os preceitos de Bateson, deixar de colocar a, assim chamada por di Felice, quarta revolução comunicativa fora dos acontecimentos capazes de modificar modelos de comportamento e cultura.

Mobilizações importantes são verificáveis atualmente no sentido de dar encaminhamentos de organização e compreensão das evoluções das NTICs, em eventos como a *Campus Party*. Discute-se em fóruns quais leis irão regulamentar o ciberespaço, além de questões sociais referentes ao ambiente virtual, como a acessibilidade e o compartilhamento de informações. Contudo, é necessário observarmos que, para além das leis, muitos códigos comportamentais podem se modificar a partir do desenvolvimento dos ambientes em rede. À medida em que habitamos a rede, construímos nesse ambiente novos códigos que estão na base dos comportamentos e das leis. E, levando em conta as idéias de Bateson, a comunicação tem profunda relação com esse processo de mudanças que nos encaminham para tempos da chamada comunicação na contemporaneidade.

Indicamos a reflexão acerca de autores como Zygmunt Bauman, que acusa severas modificações nos relacionamentos advindas da pós-modernidade<sup>37</sup>, ressaltando o caráter efêmero e superficial que pauta os vínculos interpessoais, notadamente ampliados de forma acentuada pelos novos ambientes virtuais de comunicação. Será?

Percebemos, mesmo analisando sob diversas perspectivas, que a “revolução comunicativa” analisada por di Felice parece de fato irreversível e que futuras gerações correm o risco de se encontrarem numa situação de “alucinação” como disse Bateson, entregues aos códigos, comendo as uvas verdes das gerações anteriores, se não voltarmos nossas atenções às novas relações que nascem no ambiente virtual. Assim como nos entregamos à iconofagia (BAITELLO, 2005) a partir da difusão da prensa, a simples

---

<sup>36</sup> Tradução livre: “l'espoir [...] que nous pourrions utiliser ce nouveau savoir avec plus d'honnêteté que de coutume. Si nous comprenons un peu plus ce que nous sommes en train de faire, peut-être trouverons-nous ainsi plus facilement une issue à cet écheveau d'hallucinations que nous avons tissé autour de nous-mêmes”.

<sup>37</sup> Por Bauman chamada de “modernidade líquida”.

propagação do ciberespaço pode trazer, apesar dos diversos benefícios, problemas severos nos relacionamentos e nos códigos comportamentais. Por isso a idéia de pensarmos uma ecologia da comunicação<sup>38</sup> no ciberespaço. Acreditamos que o termo tenha grande valor ao dar um sentido de união, de relações, de vínculos. As relações no ambiente virtual por si só não bastam, mas elas devem ser estudadas em conjunto com outros ambientes, em suas convergências e divergências.

A segunda tese de di Felice que nos interessa diz que:

A rede é autopoietica: qualquer processo ou informação que se constitua como um início, ou como uma mensagem com um objetivo determinado uma vez na rede passa a ser manipulado e modificado continuamente, assumindo formas e conteúdos inesperados.

Em um modelo orquestral da comunicação, a interação e participação na construção da comunicação são essenciais. Acima da simples interatividade entre homem e máquina, o que surge como ponto importante da cultura de rede é a possibilidade de efetiva participação dos cidadãos no fluxo informacional, produzindo e se apropriando de conteúdos sem restrições e ecoando em escala global manifestações de arte, protesto, conhecimento, entretenimento, jogos etc. Essa mudança de *patterns* tem e terá efeitos tanto em nível local, como em níveis nacionais e transnacionais. Idéias políticas e culturais, como a de nação sofrerão severas mudanças. Nem todas as mudanças, conforme ressaltou Vattimo, serão pacíficas e ocorrerão em pouco tempo. Habitar a arquitetura da rede exige ainda alinhamento com normas de codificações e protocolos que, muitas vezes, são controlados por órgãos ligados aos governos nacionais. Portanto, podemos observar a cultura da rede como mudança não apenas de *patterns* culturais, mas entre eles também dos *patterns* políticos. Temos assim um habitar simbiótico entre um ecossistema comunicativo que podemos chamar de “tradicional”, que engloba nossas relações interpessoais, as comunicações gestuais, orais e midiáticas, com um ecossistema comunicativo em rede. Se habitarmos de fato de forma simbiótica, problemas como o desaparecimento de culturas folclóricas locais serão superados, sendo possível ainda a ressonância dessas manifestações culturais em escala global.

Citamos uma terceira tese de Máximo di Felice na tentativa de esclarecimento sobre as dinâmicas da sociedade digital:

Uma nova ecologia delinea-se, não mais antropomórfica, nem antropocêntrica, que unificando o território, as informações e o sujeito num

---

<sup>38</sup> Sobre ecologia da comunicação Cf. Menezes, 2009.

dinamismo tecno-informativo, incrementa o nível de consciência da interdependência ecossistêmica comunicativa.

Observamos mais uma vez o ecossistema da rede como agente aglutinador entre sujeitos, informações e natureza. Segundo di Felice, a cultura de rede testemunha o declínio do individualismo antropocêntrico e abre caminhos para a retomada da relação dos cidadãos com o ambiente onde habitam. Para tanto, é necessário uma ruptura com certos paradigmas da Sociologia, ainda antropocêntrica, ampliando o campo social às interações comunicativas entre sociedades e natureza. Através de uma “revolução profunda” (KOYRÉ, 1986: 07) como a de Copérnico, que provou que a Terra não era centro do Universo, é necessário, segundo di Felice, tirar também do indivíduo essa pretensa centralidade. A comunicação desempenha um papel fundamental na valorização das relações intersubjetivas. Como afirmou Bateson, a comunicação é a responsável pela dinâmica dos códigos culturais; é através da comunicação que tecemos a cultura. O jornalismo, seus profissionais e produtores de conteúdo nos grande conglomerados de *media* carregam uma herança logocêntrica e racional da modernidade. Ligado à velocidade da informação e à hipertrofia das imagens, o cenário que desponta é de preocupação. Cabe aos profissionais e pesquisadores das Ciências da Comunicação o esforço no sentido de resgatar a narrativa, as histórias de vida, as experiências corporais que foram perdidas na produção jornalística. O mesmo vale para as jornadas esportivas, preocupadas com o imediatismo e com os patrocinadores, deixando escapar elementos de vínculo, narrativas e sons que são experiências do corpo, da cultura do ouvir.

## 2.4 Crise da Ecologia do espírito

Ao falarmos a respeito das possibilidades de uma nova ecologia tecno-informacional, não podemos deixar de observar a crise da ecologia ressaltada por Bateson. No livro *Gregory Bateson. Antropologia, comunicação, ecologia* (2007), Rocco di Biasi cita conferência realizada em 1970 na *Hawaii University*<sup>39</sup> para discutir ações contra a contaminação de inseticida DDT no ambiente da ilha, visto que estudos da época apontavam nesse inseticida um grande nível tóxico para diversos animais, inclusive pássaros migratórios, que espalhavam toxinas até no continente antártico. Bateson propõe que os problemas ambientais têm três grandes causas combinadas: o progresso tecnológico; o crescimento demográfico; as idéias convencionais sobre a natureza do homem e sua relação com o ambiente. A teoria cibernética está presente nessa idéia a partir da interdependência entre os três fatores, cada um gerando *feedback* em relação aos outros, conforme cita Bateson:

Esses três fatores fundamentais são forçosamente interativos. O crescimento da população estimula o progresso tecnológico, e engendra essa ansiedade que nos veste como inimigos de nosso próprio meio-ambiente. A tecnologia, por seu lado, favorece o crescimento da população e reforça nossa arrogância, ou *hubris*, contra o meio-ambiente natural<sup>40</sup> (BATESON, 1980: 294).

Esta colocação é importante para refletirmos a necessidade de mudança de certos comportamentos, principalmente na tentativa de se atingir um crescimento tecnológico aliado a um pensamento compreensivo, aberto aos sentidos e às relações, fugindo do individualismo e do jogo perverso da racionalização. O desenvolvimento técnico, baseado na velocidade das conexões e no número de acesso, sem levar em conta as mudanças nas idéias, poderia levar, segundo o raciocínio de Bateson, a um perigoso desequilíbrio e uma crise da ecologia durante a consolidação da cultura de rede. Corremos o risco de perder a chance de uma verdadeira revolução comunicativa, ou até mesmo, de transformá-la em algo prejudicial tanto ao ambiente quanto às sociedades. Contudo, tanto Bateson em sua teoria da comunicação, quanto

---

<sup>39</sup> Essa conferência está disponível na íntegra no livro *Vers une écologie de l'esprit 2*, no capítulo *Les racines de la crise écologique*.

<sup>40</sup> Tradução livre: “Ces trois facteurs fondamentaux sont forcément interactifs. L'accroissement de la population stimule le progrès technologique, et engendre cette anxiété qui nous dresse en ennemis contre notre propre environnement. La technologie, à son tour, favorise l'accroissement de la population et renforce notre arrogance, ou *hubris*, envers l'environnement naturel.”



di Felice nos estudos das comunidades de rede demonstram otimismo e incitam o mundo acadêmico a participar ativamente dessas transformações.

#### 2.4.1 Ecologia e flexibilidade

Ainda no ano de 1970, Gregory Bateson dirige um congresso com o tema *Reestruturar a ecologia de uma grande cidade*<sup>41</sup>. Seu discurso começa com a seguinte pergunta: como definir a saúde ecológica? Buscando fugir de generalizações, Bateson termina por afirmar que uma ecologia sã pode se definir como

um sistema unitário feito da *combinação do meio-ambiente com um alto grau de civilização*<sup>42</sup>, ou a flexibilidade da civilização se encontraria àquela do meio-ambiente para criar um sistema complexo que funciona, aberto às mudanças lentas das características mesmo as mais fundamentais e as mais 'rígidas' do sistema<sup>43</sup> (BATESON, 1980: 299).

A dificuldade encontra-se exatamente na constituição de um “alto grau de civilização”, mas Bateson não acredita que a saída para o equilíbrio homem/ambiente esteja na volta aos hábitos rudimentares, inocentes. Para o antropólogo, isso seria um retrocesso e tudo teria de ser começado do zero. Como possuímos habilidades de construção e uso de tecnologias, o grau de civilização encontrar-se-á nas formas de se manter na população humana a sabedoria necessária para articular um equilíbrio entre necessidades materiais, criativas, lúdicas, sempre respeitando a diversidade entre indivíduos e provendo flexibilidade para a adaptação a mudanças imprevisíveis.

Bateson coloca o conceito de flexibilidade como fundamental para manter a saúde ambiental, ou mesmo para simplesmente evitar uma total catástrofe nos ordenamentos atuais. A flexibilidade funciona como um espaço de variação de movimentos que uma estrutura ambiental é capaz de suportar, se tornando um limite dos movimentos de adaptação.

---

<sup>41</sup> Cf. *Vers une écologie de l'esprit 2* no capítulo “Écologie et souplesse dans la civilisation urbaine”.

<sup>42</sup> Os grifos são do autor.

<sup>43</sup> Tradução livre: “un système unitaire fait de la combinaison de l'environnement avec un haut degré de civilisation, où la souplesse de la civilisation rejoindrait celle de l'environnement pour créer un système complexe que fonctionne, ouvert aux changements lents des caractéristiques même les plus fondamentales et les plus <rígides> du système”.

Levando esse conceito ao mundo virtual, é necessário que haja flexibilidade na construção dos *patterns* virtuais e que as diferenças sejam enriquecedoras na medida em que permitam caminhar rumo ao “grau elevado de civilização”.

O perigo encontra-se justamente num “esmagamento” de alguma variável do sistema, que prejudicará todo o funcionamento. Se, por exemplo, apenas o número de usuários do ciberespaço crescer a ponto de ultrapassar o limite do flexível, sem que outras variáveis acompanhem o crescimento, chegando ao esmagamento, todo o movimento do sistema estará prejudicado, pois esses movimentos terão por objetivo compensar e suportar a hipertensão colocando o equilíbrio em xeque. Habitualmente teríamos como regulamentação desses movimentos a criação de leis e de órgãos fiscalizadores. Porém, na visão de Bateson as leis, embora úteis, não podem extrapolar a capacidade criativa da sociedade, conforme passagem:

Tentar impedir certas usurpações [através de leis], tudo bem, mas seria ainda melhor encorajar os indivíduos a terem consciência de sua própria liberdade e de sua flexibilidade, de modo que eles as utilizem mais freqüentemente<sup>44</sup> (BATESON, 1980: 310).

A cultura virtual, a partir do momento em que for capaz de agregar a grande maioria da população mundial, e isto é bastante possível, será o principal ambiente de consolidação da cultura não-linear, não mais antropocêntrica, ligada às relações, à compreensão. A cultura da rede é exemplo de uma epistemologia da compreensão, que traz consigo toda potencialidade de aglutinação a partir da comunhão das idéias e das produções artísticas, culturais, lúdicas. Conforme uma das teses de di Felice,

a criação de um sistema comunicativo em rede introduz uma nova estrutura comunicativa interativa em todos os níveis do social, criando uma cultura da transparência que faz coincidir o conceito de informação com aquele de livre acesso.

Fica evidente, assim, a proposição de um sistema comunicativo aberto, o que para Bateson poderia significar um grande avanço rumo aos altos graus de civilização, desde que respeitados os limites de flexibilidade.

No caso das relações fundadas a partir das jornadas esportivas, devemos levar em conta que o espaço de conflito presente em ambientes ligados ao futebol podem ser aceitáveis dentro das regras do jogo, mas a convivência entre torcedores fora do jogo nem sempre é

---

<sup>44</sup> Tradução livre: “Tenter d'interdire certains empiétements, c'est bien, mais ce serait encore mieux d'encourager les individus à prendre conscience de leur propre liberté et de leur souplesse, de façon à ce qu'ils en usent plus souvent”.

harmoniosa. Um exemplo são os cantos de incitação à violência praticados por torcidas organizadas, chamando os “torcedores” à briga e desafiando a polícia e as leis. Em São Paulo, as autoridades reagiram no sentido de abolir algumas torcidas e coibir os cantos provocadores. É um exemplo claro das leis aplicadas na tentativa de, nas palavras de Bateson, impedir as usurpações. Ao impor as leis, o Estado age de forma direta na orquestração do estádio de futebol, tirando do torcedor o direito de levar bandeiras e outros acessórios, restringindo a participação criativa, tornando o que, para muitos críticos, foi o começo da fuga dos torcedores dos estádios paulistas. Durante a entrevista realizada com Paulo Soares na redação da *ESPN*, o narrador ressaltou que boa parte dos cantos de torcidas paulistas evocam a violência, principalmente contra a Polícia Militar.

*É que a maioria das canções das torcidas paulistas são canções que não levam muito a lugar nenhum. Tirando uma outra, são canções mais agressivas. Uma coisa mais de guerra de torcida, “vou dar porrada eu vou” e “vou matar eu vou”.*

Jornalistas como Mauro Cezar Pereira<sup>45</sup>, dos canais *ESPN* e da *Rádio EldoradoESPN*, ressaltam que essas restrições são, em grande parte, a causa do êxodo dos torcedores paulistas de seus estádios.

Ressaltamos que não é função deste estudo julgar a ação legal do Estado, mas apenas ilustrar as considerações de Bateson e apontar para uma dinâmica de flexibilidade que acontece nos estádios brasileiros. Com efeito, essas dinâmicas não apontam apenas para o caso da incitação à violência. Nos estádios há movimentos orquestrados de incentivos, críticas, lamentos, onde cada ator social está em vínculo com o jogo e com os outros atores, nem sempre de forma harmônica.

A mesma coisa ocorre no ciberespaço. O ouvinte está distante do local do jogo, mas vinculado através do som e da hipertextualidade da Internet, tendo uma participação específica e importante na construção cultural da partida. E essa orquestração que se dá no ciberespaço é sujeita a conflitos, além de ser ainda restrita pela arquitetura da rede, que no caso da *Eldorado/ESPN* conta com moderadores de conteúdo no site de debate, responsáveis por zelar pela convivência entre os torcedores, evitando palavrões e expressões ofensivas.

---

<sup>45</sup>Disponível em:

<[http://espnbrasil.terra.com.br/maurocezarpereira/post/94899\\_A+CARETICE+E+O+POLITICAMENTE+CORRETO+TORNAM+ESTADIOS+DE+SP+QUASE+TUMULOS](http://espnbrasil.terra.com.br/maurocezarpereira/post/94899_A+CARETICE+E+O+POLITICAMENTE+CORRETO+TORNAM+ESTADIOS+DE+SP+QUASE+TUMULOS)>. Acesso em: 20 jan. 2010.

Durante algumas jornadas da *Eldorado/ESPN* colhemos textos postados no mural *A Voz da Torcida* do sítio *Território Eldorado*. A idéia era montar um pequeno exemplo de relações conflituosas e o papel do moderador dentro do debate. Fazer a compilação das postagens era um exercício de rapidez, pois o moderador tirava da página qualquer mensagem que era julgada como mais excessiva.

*São Paulo x Palmeiras (30/08/09)*

*Gabriel*: ahh blz, eles podem ficar colocando comer porco assado, vai mostrar porco estrebuchando, se alguém fala bambi ou alguma coisa, vcs tiram a msg blz fazer o que

*Flamengo x São Paulo (10/10/09)*

*Moderador*: Pessoal, vamos manerar nos palavrões. Valeu!

*Ivo da Freguesia do Ó*: MODERADOR SABE O RESULTADO DE EUA X HONDURAS??????

*Sandro Barbosa\_Jaguariúna-SP*: não acredito que a sala ta bloqueada de novo

*Moderador*: MURAL BLOQUEADO.

*Flamengo x Cruzeiro (20/08/09)*

*Sandro Barbosa\_Jaguariúna-SP*: ninguém merece propaganda politica...isso sim é DITADURA

*Sandro Barbosa\_Jaguariúna-SP*: ouvir estes LADRÕES, PILANTRAS e SACANAS é palhaçada

*Sandro Barbosa\_Jaguariúna-SP*: a minha paciência é que acabou com estes PILANTRAS

*Sandro Barbosa\_Jaguariúna-SP*: é P daki P de lá e todos os partidos são um monte de M....

Esses exemplos dão conta de que o papel do som no ciberespaço, dentro de uma jornada esportiva, não se resume ao conteúdo que reverbera a partir das caixas de som. O som tem papel fundamental na construção do equilíbrio sistêmico do espaço virtual, atuando como agente vinculador entre homens e natureza. As frases apresentadas mostram uma falta de preocupação com regras de escrita, deixando um caráter de fala, de debate oral, como se fosse de fato a “voz da torcida”. E essas vozes estão reverberando no mural, causando retroações dos moderadores e dos outros atores sociais. Esperamos assim ilustrar como pode ser abordada a antropologia da comunicação na tentativa de alcançar uma forma compreensiva de olhar o ciberespaço, dando destaque às relações intersubjetivas que acontecem a partir de um evento lúdico mediatizado, pautado nas construções sonoras da oralidade.

A tentativa de descobrir as relações que estão por detrás das jornadas esportivas a partir de uma perspectiva compreensiva sobre o nosso objeto é um passo em direção à construção do conceito de *Cultura do Ouvir*. Ouvir é uma experiência que vai além do sentido da audição. Ouvimos com o corpo, reverberamos junto com ele, e construímos relações a partir dessas experiências. Por isso os vínculos sonoros são de grande importância para nossa pesquisa e serão abordados no capítulo seguinte, relacionados aos conceitos de *ludus* e tempo, além de uma passagem pela Semiótica da Cultura, com o objetivo de levantar alguns elementos lingüísticos e culturais presentes em um estádio de futebol que sejam essenciais para a compreensão do papel do som e inclusive das cantorias nos jogos orquestrais.

**CAPÍTULO 3**  
**CULTURA DO OUVIR**

### 3. Cultura do ouvir

O título do presente capítulo também dá nome ao Grupo de Pesquisa fundado por professores e pesquisadores da Faculdade Cásper Líbero em 2008. Um dos objetivos do grupo é pensar o ouvir não apenas como um exercício de diálogo, mas também como forma de tecer relacionamentos, de comunicação conosco, com nossos semelhantes e com a natureza. A experiência sonora nos estimula sensorialmente, muito mais do que apenas no sentido da audição, mas nos fazendo entrar em contato com nosso próprio corpo.

Começamos pelo posicionamento epistemológico do som e da cultura do ouvir, buscando aspectos de comunhão social na relação do som com algumas ferramentas de interação no ambiente do ciberespaço. Em seguida, tratamos dos vínculos sonoros possíveis através do jogo no estádio de futebol<sup>46</sup>. Defendemos, em seguida, que essas paisagens sonoras, cantos, músicas, ruídos, gritos de guerra, seriam responsáveis por diversas construções de vínculos entre os participantes da partida de futebol, estejam eles no estádio ou em contato com suportes de comunicação. Nesse caldeirão sonoro se estabelecem os jogos orquestrais entre as milhares de pessoas que se dispõem a participar de uma partida de futebol.

---

<sup>46</sup> Este estudo foi também apresentado em forma de artigo e debatido no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2009, na cidade de Curitiba.

### 3.1 O ouvir e a epistemologia compreensiva

O homem vive experiências de diversos tipos, como de afeto, violência, loucura, lúdica, intelectual e tantas outras. Todas essas experiências são sensoriais, ou seja, a porta de contato está em nossos sentidos. Aprendemos um jogo, sentimos o cheiro de uma flor, queimamos a mão, cantamos o hino nacional, comemos bife de fígado na infância. Em cada experiência nos transformamos e ainda transformamos as formas de se fazer experiências. Porém, para que sejam possíveis tais transformações, é necessário, como vimos anteriormente, que atentemos às relações que permeiam toda experiência, buscando compreender quais são os códigos que estão ao nosso redor permitindo as relações. A palavra compreender<sup>47</sup> tem originalmente o sentido de integração, união. Entendemos que as experiências que vivemos durante todo o percurso de nossas vidas só podem ser realmente elementos de mudanças quando nos abraçamos a todas as relações, utilizando todos os nossos sentidos. Assim, a compreensão no lugar do simples entendimento está na base da subjetividade. O ponto de vista epistêmico desse estudo é a compreensão através do som e das possibilidades de trocas virtuais pelo ciberespaço.

Para tanto, nos lançamos na busca de fazer ciência com ternura, tratando a comunicação como um fenômeno de comunhão. Luis Carlos Restrepo mostra com propriedade a capacidade do estudo do afeto em colaborar como forma de compreendermos algumas mazelas humanas típicas da contemporaneidade, como a falta de relações e a violência. A estrita observação fenomenológica não basta. Procuramos uma visão além da dialética, pois

cada vez estamos mais dispostos a reconhecer que o tipicamente humano, o genuinamente formativo, não é operação fria da inteligência binária [...] O que nos caracteriza e diferencia da inteligência artificial é a capacidade de emocionar-nos, de reconstruir o mundo e o conhecimento a partir dos laços afetivos que nos impactam (RESTREPO, 2001: 18).

A saída seria, portanto, ir além do olhar dialético sobre os objetos e sobre nós mesmos, buscando, como coloca Edgar Morin (2008), uma postura mais ampla, dialógica. Qualquer sujeito é agente e reagente de relações humanas, sejam elas racionais ou puramente movidas por sentimentos. Classificar o homem como um ser racional é equivocado e demasiadamente simplista. O filósofo francês Edgar Morin propõe pensar a ciência de forma complexa, sem

---

<sup>47</sup> Do latim *comprehendere*.



tomar o termo “complexo” como sinônimo de complicado, difícil, mas sim como algo tecido em conjunto. Com efeito, o pensamento complexo abrange nosso raciocínio objetivo e nossa natureza emotiva. Morin sugere que somos seres dotados de razão e de emoção e, portanto, seria impossível sermos apenas *Homo Sapiens sapiens*. Mesmo em nossas construções mais concretas, estão impregnados nossos sentimentos, nossas visões de mundo, a confusão entre real e imaginário. O homem é

um ser que se alimenta de ilusões e de quimeras, um ser subjetivo cujas relações com o mundo objetivo são sempre incertas, um ser sujeito ao erro e à vagabundagem, um ser úbrico que produz desordem. E como chamamos de loucura à junção da ilusão, do excesso, da instabilidade, da incerteza entre real e imaginário, da confusão entre subjetivo e objetivo, do erro, da desordem, somos obrigados a ver o *homo sapiens* como *homo demens* (MORIN *apud* BAITELLO, 2005: 78).

Ao estudarmos os sons como ambientes de cultivo de subjetividade, buscamos os vínculos que tecem os relacionamentos, indo além da simples transmissão de informações, com o objetivo de tentar responder a uma pergunta de T. S. Eliot, reverberada por Morin, a saber: “Onde está o conhecimento que perdemos na informação?” (MORIN, 2008: 16). Podemos estender essa pergunta para “onde estão os relacionamentos que perdemos nas simples trocas de informações?”. Ao nos propor uma ética da compreensão, Dimas Künsch ressalta que

inimiga da arrogância e do desprezo, a compreensão conclama, pois, para assumir uma ética não apenas no mundo estritamente humano, mas frente à própria natureza, gerando vínculos comunicativos com o planeta e respondendo, dessa forma, afirmativamente, aos apelos por sua preservação, num compromisso com as gerações futuras (KÜNSCH, 2007: 58).

Os vínculos comunicativos citados por Dimas Künsch também são observados a partir da sonoridade. Para Dominique Wolton<sup>48</sup> os meios de comunicação que têm o som como principal característica são os mais bem sucedidos como instrumentos de relações. O professor usa o exemplo dos encontros marcados via sítios de relacionamentos da Internet. Mesmo quando decidimos nos encontrar com um desconhecido, um contato das vozes é necessário antes do contato visual. Assim, o celular torna-se um instrumento de vínculos. Com efeito, hoje o celular virou acessório de primeira necessidade, pois através da voz criamos laços que nem sempre percebemos. Ainda segundo Wolton, perguntamos a alguém

---

<sup>48</sup> Extraído da conferência “Elogio do Grande Público”, ministrada pelo professor Dominique Wolton em 19/08/2008 na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo.

quando estamos falando ao celular: “onde você está?”. Essa pergunta guarda muitas significações, mas é importante observar que só a fazemos para aqueles de quem gostamos. Esse pequeno gesto mostra como é possível ir além das simples conexões, das trocas de informações para algo mais complexo, no sentido *moriniano*. Nos sons que produzimos e sentimos estão elementos de vínculos que por vezes nem percebemos, mas que fazem parte de nossa natureza *demens*, de nossa necessidade de nos religarmos, como uma grande teia, um grande complexo de relacionamentos.

O termo cultura do ouvir vem, portanto, para dialogar com a necessidade de pensarmos um estatuto epistemológico compreensivo, baseado nas experiências de relacionamentos, estas com fortes vínculos com a oralidade e a sonoridade. Precisamos buscar nos antigos a oralidade, o “estar com”, a troca de experiências, a corporeidade das relações. E, para isso, não é necessário abrir mão das formas contemporâneas de comunicação, mas sim utilizá-las de forma a potencializar os vínculos corporais. Com efeito, estamos diante de um *medium* como o rádio, que está em processo de convergência com outros meios, que se silencia, mas que tem elementos vinculadores essenciais. Se não aproveitamos totalmente as características sonoras do rádio, muito se deve ao fato de estarmos diante de uma época onde as imagens estão saturadas, nos prendendo por onde passamos, legando a sonoridade a um plano inferior, nos levando ao que Norval Baitello (2005: 99) chama de surdez intencional.

### 3.2 Surdez

Segundo Baitello, vivemos na era da iconofagia (2005). Tempos imagéticos, onde criamos imagens superficiais, sem história, que não mais nos localizam no tempo e pouco se prestam como instrumentos de vinculação. Dessa forma, essas imagens perdem sua função rapidamente e precisam ser substituídas por outras mais impactantes, porém tão superficiais quanto suas precedentes. Devoramos as imagens e por elas somos devorados. Estamos tão carregados de imagens e queremos ser imagens, mas não nos voltamos aos nossos ouvidos.

Por isso a minha pergunta se não estamos nos tornando surdos intencionais? Surdos que ouvem. Surdos que têm a capacidade de ouvir, mas que não querem ouvir, não têm tempo ou então não dão atenção ao que ouvem? Literalmente não dão ouvidos ao que de fato ouvem? (BAITELLO, 2005: 99).

O músico alemão Joachim-Ernst Berendt trata o som como um elemento de transcendência. Segundo o autor, “o homem moderno não ouve mais a Deus. O homem moderno simplesmente não ouve mais” (1986: 21).

Percebemos assim que o som não nos falta. Nem da natureza, nem das pessoas que amamos, nem mesmo das pessoas que nos rodeiam. O que nos falta é retomarmos a sensibilidade de escutarmos, de sentirmos esses sons. Pois escutar não é apenas atentar nossos ouvidos, mas permitir que todo nosso corpo, que nossa pele seja capaz de perceber os sons, que são antes de tudo vibrações. Esse seria um grande passo no sentido de recuperarmos a percepção de nós mesmos, de nossos corpos. Esse tipo de percepção, Baitello utiliza o termo “propriocepção”. Notadamente perdemos a capacidade de sentir nosso corpo tridimensional, imperfeito e sujeito ao tempo. Esse mesmo corpo que vira um registro de nossas experiências, através de marcas físicas, sentimentos e lembranças sensoriais. Podemos nos lembrar por anos da comida preferida cozinhada por nossas mães, do primeiro beijo, da música mais marcante, da primeira vez que vimos o mar, do cheiro de nossos avós. Esses registros são indelévels, marcados em nossos corpos tridimensionais. Nossas imagens bidimensionais são efêmeras, não guardam lembranças e muitas vezes não são, portanto, fonte de vínculos, de relacionamentos.

Voltamos, assim, à importância da voz proclamada por Dominique Wolton. Quando ligamos para alguém e perguntamos “onde você está?”, deixamos mesmo de forma inconsciente uma marca, um registro sonoro no outro. Se não nos atentarmos, podemos deixar

esse registro se apagar, ou então entendê-lo como um instrumento de vigilância e não mais como uma frase de quem constrói um vínculo. Outra frase amplamente proferida em nossa época contemporânea é destacada por Berendt: “Por que a frase 'você nem está me ouvindo!' tornou-se tão característica nos relacionamentos atuais? De que forma a sociedade (e também a política) mudaria se uma frase como essa fosse proferida cada vez menos?” (1986: 23).

Pesquisar na perspectiva da cultura do ouvir não significa em absoluto substituir ou renegar a visão, mas fazer com que ela volte a fazer parte dos registros sensoriais de nosso corpo tridimensional. Para que as imagens que fiquem sejam as vinculadoras. Assim, nossos corpos poderiam voltar a sentir e não mais ser simples produtores em escala de imagens.

Também nas produções mediáticas o acúmulo de imagens causa um empobrecimento do conteúdo jornalístico. O ato de narrar histórias foi perdendo espaço para a instantaneidade das informações. A experiência do narrador (BENJAMIN, 1994: 197) pouco é valorizada pelas emissoras e grupos de comunicação. O conteúdo jornalístico perdeu seu estatuto epistemológico compreensivo, pois deixou de ser um espaço da narrativa e das trocas, bem entendido, da cultura do ouvir. As jornadas esportivas no rádio sofrem das mesmas pasteurizações comerciais, estão igualmente saturadas de imagens, preocupadas com a instantaneidade das notícias e acreditando que basta uma boa locução para que a emoção seja “transmitida”. Com efeito, essa “emoção” também é passageira, efêmera, pois está carregada de imagens, de vícios dos grandes *media*, de fofocas, de correrias, enquanto o dado<sup>49</sup>, a experiência, os vínculos se perdem no estádio de futebol.

A solução para a surdez intencional talvez seja o silêncio. No meio do turbilhão imagético, precisamos do contato com nós mesmos e com os outros. Em seguida, apresentamos exemplos de busca da propriocepção citada por Baitello.

---

<sup>49</sup> Datum - Em filosofia geral. Dado, em oposição ao construído. Exemplos: dados sensoriais, informação de jornal, leituras instrumentais. Advertência: os dados não são efetivamente dados, mas são construídos a partir dos inputs (das entradas) sensoriais. e a maior parte deles é o produto de uma exploração ativa: eles são sobretudo procurados mais do que dados (BUNGE, 2006: 91).

### 3.3 Silêncio

É necessário ouvir quando se está preso a uma sociedade imagética. Porém aqui pretendemos refletir sobre o ouvir a si mesmo. Afinal, ouvir é sentir vibrações. Vibrar junto. Entrar em sintonia com elementos que mal somos capazes de compreender. O silêncio cura. É o que diz o filósofo francês Michel Serres no capítulo *Caixas* de *Os cinco sentidos* (2001). Contando sobre sua experiência numa tarde ensolarada de inverno no teatro de Epidauro, no sul da Grécia, Serres descreve como entrar em contato com nós mesmos, nossos deuses, nosso corpo em silêncio. Quando acompanhamos a tentativa de Serres de fechar-se aos sons do seu próprio corpo, percebemos que é preciso escutar além dos ruídos para que nossas angústias e nossas doenças sejam compreendidas. “A saída do ruído cura, mais que o mergulho na linguagem” (SERRES, 2001: 83). Contudo, em seu momento de solidão em Epidauro, Serres é incomodado em sua meditação por turistas que passam deixando um rastro de destruição causado pelos ruídos que proferem, visto que esse teatro grego é tido como possuidor de uma acústica quase perfeita. Assim, cada turista que lá chega se vê induzido a gritar do palco para que seja ouvido por toda a platéia. O autor não entende a necessidade de um lugar como esse receber visitas dessa forma.

O que viram eles, realmente? Ouviram: gritos, palavras, ecos. Certamente pouco viram, uma vez que as câmeras viram por eles; mas o que escutaram que já não soubessem por sua língua-memória? Vieram a Epidauro? [...] Se tivessem falado, gritado, dialogado assim, em Boston ou em Aix-la-Chapelle, teriam feito a mesma viagem, quase, na chuva e na neve (SERRES, 2005: 84).

Em julho de 2003, durante o verão grego, tivemos a oportunidade de conhecer pessoalmente o teatro grego de Epidauro, encravado entre rochas e oliveiras, como que ainda tentando se perder da civilização. Além da fascinante acústica, da beleza arquitetônica de suas pedras brancas e de sua importância histórica, chama a atenção em Epidauro a sua transformação em local de passagem e consumo. Um espaço que outrora serviu como palco das narrativas, dos vínculos da oralidade, hoje pode ser observado como um não lugar, “espaço no qual não estão simbolizadas nem identidade, nem relação, nem história” (BENKO, 1996: 247), pobre de vinculações, apenas um local de passagem e contemplação. Museus, lanchonetes, parques de diversões para crianças, estacionamentos para ônibus de

excursão. Epidauro hoje é imagem, e como imagem ele é consumido. Os ruídos já não são mais ouvidos, as imagens estão lá para nos satisfazer, e bastam.

Serres nos diz que a experiência sonora não depende necessariamente da linguagem. O discurso pode estar impregnado com nossos vícios sociais, como vimos no caso de Epidauro. O silêncio seria, na verdade, um elemento de ruptura entre a palavra e a ação, sendo um libertador dessa prisão. A proposta é para darmos um passo além da linguagem, buscando o dado, aquilo que não é simplesmente nomeado e explicado, entendido. Entramos em conflito com aquilo que nós mesmos criamos e alimentamos através da linguagem, inclusive quando lidamos com a ciência. Assim, segundo Serres, padecemos da palavra, como Sócrates em seu leito de morte, condenado pela palavra do juiz. É no silêncio, portanto, que compreenderemos nossos laços com a natureza e não necessariamente recorrendo à linguagem.

Banhar-se no silêncio equivale a curar-se; a solidão liberta o silêncio do império da linguagem. Se o mundo se encher de barulho, em breve, quem pesquisará? A língua produziu a ciência, a ciência tornou possível mil técnicas que fazem barulho bastante para que afinal possamos dizer que o mundo clama com língua [...] Procuo um abrigo fora dessa razão: durante o solstício do inverno, em Epidauro, fora da estação (SERRES, 2005: 86).

O dado não está na linguagem, não está nas imagens que nos devoram. O dado está na experiência, nos corpos misturados, nos sentidos. Se há uma hipertrofia da imagem, podemos sugerir nessa reflexão uma hipertrofia do discurso. É o som tomando forma de ferramenta propagadora da linguagem, perdendo muito de sua propriedade de agente vinculador. No estádio de futebol, a batida do surdo de marcação não é informação, é sentido. Somos muito mais do que espectadores de um evento esportivo.

Na cultura do ouvir, somos desafiados a repotencializar a capacidade de vibração do corpo diante dos corpos dos outros, ampliar o leque da sensorialidade hoje limitado à visão. Ir além da racionalidade que tudo quer ver e precisa ver, para adentrar numa situação onde todo o corpo possa ser tocado pelas ondas de outros corpos, pelas palavras que reverberam, pela canção que excita, pelas vozes que vão além dos lugares comuns e tautologias midiáticas (MENEZES, 2007: 104).

Estamos abrindo nossos corpos, nossos sentidos, às vibrações, às experiências que estão acontecendo naquele exato momento. É como se abrissemos janelas em nosso corpo, deixando entrar as vibrações e reverberando junto. No caldeirão lúdico estamos mais propensos às vinculações, pois acordamos em viver durante certo tempo sob regras diferentes,

trocando experiências que diferem daquelas do cotidiano. Assim, em certa medida, futebol também é cura.

A linguagem, que ajuda a tecer a cultura e vencer a morte, também é juíza, sentença, condena, como fez com Sócrates. Em certa medida, nos tornamos reféns da linguagem, das imagens, que antes nos serviam a vencer a morte. Mas o corpo, origem e destino de toda comunicação, ainda é nossa porta de entrada da alma. Nossos sentidos são capazes de suplantar a doença das imagens, pois eles são o meio de relação (vínculo) com o que é externo a nós mesmos. A comunhão se dá através dos corpos e não das imagens. Numa jornada esportiva, são os corpos que jogam, que anseiam pelos vínculos, que desafiam a morte numa grande orquestra sensorial.

No rádio, contudo, o som continua a ser substancialmente informação. Para quem está defronte às caixas de som é dificultada a abertura às vibrações, aos sentidos. Quem conhece e frequenta o estádio de futebol, quando está em contato com a partida através do rádio, aparentemente se sente mais disposto a participar plenamente do jogo mesmo estando distante fisicamente, pois o ambiente e seus textos culturais<sup>50</sup> são conhecidos.

Berendt demonstra em um capítulo de seu livro *Nada Brahma* (1986) suas incursões ao espiritual através dos sons. Admirador das culturas orientais, o músico resolve adentrar o mundo da meditação, buscando sentidos primevos da sonoridade, aqueles de verdadeiro vínculo do homem consigo mesmo, com a natureza e com Deus. Dos mestres zen japoneses, observamos pequenos enigmas que devem ser repetidos durante a meditação. A esses enigmas chamamos *koans*. Uma questão formulada por um mestre zen no século XI é “Se você anular os seus sentidos e o som, o que é que você ouve?” (1986: 31). A partir desse *koan* podemos perceber que no trabalho da meditação está presente o ouvir. Uma pessoa pode levar anos para desvendar esses enigmas, mas uma vez desvendados sua vida mudará, pois ele enfim entrou em contato consigo, foi capaz de ouvir o próprio corpo, independente dos seus sentidos e do som em si.

Entre os hindus, encontramos também a produção do som como forma de comunicação<sup>51</sup> com Deus. Essa forma de expressão é anterior à palavra, ou seja, nela não estão contidos significados, ou conceitos. O mantra é simplesmente uma forma de sentir.

---

<sup>50</sup> Retomaremos o tema adiante ao discutirmos Lotman (1996) e a “semiosfera”.

<sup>51</sup> Nesse caso é interessante notarmos a pertinência de colocarmos a palavra “comunicação” como sinônima de “comunhão”. Se entendemos “comunhão” como “união”, “abraço”, “compreensão” percebemos que a

Nada Brahma: o mundo é som. Os sábios da Índia e do Tibete, bem como os monges do Sri Lanka, acham que se existir um som audível para nós, mortais, ele se aproxima do som primitivo que é o mundo; então ele é o som da palavra sagrada OM (BERENDT, 1986: 41).

Em ambos os casos, percebemos que o som (e o silêncio) está no espaço, numa pausa, numa respiração, entre a palavra e a ação. É o momento de conhecer sua própria identidade, inomeável, ilógica, acima das palavras, anterior às ações. É lá que nós estamos, e lá se revelam nossas fraquezas, nossas doenças. Por isso o silêncio cura. Desse espaço também sai o mantra, o OM que vai falar aos deuses e que vai permitir que os escutemos. Esse espaço oculto em nós mesmos pode ser um objeto de procura íntima, silenciosa, acima de qualquer hipertrofia. É durante tal busca que rompemos com a linguagem e nos curamos da sentença de morte da qual, segundo Michel Serres, padeceu Sócrates.

Para que escutemos no silêncio, é necessário um rompimento com o ritmo das imagens, da instantaneidade. A hipertrofia está também na velocidade das imagens, sem que haja tempo para a contemplação e para os relacionamentos. Assim, nos apoiamos em Ciro Marcondes Filho e Norval Baitello para pensarmos no ócio do ouvir como exercício fundamental na quebra da ditadura do relógio, buscando os ritmos primevos da oralidade e da sonoridade.



### 3.4 O ócio do ouvir

No capítulo *Sons do agito e o ensurdecimento do outro*, do livro *Perca Tempo*, Ciro Marcondes, assim como Serres e Berendt, observa o som como fundamental para as relações na contemporaneidade.

O ouvir, o mais nobre de todos os sentidos, aquele que nos possibilitava a comunicação com o espiritual, nossa vinculação íntima conosco e com o cosmo, declinou-se e perdeu muito de sua importância na atualidade (MARCONDES FILHO, 2005: 51).

Segundo os autores aqui citados, a sociedade contemporânea, diante da hipertrofia das imagens, dos discursos, das informações, tece vínculos superficiais, líquidos. Vimos que uma suposta surdez intencional nos priva gradativamente dos contatos a partir dos cinco sentidos e da propriocepção, nos afastando do nosso ambiente natural e social. Desta forma, pendemos para o estabelecimento de uma cultura individualista. O homem se distancia de seu ambiente, de seu ecossistema, se tornando um conjunto de fragmentos que necessitam, segundo Zygmunt Bauman, estar em destaque. Ao falar do uso dos telefones celulares, Bauman assim insere o homem com sua mobilidade no espaço público.

Não importa onde você está, quem são as pessoas à sua volta e o que você está fazendo nesse lugar onde estão as pessoas. A diferença entre um lugar e outro, entre um e outro grupo de pessoas ao alcance de sua visão e de seu toque, foi suprimida, tornou-se nula e vazia. Você é o único ponto estável num universo de objetos em movimento – e assim o são igualmente (graças a você, graças a você!) suas extensões: suas conexões (BAUMAN, 2004: 78).

Como nem sempre estamos dispostos a assumir relações, nos contentamos com um certo número de conexões. Esse conflito entre relações e conexões, onde a segunda substitui a primeira, está no corpo do estudo de Bauman e de seu “amor líquido” (2004). A construção do tecido cultural se dá por atores individualizados, presos nas imagens e reféns das dinâmicas superficiais das relações pós-modernas. A “segunda realidade”, dos textos culturais, proposta por Ivan Bystrina (*in* BAITELLO, 1999), que convive e ameniza a “primeira realidade”, da vida concreta, fisiológica, passa a ser algo igualmente sufocante e aterrorizante. O exercício do ócio de ouvir não tem lugar em nossa sociedade, pois vivemos sob o código da velocidade e das conexões. Valorizamos nossas conquistas, nossa imagem e não nossas relações. Quando acordamos cedo e pegamos o Metrô para o trabalho, estamos com nossos sentidos fechados às experiências, os ouvidos tampados ao ambiente ao nosso

redor. Resta-nos a fixação pelas imagens e a fluidez das informações. Corremos para vencer, mas na verdade vamos em direção à imagem da vitória. Construimos uma “segunda realidade” desafiadora na competitividade, como uma manifestação do lúdico. Desta forma, nos aprisionamos nos códigos que nós mesmos criamos, reféns da “vitória” e esquecidos nas relações.

Baitello nos conta sobre a escrita “e o tempo criado por ela, inauguradores não apenas de toda uma importante era da palavra visual, mas também instrumentos da conquista de um tempo lento” (2001: 234). As mediações secundárias foram capazes de nos separar do tempo presente, possibilitando um tempo de reflexão, de memória. “O grande trunfo da escrita não é, portanto, a velocidade, mas a lentidão que permite cifrar e decifrar enigmas” (BAITELLO, 2001: 234). Já as mediações terciárias promovem uma redução no espaço, ou mesmo sua anulação, com a condição de que ambos os lados da comunicação tenham acesso a aparatos de codificação e decodificação<sup>52</sup>. As mediações terciárias suprimem o tempo lento e resgatam a oralidade, porém esta hipertrofiada pela velocidade nas conexões, em um tempo que, na verdade, é uma ilusão do presente, uma ilusão de proximidade. Movemos-nos com extrema velocidade e somos capazes de escolhermos as conexões que desejamos. Assim, perdem-se os conceitos de união, engajamento, ou parentesco, e fica o conceito de “rede”.

A palavra 'rede' sugere momentos nos quais 'se está em contato' intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. A hipótese de um relacionamento 'indesejável, mas impossível de romper' é o que torna 'relacionar-se' a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar (BAUMAN, 2004: 12).

No meio dessas redes de conexões virtuais permanecem nossos corpos desejosos de vínculos de diversas espécies, ou melhor, mais concretos que líquidos. Vimos anteriormente, com Wolton que o celular, apesar de ser um potencializador da vida individual, porta uma qualidade valiosa para a criação de vínculos: a voz. Mesmo aparentemente perdidos em nossas atitudes individualistas, recorreremos ao vínculo sonoro para satisfazer nossas necessidades *demens*, ou seja, emocionais, naturais, não lógicas, de estarmos em contato com o som acolhedor de uma voz alheia. Quando alguém busca uma conexão efêmera com outro, o vínculo se faz necessário, pois ele é indispensável. Nas conexões temos vínculos com os quais tememos nos prender e, portanto, nos distanciamos deles num breve espaço de tempo.

---

<sup>52</sup> Uma síntese das relações entre o corpo e os meios técnicos foi elaborada por Harry Pross. Cf. verbete Harry Pross, redigido por Norval Baitello Jr. (MARCONDES, 2009).

Contudo, não nos é possível viver sem os vínculos. Podemos não perceber, mas a voz de outra pessoa no celular é indispensável

Falta-nos, portanto, o momento de quebrarmos esse círculo de tempo rápido. Somente aproveitaremos nossas experiências, as sonoras inclusive, se fizermos retardar o pulso do cronômetro. Voltamos, assim, à obra de Marcondes Filho. As relações não se perderam para sempre, mas estão fugindo de nosso alcance na velocidade de nossas conexões.

Trata-se, portanto, de recuperar a capacidade de ouvir, de perder tempo com isso. Ouvir as rosas, as pedras, as águas. Nós temos a nostalgia de uma espiritualidade desaparecida, de uma voz que nos falava da natureza, do cosmo, do mundo, que as imagens que temos hoje já não atingem [...] (MARCONDES FILHO, 2005: 56).

Ao ligarmos para alguém com o intuito de perguntarmos onde essa pessoa está, podemos perder o nosso tempo a descobrir mais ainda: se a pessoa está bem, o que ela sente, do que ela precisa (pois ela, certamente como nós, precisa de algo, ou de alguém) e, principalmente, dizer a ela o quanto esses vínculos são importantes. Seríamos sinceros conosco primeiramente, pois não mais negaríamos a nossa necessidade de vínculos. Esse é o tempo da experiência, o *kairós* das relações interpessoais. Não mais separando o homem da natureza, não mais gritando mais alto que os deuses. *O homo demens* amando em silêncio, em comunhão com o Mundo.

Essa filosofia dos corpos misturados é a saída para a ilusão da proximidade nas relações, voltando às sensações das mediações primárias, buscando o tempo da reflexão das mediações secundárias, sair da superfície e mergulhar nas profundezas de nossos sentimentos, dos nossos vínculos.

O futebol (no estádio, no rádio ou na rádio-web) é, por essência, um fenômeno vinculador. É uma das brechas que a cultura encontra para vencer a morte, vinculando corpos e tecendo relações.

### 3.5 Os vínculos sonoros

No livro *Rádio e Cidade. Vínculos Sonoros* (2007), o pesquisador José Eugenio Menezes traça um panorama de como as ondas radiofônicas influem no ritmo da cidade. Os elementos sonoros que singram por ondas magnéticas vibram em nossos corpos, nos dão ritmo e nos ajudam na organização social. Observando a transmissão radiofônica de uma partida de futebol, temos uma pequena amostra de como o rádio e seus elementos sonoros colaboram na organização de quem participa do evento. E quando falamos de ritmo, não nos referimos apenas ao tempo. Com efeito, o tempo é fundamental ao estudarmos uma partida de futebol, não só por ter a partida um período definido, mas pelo fato de o tempo fazer parte de qualquer fenômeno lúdico. Referimos-nos, portanto, ao ritmo como parte do vínculo social. Pessoas que vão ao estádio de futebol o fazem com toda a preparação necessária, pois sabem que em breve farão parte de um evento maior. Essas pessoas estão prontas e ansiosas para vincularem-se. E o som estará presente como elemento fundamental dessas vinculações.

Para esses torcedores, não basta gostar de um time. É necessário comunicar essa paixão. Vestir a camisa do clube e gritar em alto brado os cantos das torcidas organizadas fazem parte da necessidade que nós, seres humanos, temos de nos comunicarmos. Essa necessidade de vinculação vem da cultura na qual nos desenvolvemos desde quando nascemos. A partir daí não é mais possível vivermos sem relações. O filósofo francês Michel Serres, como já citamos, ressalta a vinculação como condição de existência, rebatendo a perspectiva de Descartes “penso, logo existo” e propondo a expressão “eu me religo, logo sou”. Partindo dessa idéia, Menezes afirma que a

expressão da vinculação no universo animal – inclusive humano – se concebe como ‘eu me religo, logo sou’, contexto no qual a idéia de relação precede a idéia de existência [...] Os vínculos permitem nossa constituição como animais em relação com outros animais em nossa espécie (MENEZES, 2007: 25).

A partir da necessidade de vinculação, nós procuramos nas trocas de informações os elementos que permitem nosso desenvolvimento humano. Um desses elementos é, notadamente, a voz. Através da voz, podemos estabelecer relações com pessoas ou grupos de pessoas, seja na troca presencial, seja a partir de equipamentos esquizofônicos. Para entendermos melhor as dinâmicas das relações nas diversas formas de trocarmos informações, recorreremos ao comunicólogo e jornalista alemão Harry Pross, que propõe que os meios

podem ser classificadas em três níveis, a saber: mediação primária, quando corpos se comunicam diretamente com corpos (ex: discurso); mediação secundária, quando corpos se utilizam de aparatos para transmitir a mensagem (ex: escrita); mediação terciária, quando corpos se utilizam de aparatos eletrônicos na transmissão e recepção de mensagens (ex: transmissão de rádio). Assim, observamos que é possível para o torcedor de futebol a troca de informações e a busca do vínculo a partir da mediação primária (invocando cantos), da mediação secundária (vestindo o uniforme com o logotipo do clube) e também pela mediação terciária (participando interativamente das transmissões).

Além de se vincularem entre si, os torcedores ouvintes têm a possibilidade de vinculação com o ambiente do jogo através das paisagens sonoras transmitidas pelas caixas de som. Os elementos sonoros que entram na casa, no carro, ou até mesmo no local de trabalho do torcedor via *web* provocam um trânsito sonoro<sup>53</sup> que conduz esse torcedor ao ambiente do jogo. Ao ouvir pelo rádio os preparativos para a partida, o torcedor é “transportado” para o local do jogo. A partir das idéias de Hans Belting, Menezes afirma que “os sons provocam a criação de cenários mentais, geram imagens endógenas” (2007: 98). Essas imagens, que são geradas no interior da mente de cada ouvinte, são fortes elementos vinculadores, pois como a imagem não está pronta, este ouvinte é incitado a buscar em suas fantasias, em suas idéias a respeito do que é uma partida de futebol, “a riqueza de nossas experiências acumuladas” (MENEZES, 2007: 98). O ouvinte experimenta uma posição de “co-autor” da imagem, tece, assim, sua própria teia de vínculos. Desta forma, o estádio transporta-se simbolicamente até o espaço onde encontra-se o ouvinte; as paisagens sonoras invadem o ambiente, vibram na mente e no corpo do torcedor, que cria suas próprias imagens e, assim, vincula-se ao jogo.

É importante também ressaltarmos que esse torcedor não é apenas um receptor passivo de mensagens, nem que a teia de vínculos fique restrita às fantasias e às imagens endógenas. O ouvinte tece seus vínculos de dentro para fora. Os sons que reverberam em seu corpo o estimulam a se relacionar, ou seja, a interagir em diversos aspectos. Essa interação é possível em todos os níveis das trocas de informações; seja através dos cantos coordenados das torcidas organizadas, das faixas e “bandeirões”, ou mesmo das transmissões radiofônicas. Com efeito, quando falamos de interação a partir de mediações, não nos referimos apenas à interatividade proporcionada pelos meios de comunicação de massa, mas principalmente, à

---

<sup>53</sup> A expressão “trânsito sonoro” é analisada por Menezes (2007) no capítulo 5 *Fala para que eu te veja* (p. 97).

forma com a qual os atores sociais compartilham códigos culturais específicos de uma partida de futebol, utilizando todo ferramental comunicativo disponível.

### 3.6 Jogo e som. O lúdico na construção simbólica da cultura

Para descrevermos o ambiente de uma partida de futebol, onde tais vínculos são possíveis, é fundamental lembrarmos do homem como um ser lúdico. Com efeito, não somos apenas nós seres humanos que dispomos da sensação do brincar. Esse comportamento é observado em animais, como um cachorro que corre atrás do próprio rabo. Desta forma, Johan Huizinga observa que o lúdico não pode ser só uma característica biológica. “É uma função significativa, isto é, encerra um determinado sentido” (1971: 04). Participar de um jogo é mais do que um ato instintivo, pois o jogo não se encerra nele mesmo. Limitar o estudo do lúdico como fisiológico é excluir o “divertimento” estudado por Huizinga.

Cada jogo possui regras definidas, ou seja, um conjunto de textos que orientam o funcionamento das ações. Essas normas são independentes das simbologias cotidianas que criamos. Apoiado nos estudos do semioticista Ivan Bystrina, Norval Baitello (1999) ressalta que as regras cotidianas que criamos não são suficientes para suprir todas as nossas necessidades. “É aí que, valendo-se das línguas naturais (comunicação corporal, comunicação gestual, comunicação sonora e comunicação verbal) o homem cria uma 'segunda realidade' na qual estes problemas – e muitos outros que não podia compreender – são superados no nível simbólico” (1999: 32). Uma partida de futebol pode ser compreendida, portanto, como a criação de conjuntos de signos visuais e sonoros, formando textos culturais próprios que tiram o participante da sua “realidade” e o colocam em um momento novo e único. Desta forma, um jogo nunca será como o outro, mesmo que a regra se repita, mesmo que alguns símbolos se repitam. Durante um período de tempo, dentro de um espaço, o jogador – cada participante do jogo – está dentro de outra realidade simbólica, envolvendo cada um dos seus cinco sentidos em algo maior que o jogo em si.

Baitello também ressalta o aspecto do *Homo demens* sugerido por Edgar Morin como elemento de análise da necessidade humana da brincadeira, de lidar com o absurdo, com a quebra dos códigos culturais que regem a vida cotidiana.

Esses elementos podem ser relacionados a uma pergunta muito comum tanto nas ruas como nas redações de jornalismo: por que as pessoas gostam tanto de futebol? Normalmente, as reflexões são feitas no entorno da imprevisibilidade desse esporte. Apreendemos, portanto, a relação entre essa imprevisibilidade e nossas necessidades de confortos na segunda

realidade, ou seja, quando estamos envolvidos no jogo do futebol, estamos nos relacionando a partir de nosso lado *demens*, que sofre, chora, briga, grita, se emociona.

Ao relacionar o jogo ao ritual, Huizinga descreve a delimitação do espaço como característica do lúdico. “É-lhe reservado [ao jogo], quer material ou idealmente, um espaço fechado isolado do ambiente quotidiano, e é dentro desse espaço que o jogo se processa e que suas regras têm validade” (1971: 23). Com efeito, podemos tomar as fronteiras de um jogo de futebol de forma física, delimitando o estádio de futebol e suas cercanias. É de fato nesse espaço físico que o evento se desenrola. Porém, as barreiras simbólicas de uma partida de futebol extrapolam essas cercas e, como vimos em Schafer, a delimitação espacial se deu primeiramente através do som. Podemos perceber que as ondas sonoras espalham-se para muito além dos arredores do estádio e, assim, os limites físicos do jogo são expandidos de forma exponencial. O ouvinte que está em sua casa, ouvindo pela rede em qualquer lugar do mundo, ou no carro, no escritório, está simbolicamente ligado ao espaço do jogo, ou seja, ele está apto a fazer parte desse jogo.

Não somente o espaço é característico no jogo, mas também o tempo. Segundo Marcio Tavares d'Amaral, os gregos na Antiguidade já compreendiam a experiência do tempo com diversos termos, cunhados por pensadores diferentes. D'Amaral destaca o termo *aiôn*, utilizado por Heráclito, com sentido de acaso, jogo ou brincadeira de criança. O “momento oportuno” (D'AMARAL, 2003: 25) era denominado pelos gregos *kairós*. Já o termo *kronos* designava o tempo cronológico, aquele que hoje guia nosso cotidiano, nossa entrada no trabalho, o horário dos trens. Em nossa língua, acabamos por denominar todos esses conceitos simplesmente como “tempo”. Porém, para nossa análise do som numa partida de futebol, é necessário voltarmos às idéias clássicas de percepção temporal, para que possamos compreender o jogo dentro de um quadro perceptivo que foge ao cronológico, ou seja, às ordens sucessivas de passado, presente e futuro. Embora possamos medir o tempo de uma partida de futebol nos 90 minutos da regra, observa-se um tempo da subjetividade, do divertimento, do prazer, um tempo simbólico. Um torcedor ligado no rádio horas antes da partida já está no seu próprio “tempo da subjetividade”. A partir do momento em que a jornada esportiva radiofônica começa, o tempo cronológico não mais interfere em seu comportamento. É o jogo que importa, e não somente o tempo entre os apitos do árbitro. E, por vezes, esse tempo pode perdurar para além do evento e mesmo das transmissões radiofônicas, chegando ao dia seguinte ao jogo, na provocação aos colegas, ou no



acompanhamento das repercussões da partida. No caso de uma conquista de título, por exemplo, observamos longos períodos de vinculação dos torcedores com a partida que terminara há dias, mas que ainda causa emoção, ou seja, ainda tem uma carga simbólica forte e atual.

Com efeito, vemos novamente que as ondas sonoras são importante instrumento de reverberação tanto do espaço quanto do tempo lúdico. Sejam as ondas radiofônicas, sejam os sons produzidos nos arredores do estádio, eles são símbolos de vinculação enquanto o evento lúdico durar.

### 3.7 Cantos de paixão na construção da semiosfera

Anteriormente narramos brevemente a jornada dos jogadores/torcedores desde suas casas até o estádio de futebol. Entre as potentes sirenes das viaturas policiais e os sussurros clandestinos dos cambistas, uma grande quantidade de sons pode ser percebida nas calçadas que cercam os estádios. Vendedores de petiscos e bebidas disputam espaço com vendedores de acessórios dos times (camisas, faixas, bonés etc.), enquanto as patas dos cavalos da guarda montada fazem vibrar o chão por onde passam. O torcedor chega à fila da catraca de entrada, onde por vezes assuntos são iniciados com torcedores vizinhos, no quase sempre angustiante aguardo pela sua vez de entrar no estádio. Já nesse momento é possível perceber como o torcedor vai tecendo seus vínculos, seja com outros torcedores, seja com sua própria “fantasia” do futebol.

Passada a catraca, já no interior da edificação, a caminho das arquibancadas, alguns torcedores arriscam os primeiros cantos, que são reverberados nas frias e cinzentas paredes de concreto, causando um efeito sonoro potente, por vezes intimidador. Subir o túnel de entrada da arquibancada de um grande estádio de futebol é sempre uma experiência única. O contraste da escuridão sinistra do corredor com as cores vivas do campo e das bandeiras é uma verdadeira catarse quando combinada com a batida surda e ritmada dos tambores vindos das torcidas organizadas. A partir desse momento está criado o ambiente do jogo, e tudo o que ocorre nesse local tem um significado particular, podendo ser observado algo similar apenas em outro evento como esse.

Quem está acompanhando a partida através das frias caixas de som do computador, ou dos fones de ouvido, se aproveita de sua memória sonora para entrar no campo simbólico da partida. Através das narrativas dos apresentadores das jornadas esportivas é possível se localizar no espaço do estádio, acompanhar a chegada dos ônibus das delegações, saber como está o movimento de chegada das torcidas. Com a combinação de suas memórias sonoras, das narrativas dos apresentadores, e também dos espaços de discussão virtual, começa a se formar o fenômeno que chamaremos de “jogos orquestrais”. O jogador que está defronte ao computador terá sua maneira de interagir no jogo, comunicando sua paixão com seus semelhantes.

Como descrevemos um espaço lúdico e, portanto, pleno de significados, podemos compreender que há um pequeno universo simbólico claramente delimitado, que Iuri Lotman

(1996) chama de “semiosfera”. Esse espaço semiótico circundado nos limites do estádio de futebol “pode ser considerado como um mecanismo único (senão como um organismo)<sup>54</sup>” (LOTMAN, 1996: 24). Com efeito, não é a soma de cada elemento semiótico que compõe essa semiosfera, mas sim o universo de símbolos (e no nosso caso, de sons) que contém elementos semióticos. Portanto, dentro do estádio transitam símbolos que são particulares desse universo e que não necessitam de tradução. Embora não possamos pensar em fronteiras concretas para uma semiosfera, podemos pensar em filtros como o limite onde esses símbolos são compreendidos. Um canto de torcida, como veremos adiante, é composto por uma simbologia que só será compreendida quando traduzida na linguagem daqueles que fazem parte do evento lúdico.

O canto de uma torcida organizada está carregado de elementos que vão da paixão ao ódio, como um canto de guerra, que aproxima a tropa do campo de batalha. Uma trama vinculadora vai se criando em torno de um objetivo único. E o que vale para esses guerreiros é defender seu território e seus mitos. Assim também fazem os torcedores, que passam a cultivar e manter suas características, suas histórias e suas mitologias. Michel Maffesoli (2006), ao falar da “proxemia”, observa essa trama vinculadora na relação do homem com as simbologias de sua cidade e a forma como diversas tribos são capazes de se agrupar em torno de algo comum. “A cidade se contenta em assegurar sua perdurância, proteger seu território e organizar sua vida em torno de mitos comuns” (MAFFESOLI, 2006: 199). Para elucidar sua reflexão, Maffesoli lança mão de uma comparação com as bonecas *gigogne*, que são como bonecas gradativamente menores no interior da grande boneca exterior. Esse exemplo é importante em nosso estudo, pois um estádio de futebol pode ser observado como uma micro-cidade, repleta de indivíduos aglutinados em um só objetivo e pautados pelas mesmas simbologias e pelos mesmos mitos. Com efeito, podemos ressaltar também que o estádio é uma micro-cidade independente da cidade onde ele se localiza. É comum um jogo abrigar uma pequena comitiva advinda de outras cidades, estados e até países. Assim, é como se esses indivíduos se reorganizassem simbolicamente, criando uma nova cidade, que irá durar pouco mais de noventa minutos. Essa micro-cidade tem uma atividade sonora intensa, não só nos hinos, como também nos ruídos e no soar dos instrumentos. Trata-se de um espaço físico pulsante, vivo e agregador.

---

<sup>54</sup> Do original “todo espacio semiótico puede ser considerado como un mecanismo único (si no como un organismo)”. Tradução livre do autor.

Quando estamos sentados nos degraus da arquibancada, cantos de hinos de louvor a uma entidade (clube) ou a heróis (jogadores), assim como cantos de repúdio, enchem o ambiente. Se participamos desses rituais, conhecendo cada canto das torcidas, esses não necessitam tradução, ou seja, estamos inseridos nessa semiosfera. Podemos, contudo, estar dentro do espaço lúdico, mas não inseridos inteiramente na semiosfera, pois esses signos precisam ser traduzidos para que façam parte de nosso repertório. Nesse caso, mesmo quando não estamos envolvidos no contexto do ritualístico, os sons vibram em nossos corpos, falando aos nossos sentidos e nos vinculando com o ambiente e com o jogo. É bem possível que após um pequeno espaço de tempo, tal contexto não seja mais estranho, pois os hinos cantados pelas torcidas têm outra característica que Maffesoli aponta em seu capítulo *Da proxemia: a repetição*.

É através da anamnese, ou seja, da repetição, que contamos uma história. E através dessa história construímos simbolicamente um lugar que nos identifica. Ao cantarmos os hinos e as canções de incentivo feitas dos torcedores para os jogadores, nos localizamos no espaço chamado estádio de futebol. E por mais que nos desloquemos, essa identidade nos acompanhará sempre que esses cantos forem entoados.

Para analisarmos alguns elementos de pertencimento em hinos de torcidas, tomamos como exemplo a canção *Tema da Vitória* composta por Eduardo Souto. Essa canção ganhou notoriedade nas vitórias do corredor de *Fórmula 1* Ayrton Senna e tornou-se um símbolo de identidade e de adoração a esse ídolo. Em 2007, uma torcida organizada do *Clube de Regatas Flamengo* criou uma releitura desta canção, aplicando nela uma letra que expressa paixão e vínculos incondicionais ao time, conforme a letra:

Tu és time de tradição / raça, amor e paixão / oh, meu Mengo / eu sempre te  
amarei / onde estiver estarei / Oh, meu Mengo!

Percebemos a intenção de buscar o lado histórico do time no trecho *Tu és time de tradição*, mostrando que essa identidade vem de longa data, assim como proclamam os hinos oficiais dos clubes, muitos deles centenários. A *glutinum mundi*, ou seja, a cola que une esses torcedores numa só identidade, se destaca do sentido estrito dos limites de uma cidade. No trecho *Eu sempre te amarei, onde estiver estarei*, observamos como essa proxemia é possível não importa onde o time esteja. Centenas, milhares de indivíduos estarão prontos a desbravar qualquer terreno em qualquer cidade para demonstrar seu amor incondicional ao time.

Como dissemos anteriormente, os torcedores são atores da comunicação e do evento lúdico. Milhares de pessoas que nunca se viram são capazes de atuar de forma sincrônica, pautadas sobretudo pelo som, de forma a criar uma atmosfera única que vai jogar o mesmo jogo dos boleiros profissionais. Se o time estiver mal, a torcida estará mal e vice-versa. Ou mesmo, a torcida pode em certo momento assumir o controle do jogo e criar por iniciativa própria<sup>55</sup> uma reviravolta no andamento da partida. Com efeito, não podemos nos esquecer do momento de maior êxtase da partida, o gol. É o momento em que as vibrações sonoras chegam a seu pico, muitas vezes acompanhadas da vibração das estruturas das arquibancadas, causadas pelo pulo sincronizado de milhares de pessoas. Essas paisagens sonoras são indispensáveis para uma sensação plena de um momento de catarse como esse. Se não fosse assim, as emissoras de rádio poderiam transmitir as partidas dos seus estúdios, sem que houvesse a necessidade de deslocar uma equipe inteira para o estádio. Porém, a simples narração das ações por parte do locutor não seriam suficientes para construir uma paisagem verossímil do jogo<sup>56</sup>. Desta forma, voltamos às reflexões de Maffesoli citando um trecho onde fica evidente sua visão sobre a performance dos atores sociais:

Cada ator social é menos agente do que “agido”. Cada pessoa se difracta infinitamente, conforme o kairós, as ocasiões e as situações que se apresentam. A vida social é como uma vida onde, por um momento, se operam cristalizações. E a peça, então, pode acontecer (MAFFESOLI, 2006: 233).

No próximo capítulo, *Jogos orquestrais*, buscamos ouvir alguns desses atores/torcedores, que experimentam o contato com os símbolos no estádio de futebol e também procuram interações com outros interlocutores através do ciberespaço. Apresentamos exemplos de cantos de torcidas como performance sonora do estádio de futebol, buscando compreender de que forma os cantos se unem aos sons e ruídos do estádio na formação de uma complexa paisagem sonora, além de argumentar sobre a não exploração pelo rádio dessa paisagem de forma competente como fazem as emissoras de televisão.

---

<sup>55</sup> Para o estudo dos vínculos sonoros, é interessante observar que essa iniciativa vem normalmente de uma pequena parcela da torcida que se põe a cantar seus hinos de guerra, contagiando os outros torcedores. Logo o estádio se transforma num grande caldeirão sonoro.

<sup>56</sup> Notadamente, a simples narração de uma partida pode, sim, ser suficiente para que o ouvinte crie seu cenário de forma endógena, porém a intenção de uma transmissão desse tipo é ser fidedigna em reverberar não somente os lances, mas todas as emoções envolvidas em uma partida de futebol.

**CAPÍTULO 4**  
**JOGOS ORQUESTRAS**

#### 4. Jogos orquestrais

No último capítulo propomos o termo “jogos orquestrais” para descrever a construção do tecido cultural a partir de uma partida de futebol. A metáfora da orquestra, conforme foi proposta por Winkin para estabelecer um olhar sobre a dinâmica da comunicação, é aproveitada neste estudo também no sentido de propor um ambiente rizomático e organizado de trocas de informações, experiências e sensações. Contudo, ela se amplia a partir do momento em que imputamos ao som um papel fundamental na sincronização e na vinculação entre os atores sociais. Chegamos também, neste caso, ao sentido da música orquestral, do som no centro do evento. Já a relação com o termo “jogo” se faz a partir da construção simbólica da cultura, como afirmou Bystrina, através do lúdico.

Assim sugerimos um termo que pretende dar conta da dinâmica dos fluxos de comunicação em um ambiente simbolicamente constituído, entendendo que essa comunicação é responsável pela orquestração, ou seja, pela constante reorganização de comportamentos dos atores sociais. Os jogos orquestrais estão no interior do desenvolvimento cultural promovido em qualquer tipo de vinculação, de relacionamento. Trata-se de um jogo de gestualidade, de linguagem, de sonoridade, de troca de experiências e também de trocas sensoriais. Criamos teias de relacionamentos, redes de trocas intersubjetivas, tanto através da vivência corporal quanto a partir de suportes de comunicação. Ressaltamos a importância dos *media*, principalmente os novos suportes em rede, na construção de diferentes jogos orquestrais.

Neste capítulo, demonstramos que o rádio tem seu papel fundamental como agente vinculador dos corpos que tecem a cultura do esporte. Mais do que entretenimento, as jornadas esportivas expandem o espaço simbólico a proporções muito maiores do que aquela semiosfera circundada pelos anéis das arquibancadas, ou mesmo pelas ruas dos arredores. O jogo reverbera pelas ondas magnéticas e pelo ciberespaço, misturando experiências, opiniões, emoções, aflições, enfim, misturando corpos.

Já não é mais possível, pois, pensar em transmissão. Pensamos em jornadas, em ambientes, em compartilhamentos, em convergência. Graças ao ciberespaço, não apenas as informações, mas as experiências e as vibrações sonoras transitam, se acumulam, enriquecem.

Na seqüência, buscamos analisar de que forma algumas dessas experiências corporais e performáticas caracterizam os jogos orquestrais.

#### 4.1 Cantos de torcidas e performance

Para a presente pesquisa foram levadas em conta as principais torcidas de futebol do Rio de Janeiro e de São Paulo. Embora a rádio *Eldorado/ESPN* cubra normalmente os jogos paulistas, acreditamos ser relevante a comparação de comportamentos culturais, mesmo em cidades próximas como as duas capitais.

O Rio de Janeiro conta com quatro grandes clubes de futebol. São eles Flamengo, Botafogo, Fluminense e Vasco. Ir ao estádio no Rio de Janeiro é tido por torcedores como um verdadeiro ritual, que podemos tratar como uma jornada, pois ela começa no domingo pela manhã, na compra do jornal na banca e na ida à padaria, onde amigos se encontram e discutem o jogo. Passa pelo período da tarde na preparação para a ida ao estádio. Muitos vão à praia pela manhã e aproveitam a facilidade do transporte via Metrô para ir diretamente ao Maracanã. Os taxistas cariocas costumam, mesmo quando não estão levando passageiros ao Maracanã, sintonizar o rádio do carro nas estações AM mais populares, as rádios *Globo* e *Tupi*, nos dias de jogo. A mobilização na cidade nem sempre está ligada à importância da partida. Para o carioca que está envolvido com eventos esportivos e com o futebol em particular, ir ao estádio já faz parte do seu cotidiano.

A música popular está presente na ritualização do domingo de futebol. Para homenagear um amigo que estava de mudança para o exterior, o sambista e compositor Neguinho da Beija-Flor, conhecido intérprete do carnaval do Rio de Janeiro, escreveu um samba que é cantado por todas as torcidas cariocas:

Domingo, eu vou ao Maracanã / vou torcer pro time que sou fã / vou levar foguetes e bandeiras / não vai ser de brincadeira, ele vai ser campeão / não quero cadeira numerada / vou sentar na arquibancada pra sentir mais emoção / porque meu time bota pra ferver / e o nome dele são vocês que vão dizer...

Percebemos que a palavra “jornada” vai além da definição de uma transmissão esportiva. Estamos olhando para um fenômeno cultural, que vincula os corpos através de narrativas, de jogos, de cores, de sonoridades. O samba conclama ao ritual da jornada de domingo no Maracanã, onde haverá foguetes e bandeiras, cores e texturas, sons e visuais. Muito mais do que assistir a uma partida, o torcedor vai à arquibancada, onde está presente a emoção; ele está pronto para fazer parte do jogo, botando o ambiente “para ferver” cantando durante horas os hinos do seu clube de coração. O dado está na linguagem, na narrativa, mas



também na vibração dos corpos, no toque dos surdos de marcação, no espocar dos foguetes, no tremular das bandeiras, no grito de gol, no batucar o teto do Metrô, na subida ansiosa da rampa de acesso à arquibancada, na catarse de cores e som.

Em São Paulo, dos quatro grandes times de renome, três encontram-se na capital: Palmeiras, Corinthians e São Paulo. O Santos é o representante do interior de grande expressão. Os times paulistas, que possuem hoje a hegemonia financeira e competitiva entre os clubes de futebol brasileiros, têm muitas dificuldades em levar para o estádio seus torcedores, como acontecia até meados da década de 1980. Fatores como a violência e o alto preço dos ingressos foram, aos poucos, tirando o torcedor do estádio. Com a chegada da TV a cabo, os torcedores cada vez mais preferem o conforto da própria casa.

Com efeito, encontramos ainda em São Paulo torcidas fervorosas e belos cantos e hinos. Sem a pretensão de avaliar e classificar as torcidas do Rio e de São Paulo, cabe ressaltar que de fato há diferenças nos *patterns* culturais dos dois Estados, mantendo em ambos a característica de jornada no ato de participar do jogo de futebol. Entre as torcidas paulistas, um dos cantos atuais mais executados é o da organizada corinthiana:

Aqui tem um bando de loucos / loucos por ti, Corinthians / aqueles que acham que é pouco / eu vivo por ti, Corinthians / eu canto até ficar rouco / eu canto pra te empurrar / vamos, vamos meu Timão / vamos meu Timão / não pára de lutar.

Mais uma vez a narrativa nos leva ao “jogar junto”, misturando os corpos e fazendo do estádio um caldeirão sonoro. É como se, cantando e gritando, aqueles torcedores pudessem acumular energia tão grande quanto um chute ao gol, uma corrida até a linha de fundo, uma dividida mais ríspida, um lançamento em profundidade; como se o som de fato “empurrasse” os jogadores em direção ao gol.

O jogo das canções se faz sob o signo do conflito e também da paixão. Através delas nos libertamos provisoriamente das amarras cotidianas, nos aproximamos de formas diferentes de outras pessoas. Orquestramos vínculos e produzimos cultura e arte em um estádio de futebol.

Algumas canções de outros ambientes, diferentes do futebol, são por vezes aproveitadas nos estádios. Um exemplo é a torcida do Fluminense, que adotou em 1980 a canção *A bênção João de Deus*, de Moacyr Maciel e Péricles de Barros, em homenagem ao Papa João Paulo II. Essa canção foi escolhida em concurso para ser a canção oficial da

primeira visita do Papa ao Brasil. Desde então, em todas as suas partidas, a torcida do Fluminense canta na entrada dos jogadores:

A benção João de Deus / Nosso povo te abraça / tu vens em missão de paz /  
seja bem vindo / e abençoa esse povo que te ama.

Na década de 1970, o governo militar brasileiro, que freqüentemente lançava mão de campanhas e músicas ufanistas, criou a canção:

Oh, meu Brasil / eu gosto de você / quero cantar ao mundo inteiro / a alegria  
de ser brasileiro / cante<sup>57</sup> comigo Brasil / acima de tudo brasileiro.

Essa canção foi rapidamente adaptada e executada no Maracanã pela torcida do Flamengo e até hoje, aproximadamente 30 anos depois, é uma das mais executadas durante os jogos do rubro-negro. A única mudança em relação à original foi a de “Brasil” para “Mengão” e de “brasileiro” para “rubro-negro”.

Oh, meu Mengão / eu gosto de você / quero cantar ao mundo inteiro / a  
alegria de ser rubro-negro / cante comigo Mengão / acima de tudo rubro-  
negro.

Também os elementos de história estão presentes nas canções. Como vimos no subcapítulo *Vínculos sonoros* com a música *Raça, Amor e Paixão*, muitas torcidas conclamam o passado glorioso do seu time, numa estrutura muito parecida com os hinos de países, estados, cidades ou outras instituições. Usamos como exemplo uma canção do Botafogo que relembra três épocas importantes na história do clube: os jogadores da década de 1960, que formaram o time “glorioso”; o título carioca de 1989, conquistado contra o Flamengo com o gol de Maurício e acabando com um longo período sem títulos; o título brasileiro de 1995, conquistado na época em que o atacante Túlio era o ídolo do clube.

Oh Botafogo, seus ídolos são tantos / Didi, Garrincha, Nilton Santos / já  
vestiram esse manto / oitenta e nove foi o começo de uma era / acabando  
com a espera / é Maurício pra galera / noventa e cinco mais um ano de  
alegria / a tua estrela brilha / é gol de Túlio Maravilha.

Outras canções são algo mais próximo de sons fundamentais, sem a preocupação de contar uma história. Na maioria das vezes, percebemos o uso indiscriminado de vogais e de expressões de incentivo como “da-lhe”. Encontramos exemplos em torcidas como a do São

---

<sup>57</sup> Existe uma controvérsia quanto à palavra correta na versão original. É possível encontrar versões com “cante” e “conte”. Decidimos pela a palavra “cante”, que foi a adotada pela torcida do Flamengo.

Paulo, que faz uso de um ritmo que se assemelha muito aos tambores indígenas, marcando ritmicamente a frase “vamos São Paulo, vamos ser campeão”. Já a torcida do Palmeiras executa uma canção que traz como elemento textual apenas a frase “da-lhe Porco”, mas igualmente muito marcada no ritmo e repetida diversas vezes em seqüência. Esses sons fundamentais, que são usados desde épocas remotas em tribos e em comunidades, também fazem parte da semiosfera do estádio de futebol. Suas vogais e seus ritmos dão ao ambiente uma sensação de tensão, chamando os atores à ação. O som é contagiante porque ele nos atinge em nossos sentidos, ele é dado. Esse tipo de sonoridade se assemelha ao que Schafer chamou de “rádio radical”, como dissemos no capítulo 1.

Essas canções estão misturadas a uma grande quantidade de outros sons em um estádio. Do latido do cachorro da Polícia Militar ao choque da bola com a trave, a vibração sonora é constante. Se partirmos do princípio de que tudo que vibra produz som, e de que a música são os sons a nossa volta, chegamos ao conceito de Schafer de que a nova orquestra é o universo sônico (1991: 121). Os torcedores, os jogadores, os técnicos, os jornalistas, os policiais, os cães, os vendedores, o helicóptero, as condições climáticas, as máquinas, todos fazem parte da composição da peça orquestral que só é tocada uma vez.

Mesmo que as canções sejam o elemento fundamental no caldeirão sonoro do estádio, a orquestra só está completa com todos os sons e ruídos, sejam eles produzidos pelo homem, pelas máquinas ou pela natureza. Durante o Seminário Comunicação e Cultura do Ouvir, realizado no dia 20 de maio de 2009, apresentamos a palestra *O som e a limpeza de ouvidos*. No fim da explanação foi pedido aos participantes que usassem qualquer objeto dentro da sala de aula para produzir um som. Enquanto cada um fazia seu próprio som, um texto de John Cage seria lido em voz alta. Assim, cumpriríamos o objetivo daquela atividade, que consistia em criar uma música de forma aleatória e que valorizasse os ruídos. Ao darmos o comando para começarem os sons, em apenas poucos segundos os participantes começaram a buscar um fio condutor na canção, um ritmo que fosse comum a todos. No final, não nos preocupamos em apenas fluir os sons, mas em criar algo que fosse aceito e que tivesse sentido. A experiência, que no primeiro momento parecia fracassada, revelou uma instigante necessidade que temos de ordenar os sons e torná-los confortáveis para nossa escuta treinada. Reproduzimos abaixo o texto de Cage<sup>58</sup>:

---

<sup>58</sup> O texto foi extraído, traduzido e adaptado de vídeo disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pcHnL7aS64Y>>. Acesso em: 27 jan 2010.

Quando escutamos o que chamamos de música, parece que alguém está falando. E falando sobre seus sentimentos, ou sobre suas idéias de relacionamento. Mas quando ouvimos o som do tráfego, aqui no quinto andar da Avenida Paulista, não temos o sentimento de que alguém está falando. Apenas parece que o som está agindo. Eu adoro a atividade do som. Ele pode tornar-se mais alto, ou mais baixo, mais curto, mais longo. Ele faz tudo isso, e eu fico absolutamente satisfeito. Eu não preciso que o som fale comigo. Falo apenas de som, que não significa nada. Não é internalizado, mas externalizado. E as pessoas perguntam “então você quer dizer que são apenas sons?” pensando que para ser apenas um som, deve ser inútil. Eu amo os sons. Do jeitinho que eles são. E eu não quero que eles sejam nada mais. Não quero que eles sejam psicológicos, não quero que eles finjam que são importantes, que são presidentes, ou que eles estejam apaixonados por outros sons. Eu também não sou tão estúpido. Havia um filósofo muito conhecido, Immanuel Kant, que disse que há duas coisas que não precisam de significado. Uma é a música, a outra a risada. Elas apenas precisam nos dar muito prazer. A experiência sonora que eu mais gosto é a experiência do silêncio. E este silêncio em quase qualquer lugar do mundo hoje é tráfego. Se você escuta Mozart ou Beethoven, você percebe que eles são sempre os mesmos. Se você escuta o tráfego, você percebe que eles são sempre diferentes.

Quando ouvimos os sons dos ambientes do futebol, percebemos que eles são, assim como o tráfego para Cage, sempre diferentes. O universo sônico é criado por dezenas de milhares de vozes, conscientes de sua participação ou não. E quando criticamos o rádio por conseguir reproduzir apenas uma pequena parte desse universo, não podemos nos iludir e esquecer que mesmo estando presentes no estádio, tendemos a ignorar muitos dos sons que nos rodeiam. Contudo, estar no estádio significa abrir as portas e janelas de nossas almas às vibrações, mesmo que façamos um esforço para ignorar o som.

O universo sônico é, portanto, produto dos jogos orquestrais entre os atores sociais, que estão tecendo vínculos e compondo música. Pensamos que o rádio deveria explorar a riqueza completa do que podemos chamar de “música do estádio”. Os sons que hoje figuram como pano de fundo empobrecem o universo sônico e desvalorizam a composição da paisagem sonora do estádio. De acordo com Schafer, não se deve buscar uma pureza musical, livre dos ruídos. A música, assim como as imagens, podem inicialmente conter duas percepções na mesma figura. E a peça musical oculta dentro dela pequenos eventos sonoros escondidos num falso silêncio. A partir do momento que esses eventos passam para o primeiro plano, são considerados ruídos. Na imagem abaixo<sup>59</sup>, se o cálice fosse a música, os

---

<sup>59</sup> Disponível no livro *Introdução à Psicologia*, de Linda Davidoff (2001: 166), no item que discute a abordagem da psicologia da *Gestalt* no estudo da forma.

rostos, quando aparecessem em primeiro plano, seriam considerados ruídos. Contudo, não é possível separar os dois elementos da composição da imagem.



Desta forma, não é possível ouvir uma música livre de ruídos, pois mesmo se conseguíssemos extrair todos os ruídos da plástica radiofônica, restariam ainda os sons que habitam o ambiente onde fazemos a escuta, como a sala da nossa casa, o escritório, o carro. Portanto, devemos pensar na riqueza sonora da composição da música do estádio e não buscar uma pureza e beleza estética (normalmente das plásticas produzidas em estúdio) para criar um universo sônico artificial e que seja, aparentemente, agradável aos ouvidos dos torcedores. A experimentação sonora em uma jornada esportiva no rádio passa pela simples valorização dos elementos que estão dados nas paisagens sonoras do futebol.

## 4.2 Rádio-web na jornada de corpos misturados

No rádio a comunicação é mediada por aparatos eletrônicos de emissão e recepção (codificação e decodificação), mas o importante é que ela começa e termina nos corpos. Bem entendido, mais do que binômios jornalistas e ouvintes, emissores e receptores, produtores e consumidores, temos nas duas extremidades do rádio atores sociais, apaixonados por futebol, pessoas buscando vínculos. As redações das rádios, TVs, jornais e revistas estão repletas de jornalistas também torcedores, que aprenderam desde cedo as nuances do futebol. Muitos têm histórias de infância para contar, sobre como descobriram o futebol, ou como ir ao estádio era um evento familiar aos finais de semana.

Com efeito, diversos livros encontram-se nas prateleiras das livrarias oferecendo história de vínculos entre futebol e jornalismo. Destacamos o livro *Meninos eu vi...* (2003) de Juca Kfourri, que conta em poucas linhas histórias de diversos jogos marcantes durante a carreira do jornalista. Kfourri refere-se, por exemplo, ao jogo Palmeiras x Vasco no ano 2000 como “uma epopéia que o mundo inteiro deveria ver ao vivo e em cores e, depois, rever todos os dias” (2003: 54). Ainda no mesmo livro encontramos relatos de experiências corporais vividas dentro do estádio, como num jogo onde “o Maracanã não parou de tremer um segundo [durante o intervalo da partida]. A massa cantava como para dar força aos seus gladiadores no vestiário. Havia uma energia impressionante no ar” (2003: 43). A paixão do jornalista pelo futebol está diretamente ligada às suas experiências em campo, com o universo sônico cumprindo um papel fundamental na vinculação dessas pessoas com o futebol. Outro jornalista que escreveu sobre suas histórias com o futebol foi Celso Unzelte (2009), discorrendo sobre a relação entre a escolha da profissão de jornalista esportivo a partir da paixão de infância pelo futebol ou por outros esportes.

É comum haver questionamentos de torcedores quanto aos times de coração dos jornalistas. Supostamente, muitos deles deixariam a paixão pelo clube influenciar no trabalho jornalístico. Em nossa observação das ferramentas de interação da *Eldorado/ESPN* observamos alguns exemplos desse tipo de conflito:

*denisson bh: o nararador é um saco!!! e é flamenguista*

Sem a oportunidade de fazer uso de mediações secundárias como os livros e revistas, os torcedores não contavam com tantos espaços para manifestar suas experiências como os

jornalistas. Com a difusão da Internet, finalmente os apaixonados por futebol têm oportunidades de dividir opiniões e experiências em diversos ambientes do ciberespaço. Desta forma, jornalistas e torcedores orquestram a comunicação sobre o futebol, muitas vezes de maneira conflituosa, mas certamente sob um horizonte de uma maior democratização do debate. O importante para nosso estudo é perceber que os corpos que estão na produção/emissão do conteúdo esportivo no rádio estão em vínculo direto e contínuo com aqueles do lado da recepção e do consumo do rádio, que passam a ser também emissores e produtores da informação e reverberadores das experiências esportivas.

Em nossa pesquisa qualitativa com ouvintes da *Rádio Eldorado/ESPN* observamos que, entre os entrevistados, todos já foram assistir jogos dos seus clubes no estádio de futebol. Mesmo que esse comparecimento não seja freqüente, o ambiente do jogo não é estranho a essas pessoas. Perguntadas sobre os hinos e as canções dos seus clubes, a maioria soube reproduzir as letras, porém disseram ter aprendido no estádio.

A ouvinte Jéssica Nayara, de 20 anos, estudante de jornalismo, é carioca e freqüente o “Engenhão”, estádio do Botafogo, seu time de coração. Ouvinte fiel da *Eldorado/ESPN*, Jéssica diz que “a *ESPN Brasil* pra mim é a extensão da minha família. Todos me tratam com muito carinho, e isso que eu acho de diferencial na *Eldorado*. Quando escuto um jogo, sinto que estou na cabine do lado deles”. Muitos ouvintes da *Eldorado/ESPN* são espectadores de longa data do canal *ESPN Brasil*, como no caso da nossa ouvinte, que migrou do canal de TV a cabo para a parceria no rádio. Como é uma torcedora freqüente no estádio, Jéssica Nayara conhece todos os cantos do Botafogo e afirma tê-los aprendido dentro do estádio. Questionada sobre quais sons nos estádios chamam a atenção, a ouvinte respondeu: “Som presente em estádio?!? Só o da torcida mesmo e do alto falante do Engenhão quando funciona... rs”.

Ainda no Rio de Janeiro, conversamos com Bruna Mariana Coutinho, de 26 anos, historiadora, ouvinte assídua da *Eldorado/ESPN* pela Internet. Usa com freqüência as ferramentas de interação com a parceria, principalmente o *twitter*. Torcedora do Vasco, Bruna afirma ir sempre que pode ao estádio. Mais uma vez, temos um caso de torcedor que aprendeu os hinos do time indo pessoalmente ao estádio. No caso de Bruna, seu gosto por outros times do Brasil a incentivou a aprender os hinos oficiais de diversos clubes, inclusive de times rivais, sempre recorrendo a gravações originais em CD. No estádio o momento de maior emoção para Bruna é no momento em que “a torcida se levanta e canta quando os jogadores

do seu time entram [em campo]. Ou quando seu time vira um jogo e te dá aquele sentimento de alívio depois daquela aflição da espera pelo gol. GOLLLLLLLLLLLLLL !!! É incrível!”

No Estado de São Paulo conversamos com o estudante Gabriel de Araújo, de 11 anos. Morador de Jacareí, no interior do Estado, Gabriel raramente vai aos estádios, mas é um ouvinte freqüente e muito participativo da *Eldorado/ESPN*. Pelo *twitter*, Gabriel conversa com jornalistas da *ESPN Brasil*, pedindo informações, dando opiniões e afirmando que sonha em ser jornalista esportivo. Corintiano, Gabriel diz conhecer a canção *Bando de loucos*, que transcrevemos anteriormente, mas ressalta que não aprendeu no estádio, mas assistindo e ouvindo as partidas do Corinthians no rádio e na TV. Perguntado sobre seu narrador preferido, o jovem ouvinte citou Reinaldo Costa “porque ele passa a emoção do campo para você. Ele faz com que o ouvinte saiba a exata localização do jogador e da bola”. Esse é um exemplo recente da percepção do ouvinte das características do “*speaker metralhadora*” estabelecido por Nicolau Tuma.

A paulistana Mayra Siqueira, jornalista de 23 anos, é ouvinte esporádica da *Eldorado/ESPN*, contudo trabalha com jornalismo esportivo (primeiramente na revista *Trivela* e atualmente como estagiária do portal *Globoesporte.com*). Para se comunicar com os jornalistas da *ESPN*, Mayra utiliza preferencialmente o *twitter*, ferramenta que permite à ouvinte trocar mensagens tanto com os profissionais quanto com os amigos de profissão. Mayra torce pelo Corinthians e vai ao estádio pelo menos uma vez por mês. Conhece os principais cantos da torcida, além do hino oficial do clube. A jornalista afirmou ter aprendido os cantos “indo aos estádios e, um ou outro, confirmei a letra baixando para ouvir na internet (vídeos de youtube, baixando mp3 com os gritos, lendo as letras na internet...)”. Com efeito, é possível encontrar *blogs* como o *Cantos de Torcida*<sup>60</sup>, que traz um grande número de canções de diversos clubes brasileiros, apresentando não somente as letras, mas disponibilizando um *link* para os vídeos armazenados no *Youtube*.

Enquanto as emissoras de rádio se preocupam em criar repositórios de áudios oficiais das jornadas esportivas, como os arquivos *Golcast*, os próprios torcedores vão montando uma verdadeira áudio-videoteca em sítios como o *Youtube* com suas próprias gravações, em aparelhos amadores de captação de som e vídeo. Muitos fazem vídeos em celulares com o objetivo de captar o seu próprio ponto-de-vista do espetáculo, como víssemos e ouvíssemos a execução de uma orquestra sinfônica sentados no meio do naipe de violinos. Antes sujeitos

---

<sup>60</sup> <[www.cantosdetorcida.com.br](http://www.cantosdetorcida.com.br)>. Acesso em: 02 fev. 2010.



aos focos das câmeras de transmissão de TV, agora qualquer torcedor pode contar sua história, seu momento de catarse, registrá-lo e publicá-lo.

Esses vídeos registram momentos que acreditamos ser o exemplo da filosofia dos corpos misturados. E contamos em nossa reflexão com a ajuda do depoimento de Mayra Siqueira, quando perguntada sobre qual seria o momento de mais emoção durante a partida de futebol:

*O gol do seu time. Sempre. As pessoas se abraçam sem nem saber quem são, e sem nem cobrar nada umas das outras depois. O sorriso é unânime, os abraços, pulos, berros, gritos. Quando o êxtase acaba, você percebe que estava até então às lágrimas com um completo desconhecido. Que assim continuará sendo no momento do apito final. Mas, por alguns segundos, ele foi alguém que viveu o mesmo que você.*

Ao dizer que “foi alguém que viveu o mesmo que você”, Mayra exemplifica nossa argumentação de que o dado, como diz Michel Serres, está no sentir e não simplesmente no dizer. No momento do gol, cada torcedor vai expressar suas emoções de forma particular, mas todos estarão, em certa medida, comungando seus corpos, orquestrando um ambiente rico em sonoridades, uma verdadeira “rádio radical” de Schafer.

A estudante de Rádio e TV Natália Pioli, de 19 anos, é ouvinte esporádica da *Eldorado/ESPN*. Colaboradora da *Rádio Gazeta Universitária*, Natália está em contato direto com a produção de conteúdos radiofônicos e observa alguns elementos importantes para nosso estudo. Perguntada sobre a clareza do som ambiente no estádio através da *Eldorado/ESPN*, Pioli argumentou que “muito som ambiente às vezes acaba atrapalhando, por exemplo, os repórteres”. A observação da estudante é pertinente para percebermos que um microfone aberto dentro do campo (o microfone do repórter é o que está mais próximo da torcida) captando os sons misturados, o universo sônico daquele ambiente, soa de fato como um grande ruído. Constatamos dois problemas na afirmação de Pioli: o primeiro diz respeito ao fato de acostumarmos nossos ouvidos, como dissemos anteriormente, aos sons que nos são apenas agradáveis, mesmo que esse exercício resulte em pasteurizações de plásticas radiofônicas e na conseqüente perda de ricos elementos de uma paisagem sonora. O outro problema diz respeito à falta de investimentos em desenvolvimento tecnológico dos aparelhos de captação de sons. Como apontamos anteriormente, é clara a defasagem das novas tecnologias apresentadas na televisão daquelas que ouvimos no rádio. Esses problemas só

afastam ainda mais a riqueza da experimentação sonora *in loco* daquela mediada pelos aparelhos de rádio, tradicionais ou através do suporte virtual.

Na Inglaterra, no dia 31 de janeiro de 2010, alguns *pubs* de Londres iniciaram a experiência de reunir os torcedores oferecendo a transmissão de uma partida entre *Manchester United* e *Arsenal* no formato *3D*<sup>61</sup>. A iniciativa empolga muitos torcedores, pois se trata de um evento de experimentação imagética, da ampliação virtual da realidade, tentando ser ao máximo fiel à experiência de ir pessoalmente ao estádio. Percebemos que os produtores dos conteúdos mediáticos, principalmente na TV, estão preocupados em reproduzir aos espectadores experiências fieis à realidade. Contudo, devemos refletir sobre a necessidade de tamanho “realismo”. Colocando os torcedores em bares com óculos *3D*, estamos tirando desses a oportunidade de viver corporalmente as experiências do estádio, orquestrando o jogo e abrindo os ouvidos e os sentidos ao dado. Mesmo com o fato de esses torcedores estarem criando e orquestrando eles mesmos um ambiente diferente nos *pubs*, e potencialmente também rico, notadamente muito da experiência sonora do estádio tende a se perder, correndo o risco de mergulharmos numa hipertrofia ainda maior das imagens.

Entre os seis entrevistados em nossa pesquisa, cinco afirmaram ouvir rádio enquanto assistem a televisão, o que reforça o fato de que há um forte vínculo dos torcedores com os locutores do rádio, que desde a época de Nicolau Tuma se aproximam dos ouvintes através de uma narração mais dinâmica, mais descritiva e também repleta de jargões e frases de efeito. Mesmo quando vão aos estádios, quatro entre os seis entrevistados afirmam levar algum aparelho de reprodução de rádio (na maioria celulares) com a finalidade de ouvir a narração enquanto assistem à partida *in loco*. Como dissemos no primeiro capítulo, o hábito de levar um aparelho de rádio ao estádio, apesar do risco do desuso, pode resistir ao esquecimento, sofrendo apenas mudanças no suporte eletrônico, do radinho de pilha para os aparelhos celulares, desde que se mantenha a vontade e a necessidade de se acompanhar o jogo pelo rádio. Contudo, um aspecto da mudança de suporte deve ser levado em conta: com o aumento do número de ouvintes que vão ao estádio ouvindo rádio em celulares ou tocadores de MP3, mantém-se o hábito da escuta, porém as rádios AM sofrerão com a limitação desses novos suportes que, em sua maioria, apenas disponibilizam rádios FM em seus aparelhos. Nesse ponto, rádios em FM como *CBN*, *Transamérica* e *Eldorado/ESPN* saem na frente na “briga”

---

<sup>61</sup> Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/ingles/0,,MUL1471243-9847,00-TRANSMISSAO+EM+D+DE+ARSENAL+X+MANCHESTER+FAZ+HISTORIA+SEM+IMPRESSIONAR.html>>. Acesso em: 01 fev. 2010.

pelos ouvintes nos estádios com concorrentes importantes como *Globo*, *Tupi*, *Bandeirantes* e *Jovem Pan*, que transmitem seus jogos através do AM.

Projetamos para estudos futuros a necessidade de se pensar essa forçada migração em um ambiente onde o locutor tem papel fundamental na escolha da estação de rádio, conforme pudemos verificar em nossa pesquisa. Alguns ouvintes, mesmo demonstrando admiração pela *Eldorado/ESPN* e, principalmente, pelos seus comentaristas, admitem que são ouvintes esporádicos, pois acompanham há mais tempo outro locutor em alguma emissora concorrente.

Como vimos em nossa pesquisa qualitativa, nossos entrevistados fazem uso majoritariamente do *twitter* como a ferramenta de interação com a *Eldorado/ESPN*. Essa ferramenta, por ser uma rede de relacionamento, dá maior liberdade ao interlocutor na interação com seus narradores e comentaristas. Sem precisar migrar para o portal *Território Eldorado*, nem para o sítio da *ESPN*, o ouvinte/interlocutor prefere permanecer no ambiente onde ele terá a oportunidade de manter suas conexões enquanto se relaciona com os atores da partida de futebol. O *twitter*, contudo, dificulta a interação entre diversos interlocutores ao mesmo tempo como em um fórum, pois se trata de um ambiente que exige algum tipo de “conexão” entre os interlocutores que são, na própria linguagem do *twitter*, “seguidores”.

Em nosso trabalho de observação do portal *Território Eldorado*, extraímos diversos comentários que julgamos importantes na tentativa de demonstrar como o ciberespaço pode ser um ambiente de troca de experiências e de conflito de idéias, sempre ligado ao jogo e à sonoridade. Para melhor conduzir a reflexão, dividimos os comentários por eixos temáticos, como a conversa antes do jogo, as mensagens para os locutores e a participação nos desafios.

Evidencia-se o estabelecimento de uma pequena comunidade, formada por personagens freqüentes nas transmissões. Muitos conversam como se estivessem em sites pessoais de relacionamentos, ao invés de um site de discussão coletiva. Alguns desses personagens foram identificados nas observações: Natyzinha; Sandro Barbosa; Aldir Jr. Sales Gomes; Fernando Fernandes; Ismail Emiliano Pereira Filho; Felipe.

Esses personagens são geralmente os primeiros a adentrarem a sala, mantendo um tipo de interação independente da transmissão. Neste ponto, eles utilizam de suas experiências culturais na brincadeira da provocação e do palpite sobre o jogo. Desta forma, cria-se a ambientação simbólica da partida de futebol, como podemos conferir no exemplo do jogo São Paulo x Palmeiras de 30 de agosto de 2009.

*Natyzinha:* BOA TARDE GALERA DA ELDORADO/ESPN  
*Sandro Barbosa\_Jaguariúna-SP:* boa tarde Natyzinha...hoje dá TRICOLOR 3 a 1  
*Natyzinha:* ATENÇÃO, SRS. PASSAGEIROS: O BOEING 7-4-4 VAI PARTIR! HOJE, TEREMOS O FILME JASON EM NOSSO VOO(PARA VARIAR)!  
*Natyzinha:* Oiii Sandro!!! Td bom??? Hj eh 2 a 0 hein  
*Natyzinha:* SALVE O TRICOLOR PAULISTA!!! AMADO CLUBE BRASILEIRO!!!  
*Sandro Barbosa\_Jaguariúna-SP:* o VOO 7-4-4 esta decolando.....segurem os cintos os mais medrosos....porcos, gambás, peixes, raposas, urubus, galo...rsrsrsrs

Reproduzimos abaixo alguns comentários de torcedores que aguardavam o começo do jogo incitando outros participantes com letras de música, provocações, ou simplesmente iniciando conversas. Muitos desses comentários nos levam ao termo “jornada”, pois fica evidente a extensão temporal do jogo, como um ritual que dura muito mais do que noventa minutos.

*São Paulo x Fluminense (19/08/09)*  
*Natyzinha:* VAI LÁ, VAI LÁ, VAI LÁ! VAI LÁ DE CORAÇÃO! VAMOS SÃO PAULO, VAMOS SÃO PAULO, VAMOS SER CAMPEÃO!!!  
*Natyzinha:* Ole Ole Ole Ole Ole Ole Ole Ole.. O SÃO PAULO quando joga eu sempre vou.. TRICOLOR tu és sempre vencedor.. Não Paro de cantar, até a voz acabar.. SÃO PAULO você é o meu amor.. Ole Ole Ole Ole Ole Ole Ole Ole

É importante ressaltar o termo “voz” do torcedor, pois, com efeito, o elemento sonoro está presente como agente de vinculação de forma perceptível nesse exemplo. O torcedor expõe em forma de texto escrito um dos cantos de sua torcida, no caso a do São Paulo. Esse torcedor pode ter aprendido o canto tanto indo ao estádio quanto acompanhando as transmissões esportivas mediatizadas. Notadamente, ele usa o espaço virtual da “voz da torcida” para reverberar seu canto, fazendo assim parte de um grupo que o identifica. Ao mesmo tempo, o torcedor é capaz de criar um laço de aproximação com outro usuário a partir de elementos comuns do jogo. Os corpos se vinculam a partir de suas experiências, vividas dentro e fora do ciberespaço.

Outra forma de entrar em comunhão com aqueles que estão do outro lado dos aparatos técnicos é por meio do desafio de conhecimento. Toda transmissão esportiva da *Eldorado/ESPN* conta com o quadro *Desafio do PVC*, onde o comentarista Paulo Vinícius Coelho cria charadas desafiadoras aos ouvintes. Algumas vezes a resposta pode estar

vinculada a premiações da emissora, mas normalmente o que motiva a participação dos ouvintes é simplesmente a vontade de equiparar seus conhecimentos aos do renomado jornalista da *ESPN*. Neste sentido, observamos diversas manifestações de resposta ao desafio, levando a sério o termo.

*Flamengo x Cruzeiro (20/08/09)*

*Youssef Ahmad Mourad* E eu lembro muito bem e é claro que é verdadeiro que o Flamengo derrotou e bem o Cruzeiro, em jogo disputado no Maracanã, no dia 18 de junho de 2003, por 3 a 0, com gols de Jônatas, Zé Carlos e Jean

*Sandro Barbosa\_Jaguariúna-SP* VERDADEIRO..O FLAMENGO VENCDEU O CRUZEIRO POR 3 A ZERO...GOLS DE JONATAS, ZÉ CARLOS E JEAN...A PARTIDA FOI NO MARACANÃ

*São Paulo x Palmeiras (30/08/09)*

*Sandro Barbosa\_Jaguariúna-SP* a resposta do DESAFIO é FALSA...o São Paulo perdeu pra porcaidada por 4 a 2, porém os gols foram marcados por: Magrão, 10'/ 1ºT (0-1); Claudedir, 18'/ 1ºT (0-2); Alex, 27'/ 1ºT (0-3); França, 30'/ 1ºT (1-3); Kaká, 26'/ 2ºT (2-3); e Arce, 48'/ 2ºT (2-4).

Uma relação por vezes conflituosa é aquela entre locutor e ouvinte, no momento em que o segundo demanda a reverberação de sua voz no canal de comunicação. Diversos são os pedidos de “alôs” e abraços aos narradores. Este fenômeno nos dá uma noção de interdependência do espaço virtual da discussão com o espaço da transmissão sonora. Aparentemente o ouvinte não se contenta com a participação no fórum, mas precisa ter sua voz mais ampliada, ou seja, seu nome dito pela voz do narrador. Mais do que o sentimento de pertencimento daquele grupo de torcedores, o ouvinte procura também fazer parte do universo da jornada esportiva, como se fosse parte da equipe de comentaristas. Citamos alguns exemplos:

*São Paulo x Fluminense (19/08/09) – Narração de Cledi Oliveira.*

*Célio Roberto - Guarulhos - SP:* cledi manda um alô pra o pessoal da "a voz da torcida"

*Célio Roberto - SP:* Aew Cledi manda um Alô pra mim,um abraço pra você a narração ta nota 10

*Cesar Iowa EUA:* Cledir te escuto daqui dos EUA sempre...Pergunta pro Boquinha o nome do Técnico do barueri!!

*Diogo-São José dos Campos-São Paulo:* obrigado por falar meu nome nessa radio maravilhosa locutor

*Rafael Brazil:* falou meu nome Cledi? vo fala pra todos amanha hehe

*Ale Motaa:* CLEDIII...MANDA Um Feliz Niver Pra Minha Cidade São Bernardo do Campoooo

*Ale Motaaa:* Manda Um Alooo Praa São Bernardo Clediiiiiiiiiiiiiiiiiii

*BRUNO MÓIA ULIANA - MATÃO -S P:* voces nao vao mandar um salve pra mim

*Paty Mota:* Manda um abraço para nos aqui de São Bernardo.... aniversario da cidade amanhã

*EVERTON VOLANTÊ-SÃO PAULO:* OLÁ CLEDI...MANDE UM ABRAÇO PARA O MEU AMIGO ALDIR HOJE É ANIVERSÁRIO DELE...

*ferpa:* valeu o abraço, espn eldorado

*Portuguesa x Figueirense (01/09/09)*

*tatu\_de\_rondônia:* vasco sempre vasco, mas torcer pela lusa tb é bom. bela transmissao, parabens pra todos, um grande abraço aqui da galera de rondônia

*Olympique Marseille x Milan (15/09/09)*

*Maurício Braga - Belém/PA:* Rogério, Manda um abraço pra Belém... Eu e o Adalguily Duarte... Nós estamos fazendo trabalho de história, curtindo a Eldorado ESPN

Notadamente, essas ferramentas e ambientes virtuais de interação ainda estão em um momento de construção e redefinição de *patterns* sociais quanto ao uso pelos interlocutores. Traçando um mapa da atualidade nessas redes de conexões, contribuimos para estudos posteriores sobre o desenvolvimento dos relacionamentos na rádio-web onde, esperamos, os interlocutores estejam mais preparados e dispostos a tecer muito mais do que apenas conexões e velocidade, mas compreensão, valorização dos sentidos e riqueza de sonoridades.

## AUDIÇÕES FINAIS

Novos cenários comunicativos despontam com a promessa de mexer profundamente na forma de se produzir, apresentar e estudar os meios de comunicação. Os pesquisadores se mobilizam no sentido de tentar fazer um retrato dessas mudanças, arriscando previsões e traçando tendências. Nos projetamos na tentativa de compreender em quais códigos, contextos e ambientes serão baseadas as relações a partir das novas formas de interagir. Esta pesquisa procurou ser mais uma voz que acredita que, apesar das mudanças profundas que vivemos, a base da compreensão está na capacidade que temos de sentir e de compartilhar as experiências. Apenas limpando nossos ouvidos, aguçando nossos sentidos, abrindo nossas almas à propriocepção é que chegaremos a um alto nível de civilidade, como queria Bateson, e a um estatuto epistemológico compreensivo das relações. A cultura está nos vinculando todo o tempo, nos afastando dos fantasmas da morte e do medo do silêncio. Executamos verdadeiras orquestras multisensoriais que nos vinculam e nos abrem caminhos para potencialmente nos comportarmos como cidadãos em perspectiva de igualdade com todos habitantes do planeta.

Com a observação do nosso objeto de pesquisa, a *Rádio Eldorado/ESPN*, percebemos que tanto os jornalistas quanto os ouvintes/interlocutores se mobilizam no sentido de reorganização das formas de participação nas jornadas esportivas. Assim, conseguimos confrontar os dados obtidos com a pergunta da pesquisa “de que forma o ouvinte/interlocutor orchestra seus vínculos sonoros na escuta da *Rádio Eldorado/ESPN* e nas suas experiências vividas no estádio de futebol?”. O ambiente do ciberespaço proporciona diversas formas de trocas de informações, compartilhamento de sons e experiências. Em *wikisites*, sítios de relacionamentos, fóruns e *blogs* é possível conhecer canções de clubes de futebol e interagir com outros torcedores. Nesse ambiente, o som desempenha papel fundamental na vinculação dos torcedores, que ouvem as jornadas esportivas nas rádios-web, além de terem à disposição um grande número de arquivos de áudio relacionados ao futebol, desde narrações de gols até gravações de hinos e cantos de torcidas. No caso da *Rádio Eldorado/ESPN*, a comunicação é orquestrada de forma rizomática por todos os atores sociais através de ferramentas disponíveis pela emissora: o sítio *Território Eldorado* e o mural de recados da *ESPN*, além de redes como o *twitter*. Contudo, apesar dessa nova forma de participação nas jornadas esportivas, a *Eldorado/ESPN*, bem como todas as emissoras de rádio, ainda não parece avançar no sentido

de explorar as sonoridades de um estádio de futebol. Como discutimos no subcapítulo *Silêncio do rádio*, o desenvolvimento das ferramentas de interação está à frente das tecnologias de compartilhamento de som e das iniciativas de produção de conteúdo radiofônico diferenciado. Juntamente com a discussão sobre o futuro comercial do rádio a partir dos novos suportes é preciso também refletir sobre as novas possibilidades de experimentações sonoras que essas novas ferramentas oferecem.

A partir dos autores de Palo Alto, buscamos expandir o conceito de comunicação orquestral, aplicando o termo em um evento que vai além da comunicação gestual e verbal, passando também às trocas de experiências e construções de textos culturais que acontecem simultaneamente através das três mediações (primária, secundária e terciária), conforme classificação proposta por Pross. A esse fenômeno imputamos o termo “jogos orquestrais”, sem com isso pretender estabelecer novos paradigmas, mas apenas apontar para a necessidade de se pensar a comunicação não mais de forma linear. No jogo de futebol, o universo sônico é criado coletivamente pelas pessoas, pelas máquinas e pela natureza. Assim como em uma orquestra tradicional, o som desempenha um papel fundamental nos jogos orquestrais. A criação sonora também é parte do lúdico e reforça o conceito “jogos orquestrais” como performance de composição sonora e comunicação verbal e não verbal. A música do estádio ajuda a constituir a semiosfera do futebol e está presente como “pano de fundo” das jornadas esportivas no rádio.

Essa semiosfera é construída a cada partida, através de elementos culturais de pertencimento, como vimos em Maffesoli, do jogo como forma de manutenção de uma segunda realidade, conforme aprendemos com Ivan Bystrina. A semiosfera singra, em forma de paisagens sonoras, pelos mares virtuais do ciberespaço, chegando às caixas de som dos ouvintes ligados aos computadores. Assim, a rede virtual expande a semiosfera de forma global e as paisagens sonoras do futebol podem ser acessadas de qualquer lugar do mundo conectado ao ciberespaço. Contudo, como dissemos, a música do estádio chega ao ouvinte modificada, reduzida, maquiada com plásticas produzidas em estúdio, descaracterizando a semiosfera do futebol e tornando a jornada esportiva demasiadamente dependente da performance da narração do locutor esportivo. Tal formatação reduz as possibilidades de vinculação do ouvinte com a partida, deixando o rádio menos atrativo, como também afirmou o radialista Paulo Soares.



O rádio ajudou a construir ao longo dos anos o tecido cultural do futebol entre os brasileiros, levando a emoção do jogo na voz do locutor e nos elementos sonoros da plástica radiofônica. Porém, o rádio, apesar de todas suas possibilidades sonoras, não é produzido de forma a expandir com eficiência toda a riqueza do universo sônico de um estádio de futebol. É necessário repensar a sintaxe do rádio, indo além das obrigações comerciais, quebrando a tirania do relógio e valorizando a música do estádio.

O rádio necessita de novas experimentações sonoras. No entanto, para que isso aconteça, tanto ouvintes quanto produtores e jornalistas devem buscar uma cultura do ouvir. Seria demasiado reducionista dizer que está apenas nas mãos das emissoras de rádio a iniciativa de procurar formas e sonoridades diversas. Com efeito, vivendo em uma época de hipertrofia das imagens, inclusive sonoras, boa parte das tentativas de experimentações, jogadas nos suportes de comunicação preocupados com a velocidade e com a publicidade, certamente perderiam espaço para informações breves e superficiais, nos deixando mais desejosos de informações. Para a experimentação ter sucesso no rádio, ela deve ser alcançada também entre os corpos, que precisam ser abertos aos sentidos e aos vínculos.

Um verdadeiro jogo orquestral deve ser construído de forma conjunta entre torcedores, jornalistas, técnicos de sonoplastia, jogadores, entre tantos outros. Sabemos do longo caminho que se deve seguir até atingirmos um “alto grau de civilidade” e dos conflitos que são ricos e necessários na construção da esfera pública no ciberespaço.

Quando muitos perguntam por que o futebol mexe de forma tão intensa com as pessoas, é preciso perceber os fenômenos que estão em volta do jogo, praticando uma abordagem antropológica da comunicação. Partindo de um preceito básico dos paloaltinos, é necessário entender o que está relacionado ao que queremos observar, saber que o futebol não funciona de forma isolada, que não devemos analisá-lo apenas como um esporte, ou como uma mercadoria. O futebol é parte da cultura brasileira porque o futebol faz sonhar, chama ao grito, estimula a competição, além de ser uma explosão de cores e sons.

Os que não se deixam tocar pelo futebol buscam em outras expressões artísticas e lúdicas o escape da primeira realidade de Bystrina. Em todas elas encontraremos elementos de linguagem e expressões mais “rústicas” dos sentidos, agindo de forma conjunta e, quase sempre, conflituosa. Com efeito, qualquer que seja o fenômeno cultural que observemos, somos capazes de encontrar elementos de vinculação, pois, como dissemos, toda comunicação começa e termina nos corpos. Buscamos, a partir de Serres e de outros autores, refletir sobre

uma filosofia dos “corpos misturados”, uma epistemologia das relações. Assim, trouxemos à tona a importância de uma cultura do ouvir, que nos religa através da audição e dos outros sentidos.

Os corpos misturados em um estádio de futebol estão jogando o jogo da cura, dos símbolos, da fuga da morte. A jornada, como a peregrinação, chama ao contato mais profundo de nossos sentidos, nossa propriocepção. Expressamos o que temos de mais interior, sentimentos que podem ser conflituosos nos códigos do cotidiano, mas que são perfeitamente aceitáveis no jogo. Com o som imitamos a natureza, gritamos, desafiamos, criamos. Produzimos toda a sorte de elementos sonoros, muitos deles baseados na linguagem, mas certamente muitos que são simplesmente a expressão da dor e da cura. O tempo cronológico passa sem que os atores percebam, pois estão vivendo outras experiências, tecendo outros vínculos.

O árbitro, “desmancha-prazeres” do jogo, aquele que traz a descontinuidade (HUIZINGA, 1971: 14-15), parece ser o único interessado em manter as regras e algum tipo de ligação do jogo com o mundo cotidiano. Ele está de olho no relógio, é o guardião do tempo. O som curto e áspero do apito encerra a partida, mas não é capaz de encerrar o jogo. Os códigos e o tempo cronológico não são capazes de limitar a produção cultural e artística dos atores. Mas é hora de voltar para casa.

Com o fim do jogo, os torcedores vitoriosos deixam o estádio em êxtase, refazendo o trajeto pelos corredores e galerias do estádio, que voltam a reverberar em suas paredes grossas e sombrias. Os sons que pertencem à semiosfera do estádio tomam, então, as ruas, estendendo o jogo para além dos limites espaciais e temporais. As pessoas aos poucos se dispersam e voltam seus ouvidos para o rádio. A atmosfera ruidosa se desfaz e ficam os sons das ruas. Porém, os sons do rádio e da rádio-web no ciberespaço tratarão de estender o “tempo da subjetividade”, o tempo da alegria e dos relacionamentos, reorganizando as paisagens sonoras, repetindo-as e permitindo, assim, que os vínculos se mantenham até o próximo jogo, quando novamente uma atmosfera surgirá no entorno do estádio, como uma tempestade simbólica viva e vibrante, desafiando os ritmos ordinários da cidade.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu. “Pesquisa em Ciências Sociais”. In: HIRANO, Sedi. *Pesquisa Social. Projeto e planejamento*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.

ARNHEIM, Rudolf. *Estética Radiofônica*. Barcelona: Gustavo Gili, 1980.

BAITELLO JUNIOR., Norval. *A era da iconofagia. Ensaio de Comunicação e Cultura*. São Paulo: Hacker, 2005.

\_\_\_\_\_. *O animal que parou os relógios. Ensaio sobre comunicação, cultura e mídia*. 2 ed. São Paulo: Annablume, 1999.

\_\_\_\_\_. “O tempo lento e o espaço nulo. Mídia primária, secundária e terciária”. In: NETO, Antonio F.; HOHLFELDT, A.; PRADO, J. L. A. (Orgs.) *Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade*. Coleção Comunicação, 11. Compós; v.2. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BALSEBRE, Armand. *El Lenguaje Radiofónico*. Madrid: Catedra, 2000.

BATESON, Gregory. *Une unité sacré. Quelques pas de plus vers une écologie de l'esprit*. Paris: Seuil, 1996.

\_\_\_\_\_. *Vers une écologie de l'esprit 2*. Paris: Seuil, 1980.

BATESON, Gregory; RUESCH, Jurgen. *Communication et société*. Paris: Seuil, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENKO, Georges. “Geografia de lugar nenhum ou hiperglobalização. Breve exame do mundo pós-moderno”. In: SANTOS, Milton; SOUZA, M. A.; Silveira, M. L. (Orgs.) *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

BENOIT, Jean-Claude. *Gregory Bateson. La crise des ecosystems humains*. Genève: Editions Médecine & Hygiène, 2004.

BERENDT, Joachim-Ernst. *Nada Brahma. A música e o universo da consciência*. São Paulo: Cultrix, 1986.

BUFARAH Jr., Álvaro. “Rádio na internet, convergência de possibilidades”. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 26., 2003. Belo Horizonte. Anais... São Paulo: Intercom, 2003.

BUNGE, Mário. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CÉSAR, Cyro. *Rádio: a mídia da emoção*. São Paulo: Summus, 2005.

CUNHA, Magda R. “Rádio e Internet: o encontro de duas grandes invenções”. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 27., 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004.

D'AMARAL, Marcio T. “Sobre o tempo: considerações intempestivas”. In: DOCTORS, Marcio (org). *Tempo dos tempos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DAVIDOFF, Linda L. *Introdução à Psicologia: terceira edição*. São Paulo: Makron Books, 2001.

DE BIASI, Rocco. *Gregory Bateson. Antropologia, comunicação, ecologia*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2007.

DI FELICE, Máximo. “Das tecnologias da democracia para as tecnologias da colaboração”. In: DI FELICE, M. (Org). *Do público para as redes. A comunicação digital e as novas formas de participação social*. São Caetano do Sul: Difusão, 2008.

\_\_\_\_\_. “O esquecimento da técnica: A pós-modernidade, a técnica e o declínio do ocidente em Gianni Vattimo”. In: Revista Cult. Edição 126, p. 16 a 18. São Paulo: Ed. Bregantini, 2008.

DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.) *Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

FERNANDES, Rodrigo F. “Raça, amor e paixão. Os sons nos estádios de futebol como elementos de vinculação”. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32., 2009, Curitiba. Anais... São Paulo: Intercom, 2009.

FERREIRA, Daniela C.M.; PAIVA, José E.R. *O áudio na internet. Uma orientação para os profissionais de comunicação e de tecnologia*. Uberlândia: Edibrás, 2008.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

KFOURI, Juca. *Meninos eu vi*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2003.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. *O rádio sem onda. Convergência digital e novos desafios na radiodifusão*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

KOYRÉ, Alexandre. *Do mundo fechado ao universo infinito*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

KÜNSCH, Dimas A. “Comunicação e incomunicação: aproximação complexo-compreensiva à questão”. *Líbero*, Ano X. n.19, 2007.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. *A Inteligência Coletiva. Por uma antropologia da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

LIPSET, David. *Gregory Bateson. El legado de un hombre de ciencia*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

LOTMAN, Iuri M. *La semiosfera*. Madrid: Cátedra S.A., 1996.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Perca tempo. É no lento que a vida acontece*. São Paulo: Paulus, 2005.

MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). *Dicionário da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009.

MEDITSCH, Eduardo. (Org.) *Teorias do Rádio. Textos e contextos*. Florianópolis: Insular, 2005.

MEDITSCH, E. “Meias-verdades que continuamos ensinando sobre o radiojornalismo na era eletrônica”. In: *Revista Conexão – Comunicação e Cultura*. UCS, Caxias do Sul, v.2, n.3, p. 99-110, 2003.

MENEZES, José Eugenio de O. *Rádio e cidade. Vínculos sonoros*. São Paulo: Annablume, 2007.

MENEZES, J. E. O. “Comunicação e cultura do ouvir”. In: KÜNSCH, D.; BARROS, L.M. (Orgs.). *Comunicação. Saber, arte ou ciência? Questões de teoria e epistemologia*. São Paulo: Plêiade, 2008.

\_\_\_\_\_. “Cultura do ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade”. *Líbero*, ano XI, n.21, 2008. p.111-118

\_\_\_\_\_. “Rádio e cibercultura – contribuições para as teorias dos media”. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 25.*, 2002, Salvador. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2002.

\_\_\_\_\_. “Rádio informativo e ecologia da comunicação: o jornal da CBN como cenário de vinculação sócio-cultural”. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32.*, 2009, Curitiba. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2009.

MIÈGE, Bernard. *O pensamento comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOREIRA, Sonia V. *O rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1991.

\_\_\_\_\_. “Rádio@Internet”. In: DEL BIANCO, N.; MOREIRA, S. V. (Orgs.) *Rádio no Brasil. Tendências e perspectivas*. Rio de Janeiro: EdUERJ; Brasília: UNB, 1999.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita. Repensar a reforma, reformar o pensamento*. 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NETO, Antonio F.; HOHLFELDT, A.; PRADO, J. L. A. (Orgs.) *Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade*. Coleção Comunicação, 11. Compós; v.2. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

OBICI, Giuliano. *Condição da escuta. Mídias e territórios sonoros*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

PRADO, Magaly. “Audiocast nooradio: redes colaborativas de conhecimento”. 2009. 102p. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

PRATA, Nair. *Webradio: Novos gêneros, novas formas de interação*. Florianópolis: Insular, 2009.

RADDATZ, Vera Lucia S. “O rádio de fronteira na web” In: *Communicare*. Vol. 7, nº1, 2007. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2007.

RESTREPO, Luis Carlos. *O direito à ternura*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ROMANO, Vicente. *Desarrollo y Progreso. Por una ecología de la comunicación*. Barcelona: Teide, 1993.

SAMAIN, Etienne. “Alguns passos em direção a Gregory Bateson”. In: *Revista Eletrônica Ghreb*. Nº 5. São Paulo. Disponível em <<http://revista.cisc.org.br/ghrebh5/>>. Acesso em: 20 jan. 2010.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no Ciberespaço. O perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SCHAFER, Murray. *O Ouvido Pensante*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

\_\_\_\_\_. *A afinação do mundo*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

\_\_\_\_\_. “Rádio radical e a nova paisagem sonora”. In: Meditsch, E.; Zucoloto, V. *Teorias do rádio. Textos e contextos*. Vol.II. Florianópolis: Insular, 2008

SERRES, Michel. *Os cinco sentidos. Filosofia dos corpos misturados*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SILVA, Júlia Lúcia de O. Albano da. *Rádio: oralidade mediatizada. O spot e os elementos da linguagem radiofônica*. São Paulo: Annablume, 1999.

SILVEIRA, Sérgio A. “Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública”. In: PRETTO, N.L.; SILVEIRA, S.A. (Orgs). *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. Salvador: EDUFBA, 2008.

SOARES, Edileuza. *A bola no ar. O rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus, 1994.

SPERBER, George Bernard. *Introdução à peça radiofônica*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1980.

TRIGO-DE-SOUZA, Lígia M. “O rádio paulistano na era da Internet”. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 27., 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004.

UNZELTE, Celso. *Jornalismo esportivo. Relatos de uma paixão*. São Paulo: Saraiva, 2009.

VAN HAANDEL, Johan C. “Formatos emergentes de criação e transmissão de áudio on line: a construção do webcasting sonoro. 2009”. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa: Edições 70, 1989.

VIRILIO, Paul. *A bomba informática*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

\_\_\_\_\_. *A Inércia Polar*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet H.; JACKSON, Don D. *Pragmática da comunicação humana. Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Cultrix, 2007.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo*. Organização e apresentação de Etienne Samain. São Paulo: Papyrus, 1998.

\_\_\_\_\_. *Anthropologie de la communication. De la théorie au terrain*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.

\_\_\_\_\_. *La communication n'est pas une marchandise. Resister à l'agenda de Bologne*. Bruxelles: Éditions Labor, 2003.

\_\_\_\_\_. *La nouvelle communication*. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

WULF, Christoph. "O Ouvido". In: *Revista Digital Ghrebh-. Edição 9 - Cultura do ouvir*. Disponível em: < [www.cisc.org.br/ghrebh-](http://www.cisc.org.br/ghrebh-)>. Acesso em: 20 fev.2008.

## ANEXOS

### ENTREVISTA COM PAULO SOARES

**Paulo Soares:** Eu acho que a gente podia estar fazendo [no radio] alguma coisa bem diferente do que a gente faz, bem melhor do que a gente faz.

**Rodrigo Fernandes:** Em que sentido? Independente de parceria [Eldorado/ESPN].

**PS:** Para falar assim, todos. Porque eu sou um cara que gosta muito de rádio. Minha formação é toda de rádio. E é uma formação de ouvinte, porque lá atrás as universidades ainda não tinham nada específico para quem ia fazer rádio. Então a minha escola é de ouvinte, e de muita persistência. Eu acho até que sou melhor conversando sobre rádio, discutindo sobre rádio, do que até atuando. Acho que existem duas coisas, duas pessoas: o cara que atua, que está lá trabalhando, que já esteve em coordenação e direção de equipes esportivas de rádios; e tem o outro cara que é o ouvinte, que aprendeu um monte de coisas, que tem suas aflições, seu prazeres e que aqui nessa nossa parceria eu acho que a gente ainda não decolou. [você quer saber ] O que eu acho especificamente do rádio esportivo é isso? O que poderia haver de novo?

**RF:** Numa jornada esportiva. Pode ser bem crítico.

**PS:** Pois é, eu não to nem falando da gente [Eldorado/ESPN]. Talvez eu tivesse que pensar um pouco mais, porque na verdade, nos últimos 8 anos eu fiz rádio intensamente até 2000. Em 2000 eu resolvi dar um tempo com o rádio. Eu estava sendo massacrado, a gente trabalha com rádio e televisão, então eu fiquei 8 anos assim. E aí surgiu o rádio aqui há quase 3 anos, então eu voltei a me envolver com rádio, mas eu fiquei aí uns 5, 6, 7 anos quase sem ouvir rádio, tentei me divorciar porque achei que não voltaria a fazer rádio e era uma coisa que eu gostava muito. Então foi uma forma que eu encontrei pra tentar tirar um pouco aquela minha paixão pelo rádio, tentar focar um pouco mais o trabalho na televisão, e foi um período que eu perdi um pouco de contato com as jornadas esportivas. É meio um buraco negro, mas sempre acompanhando. Eu pessoalmente não sei se tem que haver alguma coisa nova. Aí tem muita coisa, tem a questão do veículo, a indefinição, o que vai ser do rádio? Como serão as próximas gerações? Elas vão ouvir rádio por onde? Como é que vai chegar o som na casa das pessoas? O cara no carro vai estar ouvindo rádio ou internet? Se no celular ele vai ouvir rádio AM também, eu não sei o que vai acontecer. Mas, pensando na parte técnica e plástica de uma transmissão esportiva, ainda para meu gosto, o simples é o mais legal. Eu me interessei por rádio esportivo por causa da emoção que o rádio me trazia numa transmissão de futebol: a vibração, a adrenalina, o antes do jogo e o depois do jogo. Hoje o depois do jogo mudou muito, o antes também mudou um pouco, pelo comportamento dos clubes que não dão mais espaço para no dia dos jogos você ter um contato direto de repórter com jogador e treinador. Isso mudou um pouco a característica que o rádio tinha que era muito forte. Num domingo, já



a partir de 10hs da manhã os repórteres estarem nas concentrações conversando com os jogadores, era um papo gostoso, que eu adorava. E então eu ficava ouvindo lá o apresentador, o repórter, e vinha um treinador e cruzava com outro treinador, com o jogador, tinha uma brincadeira, um convidado pelo telefone. Isso mudou muito porque os caras não atendem mais a imprensa, tem horários de janelas de coletivas. Isso mudou um pouco a cara do antes do jogo, como mudou o depois do jogo pelo fato deles também só concederem entrevistas coletivas, que são massantes, as perguntas são muito repetitivas. Já se pensou em fazer “quem sabe depois do jogo a gente tem debate, vamos analisar com várias vozes, várias cabeças e a gente vai pincelando com entradas de vestiário”, mas o fato é que perdeu muito. O que eu acho que é legal de rádio esportivo é quando você tem a emoção antes, durante, e depois do jogo ela é uma emoção para muitos e para outros não é.

**RF:** Hoje a gente tem hoje a emoção muito centrada na figura do narrador, que é responsável por transmitir a emoção. O que mais está faltando? O que tem de elementos de som no estádio está legal? Como isso funciona hoje? Acompanhando a ferramenta, o mural, o que acontece é que muito torcedor sabe os hinos do estádio, não o do clube, mas o que só tem no estádio. Onde eu quero chegar é, onde ele aprende isso? Essa pessoa está vivenciando isso de alguma forma. Ele consegue esse contato pelo rádio, ou o contato ainda está sustentado demais na figura do narrador.

**PS:** Eu só não entendi muito bem a questão da cantoria das torcidas. Eu acho que quem canta fora é porque frequenta estádio, ou porque são amigos, o cara ouve amigo cantando, na escola ou na comunidade dele. Pelo rádio o cara em casa não ouve as torcidas cantando. Eu acho que esse pessoal que é frequentador de estádio. Se ele canta a música do Flamengo, é porque ou ele ouve no estádio ou ele está na praia com amigos e os amigos cantam.

**RF:** É outro tipo de vivência que não tem a ver necessariamente com o rádio?

**PS:** Eu acho que não é do rádio, porque eu não consigo ouvir no rádio. Eu se estou ouvindo uma transmissão ou mesmo quando estou transmitindo, de vez em quando a gente faz um “sobe som” quando a torcida do Corinthians começa a cantar no Pacaembu, que tem uma acústica mais forte, então você consegue captar aquele som. Mas é uma coisa que as rádios não fazem.

**RF:** Se bota BG falso também.

**PS:** Isso no *offtube*, para não ficar aquela transmissão seca. Aí o cara põe um BG falso. Agora, no estádio hoje os equipamentos são muito melhores, então as rádios conseguem ter um som de dentro do campo, você consegue pegar o goleiro falando, coisas próximas da área, você pega às vezes alguma coisa próxima dos bancos [de reservas], porque as emissoras colocam aqueles *boom*. Mas na torcida, o ambiente do estádio normalmente vem captado por um microfone, ou que está lá dentro do campo, ou perto da cabine de transmissão. Então

imagina se você está no Morumbi eles tem um microfone ambiente para a torcida que fica aquele “uhhuua”. Você ouve, agora você não identifica. Você pode até ouvir lá no fundo “Palmeiras”, “Corinthians”, “São Paulo”, “O campeão voltou”. Se o estádio todo canta junto, se todo mundo ficar quieto, o cara em casa vai entender. Mas é uma coisa que talvez o rádio pudesse explorar melhor. É que a maioria das canções das torcidas paulistas são canções que não levam muito a lugar nenhum. Tirando uma outra, são canções mais agressivas. Uma coisa mais de guerra de torcida, “vou dar porrada eu vou” e “vou matar eu vou”. No Rio de Janeiro já é super bacana, porque as torcidas são lindas, elas são criativas, e o rádio do Rio sabe fazer isso melhor que o rádio de São Paulo. O rádio do Rio é muito mais envolvido com o espetáculo, ele trata aquilo como um grande show. São Paulo tem uma visão mais profissional, é tudo muito de número, estatística, é tudo muito certinho, a cobrança é maior, é todo mundo mais azedo. No Rio de Janeiro eles vão pro Maracanã, eles vão pra um show. O cara deixa a praia no domingo de manhã, é um outro astral. Os cariocas, o pessoal de rádio do Rio, que mudou muito, mantém um histórico de transmissão muito mais fiel às suas tradições, que é da alegria. E isso é o que eu acho que faz falta, pro meu gosto, aqui em São Paulo, porque eu acho muito gostoso ouvir a Rádio Globo do Rio, ouvir o estilo deles. É muito festeiro? É muito carnaval? Pode ser. Acho que eles precisam encontrar também um meio termo, mas é muito gostoso, quando tinha a geral eles brincavam com os geraldinos...

**RF:** Tem a Maria Chuteira

**PS:** Tem a Maria Chuteira, que é divertida. Tem o pessoal girando com o Globofone, que é o volante deles, o amarelinho da Globo. Eu acho muito legal a Globo do Rio, ou a Tupi. E no Maracanã você ouve. É diferente. Os caras ficam quietos e fica aquela coisa vibrante, uma coisa que contagia. E a gente não, porque aqui tirando uma torcida ou outra que tem uma coisa legal, que canta uma coisa saudável. O Corinthians tem uma....

**RF:** E acaba que São Paulo ficou muito restritiva para a torcida também. Proíbe bandeira, proíbe balão, torcida organizada. Alguém falou isso aqui [na ESPN], que restringiram tanto a torcida de São Paulo que ficou chato assistir futebol aqui.

**PS:** Ficou chato, a gente não tem mais aquela alegria, porque quando você chegava no Morumbi com aquelas bandeiras era uma delícia, tinha a torcida do São Paulo com o pó-de-arroz, os papéis, mesmo os rojões, era um cenário diferente, e foi mudando muito. Mas é interessante esse lance do som....

**RF:** É, porque a gente hoje vê a TV com HD, 58 câmeras, que ficam em cabo e descem praticamente no pé do jogador. E o som não acompanha essa dinâmica. O [José] Trajano sempre fala isso, os gols internacionais são mais bonitos porque você o vê de 50 ângulos diferentes, enquanto a Globo manda a pior que ela tem. A imagem, você vê o jogo em 360°, de cima pra baixo, enquanto o som continua com o microfone *boom*.

**PS:** O que eu acho é que independentemente da presença da torcida numa jornada é o seguinte: o que você está dizendo, que eu sempre tive isso, e uma coisa que eu brigo muito. Trabalhei dois anos na Rádio Bandeirantes, tive muitas dificuldades lá exatamente por essa opinião que eu tenho. E depois também aqui na Eldorado/ESPN, porque eu trabalhei na Rádio Globo oito anos e aprendi a ouvir rádio ouvindo a Jovem Pan nos anos 70, que eu era ainda muito garoto e a Jovem Pan surge, até com o nome “Jovem”, ela vem com uma coisa pra mudar. Então ela aparece e era o rádio diferente que começava, e que foi seguido durante muito tempo até hoje. Era uma referência, porque a JP criou plásticas, vinhetas, o rádio não tinha nada disso. O rádio vivia da voz do locutor. Então tinha a Rádio Bandeirantes com as grandes vozes do Brasil, as rádios populares com os grandes comunicadores, como Silvio Santos, Chacrinha. Não tinha ainda o radiojornalismo, que era a Jovem Pan e a Bandeirantes, mas ainda eram programas mais de estúdio. E a JP vem por fora com uma plástica, uma vinhetação, com o rádio mais atuante, com o rádio na rua e realmente muda a cara do rádio. E o que eu acho hoje com todo esse avanço, é que rádio é som. Televisão é imagem, rádio é som. Se você não tem um bom som, se você não tem uma boa equipe, boas vozes, boas cabeças, gente pensando o tempo inteiro pra fazer esse som ainda ser agradável, você fica. Porque não há mais interesse. As coisas mudaram. Com todo respeito, eu até trabalhei lá, mas televisão você põe a TV Gazeta aqui e a TV Globo aqui, a diferença é quilométrica. E nem precisa ser a Globo, hoje você tem 500 canais à cabo. A TV Gazeta é muito pobre, e é pobre por que? Porque é imagem. Então você vê a TV Globo, você pára pra ver uma cena de novela, ou alguma coisa que está acontecendo, e a TV Gazeta é aquela coisa pobre. Falta recurso, falta um monte de coisa. Mas a realidade é essa: quem não tem condição vai ficar. E qual é a chance da Gazeta sobreviver nesse mercado maluco? Virou shopping Center, e ela sobrevive graças à isso. Agora, você vê, rádio é isso. Se você não tiver uma boa rádio, um bom som, plástica, vinhetas bonitas, se você não tiver gente boa de microfone, gente lá pensando. E pra mim, você tem que ter numa transmissão esportiva, movimento de vozes. Entende? Você tem que criar um movimento para que o cara que está ouvindo não fique só ouvindo uma voz. Se o cara não for muito bom, e a qualidade técnica das pessoas que fazem rádio esportiva especialmente hoje caiu muito. Mas é óbvio isso, porque as pessoas não se dedicam mais ao rádio como antigamente. O rádio era o grande veículo de comunicação, os caras que gostavam de falar iam pro rádio. Tanto que muitos caras de televisão vieram do rádio, e os melhores de televisão são oriundos do rádio. Por isso que eu gosto muito da transmissão da rádio Globo do Rio, gostava muito da transmissão da rádio Globo de São Paulo, gostava bem mais das transmissões da Jovem Pan, porque elas não paravam um minuto, tem voz, tem movimento. E é isso que me agrada. Como ouvinte, e como também quando estou trabalhando, quanto mais gente tiver é legal, é gostoso. Porque eu acho que o cara que está em casa ouvindo ele gosta de ouvir isso. Ficar ouvindo um narrador, um comentarista, fica uma coisa repetitiva. É muito igual. “Ah, mas eu gosto mais daquele lá porque ele faz assim assado”, tudo bem. Mas aí você ouve 15 minutos, 20 minutos, como você faz o cara ouvir 90 minutos de um jogo? E o narrador, ele, a equipe, se sente cansado. Você sabe que você está indo, mas não tem uma vinheta pra te ajudar. Você que está transmitindo, você está ali. Se o jogo é bom pra caramba ajuda, mas tem jogo que não é bom. Tem jogo que não tem muito apelo e você está ali, parece que está contra uma montanha, sai exausto. Eu falo que cara que narra no rádio, ele sai morto, é muito cansativo. Se a rádio não te ajuda com gente no ar, entrando, criando coisas novas. Tem tira-teima? Vamos fazer um tira-teima no rádio, vamos buscar uma forma sonora de fazer. É som, a gente tem que buscar. E tem que melhorar a informação, não adianta o rádio querer brigar com a televisão. Muitas vezes o rádio, as equipes esportivas, briga com a televisão. Às vezes transmissões de jornalismo, se eu estou em casa vendo acontecer alguma

coisa nos Estados Unidos, entra CNN, a Fox News, a BBC, o mundo está transmitindo, e é mais legal se o rádio acompanhar a transmissão da televisão, se render àquilo e oferecer o que o rádio está vendo. Não adianta querer mudar. Não inventa. Se a televisão mostrou que foi pênalti, foi pênalti. Acabou, senão você vai virar que nem o juiz que não deu pênalti. Então a gente fica “mas eu tenho certeza que não foi pênalti”, mas a televisão mostrou. E a gente não assume isso. A gente eu digo a maioria, ou uma boa parte. Vamos criar, o rádio precisa de coisas novas. Por isso que quando a gente [Eldorado/ESPN] entrou, eu achei que a gente poderia ser esse “novo”. Aqui como é que você vai falar com pra um cara que não sabe o que é rádio? Um garoto de 12, 13 anos, se você falar rádio, ele não sabe o que é rádio, o aparelho de rádio. Radinho de pilha nem se fabrica mais, é uma raridade pra se encontrar. E pra quem gostava era super gostoso, super fácil. Era de sintonia de giro, ou digital. Mas tinha tudo ali, você ouvia com o egoísta. Hoje não, é no celular, e o cara não sabe o que é rádio. É como falar com o cara de walkman, não existe mais.

**RF:** Eu concordo com você que o menino de 11, 12 anos não sabe o que é rádio mais, mas ele sabe o que é internet. E a impressão que eu tenho é que ele tem uma outra forma de interagir. Ele sabe quem é o Amigão. Se ele gosta de futebol, ele sabe que tem o Sportscenter, sabe que tem o Bate-Bola, ele sabe que vai ter o jogo na Eldorado/ESPN, que o Amigão usa twitter, que o Cledi [Oliveira] lê o twitter de todo mundo, lê o mural. O Reinaldo [Costa] nem tanto, mas o Everaldo [Marques], o Rogério Vaughan. Quem narra hoje está no twitter e todo mundo acompanha o Amigão às 3 horas da tarde, independente de ter jogo. Acompanha o PVC, o Mauro Cezar. Essa meninada não está vendo como eu via, por exemplo. Eu peguei no final. Eu mudei do Rio para São Paulo em 1987, quando não tinha TV à cabo. Para ouvir os jogos do Rio, eu morava em Jundiaí, e lá por uma sorte divina pega a Globo Rio, muito mal e à noite. Então os jogos do campeonato carioca e brasileiro das 20h30, 21hs eu ouvia no rádio com o Garotinho [José Carlos Araújo]. Era a única forma que eu tinha de acompanhar o Flamengo no começo da década de 90, porque na Globo de São Paulo não passava. Eu quero dizer o seguinte: o som está presente e ele ainda consegue se relacionar com um menino de 11 anos, como no meu caso, que precisava recorrer ao som para me relacionar e pra estar junto com meu time, porque acho que é isso realmente que a pessoa vai atrás. Mas ele está com o Amigão no twitter. E como é isso?

**PS:** É recente e ainda não entendi muito. Eu gostei do twitter, mas ainda não entendi muito bem como vou usar. Primeiro que eu não sou um cara de ficar o dia inteiro no computador, tanto é que eu não tenho blog. Eu acho que é um compromisso, uma responsabilidade que você tem que ter de estar sempre atualizando. Mas o twitter eu achei legal esse negócio de poucas palavras, rápido. Mas eu ainda não entendi muito bem de que forma eu posso estar ali, porque eu vejo umas pessoas que estão no twitter, e essa exposição [...] eu sou mais da época do pé na terra. Apesar de ser paulistano, eu gosto mais de sentir a grama, sabe? Sentar com as pessoas pra conversar, ir para um bar, jantar fora. E hoje mudou muito a relação entre as pessoas. Ela se faz pela internet. E realmente, pra quem não está muito integrado a isso é estranho. E eu acho muito estranho como as pessoas se abrem sem saber para quem. Eu fico vendo aqui a meninada, tem muita gente jovem aqui. Eles passam o dia inteiro, se não estão trabalhando estão ali, conversando com gente de todo canto. O que é legal, porque você abre muito seu universo de amigos, mas é uma coisa muito estranha ainda. Acho que é legal, os caras sabem que eu estou lá, que eu estou no Sportcenter, “ah, vai transmitir na rádio

Eldorado”, mas eu não sei se ele vai ouvir. Ele sabe onde a gente está, agora a resposta se essa menina, mesmo os mais velhos, se eles estão ouvindo a gente eu não sei. O fato de não ter mais o radinho [...] eu fico imaginando, se eu não tiver televisão em casa? Eu vou ver televisão na mesma proporção que eu vejo? Talvez seja pela internet ou celular, mas vai ser o mesmo prazer? Porque o rádio você coloca em um canto e vai, anda, e ele está lá. Você está ouvindo em todo o canto. Eu acho muito estranho não ter o aparelho, para ouvir AM e FM. Agora, ele pode falar, pode ser um celular, qualquer coisa, mas para mim ele tinha que ser rádio. O rádio continua aí, mas você não pega mais o rádio para ouvir. Televisão você liga para ver, então quando a gente parar de ligar a televisão, você está vendo a imagem, mas não é mais televisão. E eu acho muito estranho isso. E acho que isso leva a uma diminuição de público, porque as pesquisas dos institutos mostram que há uma queda brutal. O cara pergunta “que rádio você está ouvindo? que rádio você gosta de ouvir? Que programa você gosta de ouvir? Que locutor você gosta?” As pessoas não respondem mais. Já perguntam para pouca gente, o universo é muito pequeno e o rádio não tem dinheiro pra nada. E a pesquisa custa, então as rádios fazem um pacote. Tem lá, não sei, 40 rádios que contratam o IBOPE, cada uma paga um X, e o IBOPE faz dentro do que eles pagam. Se pagam bem, ele faz uma pesquisa boa, se pagam mal ele faz uma pesquisa ruim. Aí eles ficam rodando, eles fazem pesquisas normalmente trimestrais. A próxima saída do IBOPE “ah, vamos para a Zona Sul”, aí vai pra Zona Sul, ouvem lá 500 pessoas, 300, não sei quantas. Aí sai o IBOPE daquele trimestre: “ah, houve um crescimento aqui da Rádio Globo, uma queda da JP, ah a Record subiu um pouco, Capital desceu”. “ah, mas eles foram na Zona Sul, lá a Capital não pega direito, a Globo entra com som mais forte”. Aí no outro trimestre vamos para a Zona Norte, aí tem uma pequena oscilação. Então é muito difícil de entender os números do IBOPE, de você confiar mesmo, mas eles são super importantes, porque eles que dão o retorno publicitário. E não adianta, você vê a gente aqui [Eldorado/ESPN], a gente está há 3 anos e os números são péssimos. Não houve ainda um trabalho de [...] se você não levantar esses números...

**RF:** Em compensação os números de *page views* são bons comparativamente às outras rádios. O número de acesso via internet é muito grande. Vocês têm muito ouvinte de fora de São Paulo. Do Rio, de Belém, dos Estados Unidos [...] teve duas meninas que pegaram um avião do Rio só para conhecer a ESPN...

**PS:** Eu sei quem são. Elas são super boa gente, até dei carona para elas. A Mariana, de Belo Horizonte. Bom, não sei se você está falando de outras...

**RF:** Elas vieram para cá para conhecer. Elas estão com contato pela TV também. A Eldorado/ESPN abarca muita gente da televisão para dentro da rádio. Você acha que - vamos brincar de futurologia - os locutores, tanto os que estão há mais tempo, como Reinaldo Costa, quanto quem está vindo. O cara que vai narrar no rádio que hoje está no celular, na internet, está na televisão à cabo. Por mais discutível que seja o suporte. Como ele vai lidar com essa interatividade?

**PS:** Eu acho o seguinte: o locutor [...] uma análise fria, posso estar errado. O cara gosta de você ele vai te seguir. Então, primeiro você tem que fazer com que essas pessoas te

conheçam, saibam onde você está, quem você é. Para muita gente você tem que ser apresentado, muita gente sabe quem é você. Agora, eu acho que se a gente pensar em termos de locutor, o José Silvério, que narra na Bandeirantes, ele vai durante um tempo ter um público seguidor, e um público que não vai deixar de ouvir o Silvério. Ele pode deixar de ouvir rádio. E provavelmente muita gente que ouve o Silvério assiste a ESPN, gosta da ESPN, gosta do Trajano, gosta do Sportscenter, gosta de não sei o que, mas na hora do jogo ele vai ouvir o Silvério na Bandeirantes. Outros muitos vão ouvir o Oscar Ulisses na rádio Globo. Eu acho que o locutor ainda atrai muito o público, especialmente na Bandeirantes o Silvério e na Globo o Ulisses. Eu acho que eles é que carregam ainda a audiência dessas emissoras, isso porque eu acho que há um enfraquecimento muito grande das equipes da Bandeirantes e da Globo. Como acho que a JP as pessoas ouvem mais não pelo Nilson César, narrador titular, mas pelo conjunto da obra, de uma rádio que se estabeleceu durante anos e anos, criou uma identidade com o público da informação. Muitos que ouviam o Osmar nos anos 70 seguiram ouvindo a JP quando o Osmar foi pra Globo; muitos que ouviam o Silvério seguiram ouvindo a JP quando o Silvério foi pra Bandeirantes. É porque o cara é muito fiel à JP. Seguidores de locutores são seguidores do Silvério e do Osmar. E no caso dos outros locutores, deve haver uma reflexão. Dos locutores e a moldura, a pintura, tudo da jornada esportiva tem que mudar, para buscar essa gente que está gravitando em torno dessas mídias todas, que ou vai te ouvir pelo rádio, ou pelo celular, ou pela internet. Mas, você tem que apresentar um produto diferente para essa gente. Eu acho que a chance está no produto diferente. Mas a nossa concepção, quando o resultado é aquele que está no ar, a gente [Eldorado/ESPN] é igual, a gente não tem nada de diferente dos outros. A gente está ali no meio. Eu acho que isso atrasa muito o nosso crescimento, porque eu acho que a gente não tem nada diferente, e essa é a realidade. Eu me ouço porque eu gosto de ouvir minhas narrações, então eu gravo e fico ouvindo em casa. Fico ouvindo, avaliando aqui e ali. Mas isso não cabe só ao locutor, porque o Reinado é bom locutor, eu acho que sou bom locutor, o Everaldo é bom locutor. Eu venho de uma escola que pegou essa transição do rádio mais romântico, mais artístico, pro rádio esportivo, mais pra informação, a escola de narradores. Então você tinha lá Osmar Santos, Silvério, Fiori Gigliotti, Flávio Araújo, Ênio Rodrigues, Osvaldo Maciel, Oscar Ulisses. O Oscar é um pouco mais velho do que eu, mas ele está nesse grupo de locutores de uma geração um pouco anterior à nossa que vem mais preocupado com o jogo, com o espetáculo, com a emoção do jogo, a arte, a plástica, uma coisa mais romântica. Aí eu, Luis Roberto, que agora narra na TV Globo, nós somos grandes amigos, então a gente vem junto desde os 15 anos, pensando muito o rádio. Chegou certo momento lá nos anos 85, 86, que a gente começou a arriscar a fazer transmissões mais informativas, então a gente percebeu que precisava buscar coisas diferentes. O que a gente foi buscar? A informação. Então a gente passou a transmitir com informação, não era só o locutor que narrava, descrevia jogada. A gente sempre estava acrescentando com alguma informação, o que na época era uma coisa muito diferente e até um pouco agressiva, porque não tinha internet. A gente viva muito mais ilhado, distante desse mundo de hoje. A gente começou a se interessar muito e se esforçar muito pra acompanhar o que rolava na Europa. Eu usava naquela época “se sua opção é informação, aqui tem”. Às vezes eu ouço o Silvério, eu adoro o Silvério, ouço o Oscar, adoro o Oscar, são muito amigos meus, mas eu fico ouvindo e acho que eles estão muito antigos. O Silvério que é o Deus da transmissão e tal, mas é só aquilo. Ele é um gravador. Todo domingo e toda quarta é a mesma coisa, pode ser Juventus x Marília, pode ser Alemanha x Itália, Brasil x Argentina. Ele está sempre na mesma batidinha, não tem uma coisa diferente, mas tudo bem, é ele. Não sei quanto que isso vai resistir. Mesmo essa coisa do Galvão na TV Globo, os locutores de televisão também assumem muito pra eles. Tudo é o locutor. Aqui [ESPN] que

os comentaristas têm uma presença mais marcante nas transmissões, a cada dois minutos você ouve a voz do comentarista, às vezes até com um pouco de exagero, tem que haver aí um equilíbrio. Mas muito narrador, muito locutor, seja no rádio, na televisão; a não ser que o cara seja espetacular, seja genial. Senão eu acho que tem que haver uma mudança mesmo, todo mundo tem que pensar um pouco, refletir, entender quais são os novos caminhos, como a gente se apresenta, como as pessoas estão recebendo a gente. E eu acho que a armação de tudo isso aí, de uma jornada, ela tem que mudar. O Milton Neves que faz o antes do jogo na Bandeirantes, na JP eu achava bom, e mais lá atrás ainda era ótimo. Hoje ele está muito ruim. Está uma coisa muito pobre. O rádio não pode ser isso. É um veículo muito grande, muito bonito e muito importante pra se permitir 4, 5, 6 horas de um “blábláblá” que não vai pra lugar nenhum. É como você colocar 6 horas de Ratinho no ar, é uma coisa muito apelativa, não precisa. Uma hora de Ratinho está bom. É isso que eu acho, o rádio precisa rever muitos conceitos.

## QUESTIONÁRIOS

**Nome:** Bruna Mariana Lopes Coutinho

**Idade:** 26 anos

**Profissão:** Historiadora

### Sobre a ELDORADO/ESPN

#### É ouvinte da Eldorado/ESPN:

Assíduo

Esporádico

#### Costuma ouvir a Eldorado/ESPN pelo:

Rádio dial (tradicional)

Rádio na internet

#### Quando o jogo do seu time passa na TV,

Ouve também no rádio

Aproveita o som da própria TV

#### Quais ferramentas de interação você usa? (pode marcar quantas quiser)

Mural do site ESPN

Território Eldorado

Twitter @eldoradoespn

Telefone (liguei apenas uma vez para deixar mensagem, conta?) (risos)

Nenhuma

#### Qual delas é a sua preferida? Por que?

Gostava muito da época que era por e-mail. Agora com o mural as pessoas ficam repetindo “N” vezes a mesma mensagem. Com o twitter isso deu uma melhorada, ultimamente tenho preferido o twitter.

#### Caso tenha respondido “Nenhuma”, por que não utiliza?

#### Na Eldorado/ESPN, quem é seu locutor favorito? Por que?

Gosto muito do Marcelo Di Lallo, ele torna as transmissões divertidas, interage com os ouvintes. E isso é, pra mim, o grande lance da ESPN e da Eldorado ESPN pois fideliza seu público da uma sensação única de proximidade entre o ouvinte e seu público, o que cativa e mantém essa relação.



**Qual é seu locutor favorito levando em conta qualquer rádio brasileira?**

Marcelo Di Lallo, gostava muito do pessoal do Rock Bola também, mas não sei o nome deles.

**Você acha que o som ambiente dos estádios é bem claro nas transmissões da Eldorado/ESPN?**

Sim, acho que conseguem transmitir com clareza a atmosfera do jogo.

**Pra você, qual é o diferencial da Eldorado/ESPN em relação às outras rádios?**

Pra mim, o grande lance da ESPN e da Eldorado ESPN pois fideliza seu público da uma sensação única de proximidade entre o ouvinte e seu público, o que cativa e mantém essa relação

**Sobre o torcedor****Já foi ver seu time no estádio de futebol?**

Sim

Não

**Se sim, com que frequência?**

Sempre, sou realmente fã de esportes em geral e apaixonada por futebol, pelo meu Vasco, sempre que possível vou a São Januário e no Maracanã.

**Conhece os hinos das torcidas do seu time (além do hino oficial do clube)? Poderia citar algum?**

Eu sou daquele tipo de torcedora que tem um time em cada lugar, sabe como? (risos) Meu primeiro time é o Vasco, mas em Minas gosto do Cruzeiro, em Sampa do Palmeiras, e por ai vai.

Do Rio sei o hino dos grandes clubes, Botafogo, Vasco, Fluminense e até do Flamengo (embora não goste de cantar esse, Risos), sei muitos de São Paulo também, sei o do Cruzeiro e do Atlético Mineiro.

**Como aprendeu esses hinos?**

Indo no estádio e com o cd com os hinos dos clubes (risos) O do Vasco é cantado pela Fernanda Abreu, é ótimo!

**Costuma ir ao estádio ouvindo rádio?**

Sim

Não

**Leva algum tipo de rádio ao estádio para escutar o jogo? (radinho de pilha, mp3, celular, etc)**

Sim

Não

**O tumulto na entrada e saída do estádio o incomoda? Por que?**

Muito, primeiro que até se entrar no estádio o clima de tensão é imenso. A rivalidade das torcidas, ou melhor, a rivalidade das torcidas atenuadas pelas Torcidas organizadas causa uma sensação de desconforto. Então encontramos um cenário conturbado você tentando entrar no estádio o mais rápido possível, geralmente indo sem camisa (levando ela na bolsa e tals) e a polícia tentando organizar a entrada. Liberam poucas entradas, te tratam de forma hostil, enfim não é fácil ser torcedor.

**Conseguiria lembrar de alguns sons presentes em um estádio de futebol? (pode ser qualquer tipo de som tanto dentro do estádio como nos arredores)**

Lembro do som da torcida entrando no estádio, das músicas das torcidas, da Suderj anunciando as substituições e a renda do jogo.

**Pra você, qual é o momento que mais impressiona e emociona dentro do estádio de futebol?**

Quando a torcida se levanta e canta quando os jogadores do seu time entra. Ou quando seu time vira um jogo e te da aquele sentimento de alívio depois daquela aflição da espera pelo gol. GOLLLLLLLLLLLLLL !!! É incrível!

**Nome:** Natália Pioli  
**Idade:** 19 anos  
**Profissão:** Estudante

### **Sobre a ELDORADO/ESPN**

#### **É ouvinte da Eldorado/ESPN:**

- Assíduo
- Esporádico

#### **Costuma ouvir a Eldorado/ESPN pelo:**

- Rádio dial (tradicional)
- Rádio na internet

#### **Quando o jogo do seu time passa na TV,**

- Ouve também no rádio
- Aproveita o som da própria TV

Isso depende do canal do canal em que está passando o jogo, se eu não gosto do narrador e dos comentaristas, prefiro ouvir alguém do rádio que eu goste.

#### **Quais ferramentas de interação você usa? (pode marcar quantas quiser)**

- Mural do site ESPN
- Território Eldorado
- Twitter @eldoradoespn
- Telefone
- Nenhuma

#### **Qual delas é a sua preferida? Por quê?**

São as mais rápidas e práticas para interagirmos, principalmente o twitter; e também são as que eu percebo que a rádio dá mais atenção.

#### **Caso tenha respondido “Nenhuma”, por que não utiliza?**

#### **Na Eldorado/ESPN, quem é seu locutor favorito? Por quê?**

Paulo Soares, porque eu gosto muito dele e dá voz dele, para mim é a mais marcante. Mas quanto aos outros, todos são muito bons, gosto de todos – Cledi Oliveira, Everaldo Marques, Reinaldo Costa...

**Qual é seu locutor favorito levando em conta qualquer rádio brasileira?**

Éder Luis, não que ele seja melhor que outros nem nada disso, para mim ele é bom, mas não ‘sensacional’, talvez nem seja o melhor locutor, mas é que eu já tenho o hábito de acompanhá-lo há bastante tempo, bem antes de ter a Eldorado/ESPN, por exemplo, e às vezes é cômodo continuar com o que já estamos acostumados.

**Você acha que o som ambiente dos estádios é bem claro nas transmissões da Eldorado/ESPN?**

Acho, e muito som ambiente às vezes acaba atrapalhando - por exemplo, os repórteres.

**Pra você, qual é o diferencial da Eldorado/ESPN em relação às outras rádios?**

Credibilidade acima de tudo. Todos os profissionais da ESPN, não só na rádio, mas em tudo o que fazem. E a seriedade com que tratam as notícias sem se tornarem chatos e cansativos. E também as variações que fazem nas transmissões, como nas duas últimas rodadas do Campeonato Brasileiro desse ano em que usaram o antigo sistema de carrossel de transmissão para cobrir vários jogos simultâneos.

**Sobre o torcedor**

**Já foi ver seu time no estádio de futebol?**

Sim

Não

**Se sim, com que frequência?**

Sempre que posso e quando ele joga em casa, uma vez por mês pelo menos, ou uma a cada dois meses.

**Conhece os hinos das torcidas do seu time (além do hino oficial do clube)? Poderia nomear alguns?**

“Não pára, não pára, não pára...”

“Corinthians, Corinthians minha vida, Corinthians minha história, Corinthians meu amor...”

“Aqui tem um bando de loucos, loucos por ti Corinthians. E pra aqueles que acham que é pouco, eu vivo por ti, Corinthians...”

“Poropopó, pó, pó, pó, pó. Poropopó, pó, pó, pó, pó...”

**Como aprendeu esses hinos?**

No estádio, e depois ouvindo em casa.

**Costuma ir ao estádio ouvindo rádio?**

Sim

Não

Quando não vou ouvindo rádio, vou ouvindo o cd da Gaviões da Fiel, para entrar no clima.

**Leva o radinho de pilha para o estádio?**

Sim

Não

Escuto no celular.

**O tumulto na entrada e saída do estádio o incomoda? Por que?**

Na entrada é um pouco mais tenso, e dependendo do adversário também assusta um pouco, mas tento evitar o tumulto chegando mais cedo. Já na saída é gostoso, principalmente se o time ganha, todos saem cantando junto, fazendo festa, é bom demais, lava a alma.

**Conseguiria identificar alguns sons presentes em um estádio de futebol?**

Além do vendedor de picolé gritando chocolate, coco e limão? rsrs. Quando estou no estádio só posso ouvir o barulho da torcida e às vezes o locutor do estádio. Por isso que fica mais fácil acompanharmos o jogo pelo rádio. Principalmente quando perdemos algum lance - não dá para entender o que aconteceu com tanto barulho e sem replay.

**Pra você, qual é o momento que mais impressiona e emociona dentro do estádio de futebol?**

Tem três momentos no estádio para mim que têm uma energia inigualável: quando o time entra em campo, quando executam o hino nacional e, claro, quando sai gol do nosso time.

**Nome:** Jéssica Nayara  
**Idade:** 20 anos  
**Profissão:** Estudante de Jornalismo

### **Sobre a ELDORADO/ESPN**

#### **É ouvinte da Eldorado/ESPN:**

- Assíduo
- Esporádico

#### **Costuma ouvir a Eldorado/ESPN pelo:**

- Rádio dial (tradicional)
- Rádio na internet

#### **Quando o jogo do seu time passa na TV,**

- Ouve também no rádio
- Aproveita o som da própria TV

#### **Quais ferramentas de interação você usa? (pode marcar quantas quiser)**

- Mural do site ESPN
- Território Eldorado
- Twitter @eldoradoespn
- Telefone
- Nenhuma

#### **Qual delas é a sua preferida? Por que?**

Twitter, acho muito mais divertido.

#### **Caso tenha respondido “Nenhuma”, por que não utiliza?**

#### **Na Eldorado/ESPN, quem é seu locutor favorito? Por que?**

Difícil... Gosto quando o Paulo Soares narra e o Reinaldo Costa também.

#### **Qual é seu locutor favorito levando em conta qualquer rádio brasileira?**

Só escuto a Eldorado, por isso gosto quando o Paulo Soares narra e o Reinaldo Costa também.

#### **Você acha que o som ambiente dos estádios é bem claro nas transmissões da Eldorado/ESPN?**

Só escuto a Eldorado e adoro o som das transmissões da Eldorado

**Pra você, qual é o diferencial da Eldorado/ESPN em relação às outras rádios?**

A Eldorado/ESPN, como a ESPN Brasil pra mim é a extensão da minha família. Todos me tratam com muito carinho, e isso que eu acho de diferencial na Eldorado. Quando escuto um jogo, sinto que estou na cabina do lado deles.

**Sobre o torcedor**

**Já foi ver seu time no estádio de futebol?**

- Sim  
 Não

**Se sim, com que frequência?**

Vou a todos os jogos do meu time no estádio.

**Conhece os hinos das torcidas do seu time (além do hino oficial do clube)? Poderia citar algum?**

Conheço todos os hinos do meu clube. “ Ih ninguém cala esse nosso amor e é por isso que eu canto assim é por ti foooooogo”

**Como aprendeu esses hinos?**

Indo aos jogos

**Costuma ir ao estádio ouvindo rádio?**

- Sim  
 Não

**Leva algum tipo de rádio ao estádio para escutar o jogo? (radinho de pilha, mp3, celular, etc)**

- Sim  
 Não

**O tumulto na entrada e saída do estádio o incomoda? Por que?**

Incomoda demais. Sou botafoguense e o problema na entrada acontece muito pelo desrespeito dos dirigentes do meu time. Não pode abrir só uma catraca num jogo que leva 40 mil pessoas ao estádio.

**Conseguiria lembrar de alguns sons presentes em um estádio de futebol? (pode ser qualquer tipo de som tanto dentro do estádio como nos arredores)**

Som presente em estádio?!? Só o da torcida mesmo e do alto falante do Engenhão quando funciona... rs

**Pra você, qual é o momento que mais impressiona e emociona dentro do estádio de futebol?**

Quando o seu time de coração faz um gol, não existe alegria melhor dentro de um estádio de futebol, melhor ainda quando esse gol dá um título para o seu time.



**Nome:** Mayra Siqueira

**Idade:** 23 anos

**Profissão:** Jornalista

### **Sobre a ELDORADO/ESPN**

#### **É ouvinte da Eldorado/ESPN:**

- Assíduo
- Esporádico

#### **Costuma ouvir a Eldorado/ESPN pelo:**

- Rádio dial (tradicional)
- Rádio na internet

#### **Quando o jogo do seu time passa na TV,**

- Ouve também no rádio
- Aproveita o som da própria TV

#### **Quais ferramentas de interação você usa? (pode marcar quantas quiser)**

- Mural do site ESPN
- Território Eldorado
- Twitter @eldoradoespn
- Telefone
- Nenhuma

#### **Qual delas é a sua preferida? Por que?**

Twitter. Porque eu já estou acostumadíssima e viciada nessa nova “moda”, e acompanho não só o jogo, como posso comentar pelo twitter da rádio e também ver meus outros “tweets” ao mesmo tempo.

#### **Caso tenha respondido “Nenhuma”, por que não utiliza?**

#### **Na Eldorado/ESPN, quem é seu locutor favorito? Por que?**

Reinaldo Costa, que tem a “cara” já da rádio, e é bastante experiente. Mas não tenho problemas com nenhum outro. Acho FUNDAMENTAL uma emissora ter um locutor fixo, pois é imprescindível criar essa ligação com seu público.

**Qual é seu locutor favorito levando em conta qualquer rádio brasileira?**

Gosto muito do Deva, da CBN. Antes de eu “trocar” a CBN pela Eldorado/ESPN, só ouvia as narrações dele. Acho engraçado seu jeitão despachado.

**Você acha que o som ambiente dos estádios é bem claro nas transmissões da Eldorado/ESPN?**

Sim, adequado.

**Pra você, qual é o diferencial da Eldorado/ESPN em relação às outras rádios?**

A cobertura de campeonatos internacionais (graças à ESPN), com a Liga dos Campeões, por exemplo, e a inovação que foi o tal “carrossel” das duas rodadas finais do Brasileirão, com 4 jogos ao mesmo tempo. Uma ideia sensacional! Ah, e a equipe de reportagem é ótima.

**Sobre o torcedor****Já foi ver seu time no estádio de futebol?**

Sim

Não

**Se sim, com que frequência?**

Aproximadamente uma vez por mês. No máximo 1 vez a cada 45 dias.

**Conhece os hinos das torcidas do seu time (além do hino oficial do clube)? Poderia citar algum?**

Sim. Sou corintiana, e sei os gritos normais da torcida, além, claro, do hino. Como “Bando de Loucos”, “Corinthians minha vida”, “A semana inteira fiquei esperando...” (não sei o nome), etc...

**Como aprendeu esses hinos?**

Indo aos estádios e, um ou outro, confirmei a letra baixando para ouvir na internet (vídeos de youtube, baixando mp3 com os gritos, lendo as letras na internet...)

**Costuma ir ao estádio ouvindo rádio?**

Sim – SEMPRE!

Não

**Leva algum tipo de rádio ao estádio para escutar o jogo? (radinho de pilha, mp3, celular, etc)**

Sim - celular

( ) Não

**O tumulto na entrada e saída do estádio o incomoda? Por que?**

Não, estou acostumada. Apenas quando lota demais é bem ruim.

**Conseguiria lembrar de alguns sons presentes em um estádio de futebol? (pode ser qualquer tipo de som tanto dentro do estádio como nos arredores)**

Além da torcida que é, claro, o som mais marcante, vale o apito do juiz, os gritos dos técnicos, e os auto-falantes do estádio, que costumam anunciar as notícias ou mesmo avisar que informações aparecerão no telão.

**Pra você, qual é o momento que mais impressiona e emociona dentro do estádio de futebol?**

O gol do seu time. Sempre. As pessoas se abraçam sem nem saber quem são, e sem nem cobrar nada umas das outras depois. O sorriso é unânime, os abraços, pulos, berros, gritos. Quando o êxtase acaba, você percebe que estava até então às lágrimas com um completo desconhecido. Que assim continuará sendo no momento do apito final. Mas, por alguns segundos, ele foi alguém que viveu o mesmo que você.

**Nome:** Gabriel Augusto de Araújo

**Idade:** 11

**Profissão:** Estudante

### **Sobre a ELDORADO/ESPN**

#### **É ouvinte da Eldorado/ESPN:**

- Assíduo
- Esporádico

#### **Costuma ouvir a Eldorado/ESPN pelo:**

- Rádio dial (tradicional)
- Rádio na internet

#### **Quando o jogo do seu time passa na TV,**

- Ouve também no rádio
- Aproveita o som da própria TV

#### **Quais ferramentas de interação você usa? (pode marcar quantas quiser)**

- Mural do site ESPN
- Território Eldorado
- Twitter @eldoradoespn
- Telefone
- Nenhuma

#### **Qual delas é a sua preferida? Por que?**

Twitter @eldoradoespn, porque você consegue se manter muito bem informado não só ouvindo a rádio, mas também pelo computador, em uma ferramenta divertida como o twitter.

#### **Caso tenha respondido “Nenhuma”, por que não utiliza?**

#### **Na Eldorado/ESPN, quem é seu locutor favorito? Por que?**

Reinaldo Costa, porque ele passa a emoção do campo para você. Ele faz com que o ouvinte saiba a exata localização do jogador e da bola. Gosto muito da Reinaldo!

#### **Qual é seu locutor favorito levando em conta qualquer rádio brasileira?**

Bom, como já disse, adoro o Reinaldo, mas quando ainda não existia a Eldorado/ESPN, ouvia muito a Rádio Bandeirantes, então, José Silvério, o “Pai do Gol”. O Silvério é sensacional!

**Você acha que o som ambiente dos estádios é bem claro nas transmissões da Eldorado/ESPN?**

Sim. Isso é muito bom, para você sentir a emoção e o calor da torcida, como se você estivesse no estádio.

**Pra você, qual é o diferencial da Eldorado/ESPN em relação às outras rádios?**

É uma rádio que tem vários profissionais de ótima qualidade, que passam tudo para você. Ouvindo a rádio Eldorado/ESPN, você consegue se manter muito bem informado sobre o mundo dos esportes. Isso é o diferencial desta rádio!

**Sobre o torcedor**

**Já foi ver seu time no estádio de futebol?**

- Sim  
 Não

**Se sim, com que frequência?**

Raramente.

**Conhece os hinos das torcidas do seu time (além do hino oficial do clube)? Poderia citar algum?**

Sim. “Aqui tem um Bando de Loucos”, do Corinthians.

**Como aprendeu esses hinos?**

Como não vou muito aos estádios, é pelas transmissões esportivas mesmo, ouvido a torcida pelo “som ambiente”.

**Costuma ir ao estádio ouvindo rádio?**

- Sim  
 Não

**Leva algum tipo de rádio ao estádio para escutar o jogo? (radinho de pilha, mp3, celular, etc)**

- Sim  
 Não

**O tumulto na entrada e saída do estádio o incomoda? Por que?**

Sim, porque você corre riscos de ser assaltado, sair machucado etc.

**Conseguiria lembrar de alguns sons presentes em um estádio de futebol? (pode ser qualquer tipo de som tanto dentro do estádio como nos arredores)**

O som da torcida. O som mais emocionante que você pode encontrar em um estádio.

**Pra você, qual é o momento que mais impressiona e emociona dentro do estádio de futebol?**

Quando o seu time toma um gol e a torcida, pelo menos do meu, continua empurrando o time, parecendo que não sente o gol do adversário!

**Nome:** Eric de Carvalho

**Idade:** 33 anos

**Profissão:** Redator publicitário

### **Sobre a ELDORADO/ESPN**

#### **É ouvinte da Eldorado/ESPN:**

- Assíduo
- Esporádico

#### **Costuma ouvir a Eldorado/ESPN pelo:**

- Rádio dial (tradicional)
- Rádio na internet

#### **Quando o jogo do seu time passa na TV,**

- Ouve também no rádio
- Aproveita o som da própria TV

#### **Quais ferramentas de interação você usa? (pode marcar quantas quiser)**

- Mural do site ESPN
- Território Eldorado
- Twitter @eldoradoespn
- Telefone
- Nenhuma

#### **Qual delas é a sua preferida? Por que?**

#### **Caso tenha respondido “Nenhuma”, por que não utiliza?**

Porque quando assisto em casa, vejo pela TV. Quando ouço no carro não me conecto a internet.

#### **Na Eldorado/ESPN, quem é seu locutor favorito? Por que?**

Não sei de cabeça.

#### **Qual é seu locutor favorito levando em conta qualquer rádio brasileira?**

Não sei de cabeça.

**Você acha que o som ambiente dos estádios é bem claro nas transmissões da Eldorado/ESPN?**

Sim.

**Pra você, qual é o diferencial da Eldorado/ESPN em relação às outras rádios?**

Os comentários do PVC, além de uma cobertura que valoriza a inteligência e conhecimento do torcedor.

**Sobre o torcedor**

**Já foi ver seu time no estádio de futebol?**

Sim

Não

**Se sim, com que frequência?**

Hoje em dia, 6 vezes ao ano.

**Conhece os hinos das torcidas do seu time (além do hino oficial do clube)? Poderia citar algum?**

Sim. Conheço os hinos cantados em estádio, não sei se há um hino oficial das torcidas palmeirenses.

**Como aprendeu esses hinos?**

Ouvindo no estádio.

**Costuma ir ao estádio ouvindo rádio?**

Sim

Não

**Leva algum tipo de rádio ao estádio para escutar o jogo? (radinho de pilha, mp3, celular, etc)**

Sim

Não

**O tumulto na entrada e saída do estádio o incomoda? Por que?**

Não. Faz parte do espetáculo.



**Conseguiria lembrar de alguns sons presentes em um estádio de futebol? (pode ser qualquer tipo de som tanto dentro do estádio como nos arredores)**

Gritos de cambistas e ambulantes, xingamentos da torcida e os cânticos das organizadas.

**Pra você, qual é o momento que mais impressiona e emociona dentro do estádio de futebol?**

O momento de uma coreografia que envolva grande parte da torcida, como quando sobem a bandeira do time.